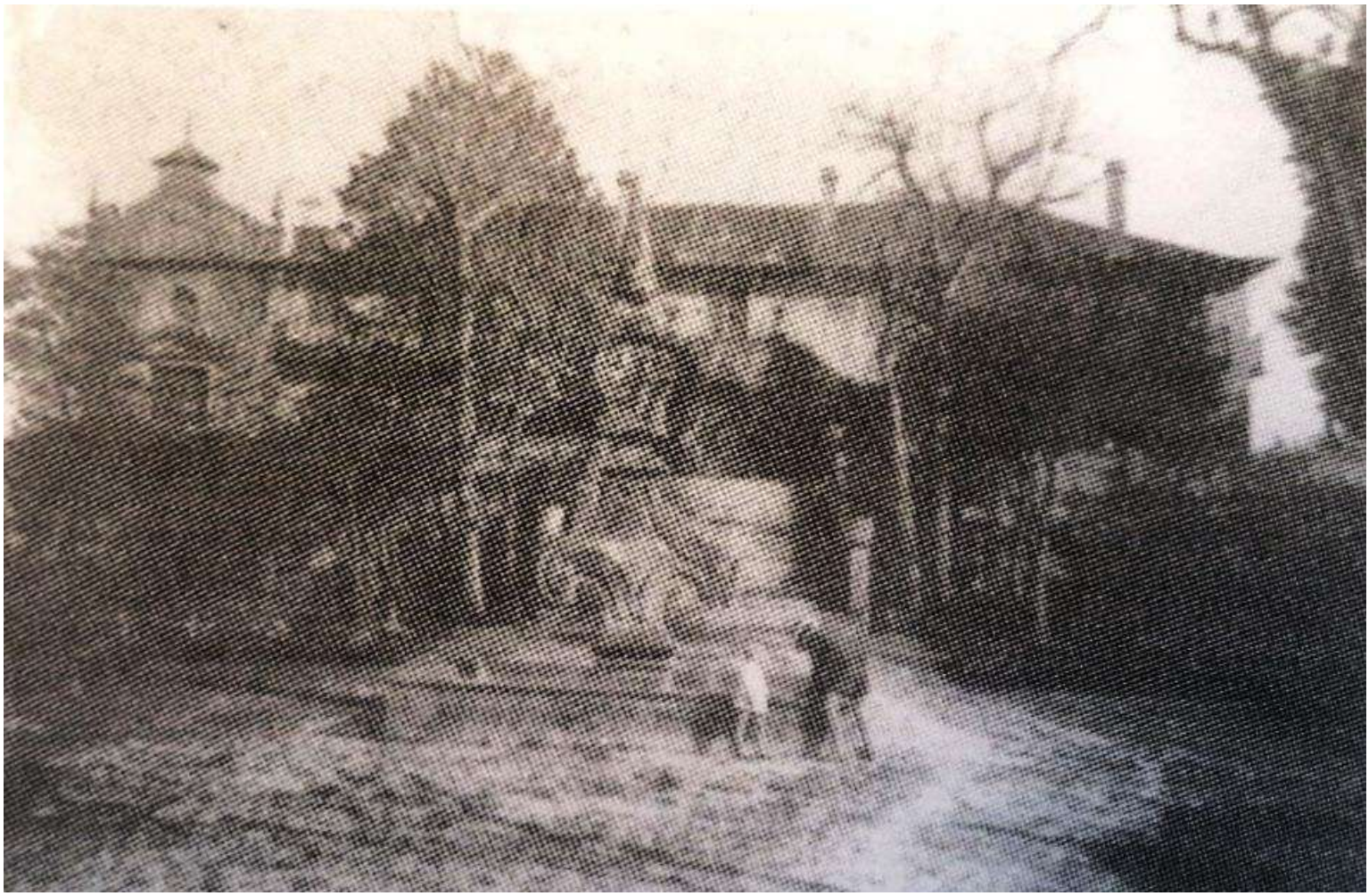


Sobre a Recuperação de Jardins Históricos -

O caso da Quinta de Salgueiros, no Porto.

Emanoele Colling

Mestrado em Arquitetura Paisagista,

Departamento de Geociências, Ambiente e Ordenamento do Território

2021

Orientador

Teresa Dulce Portela Marques, Professora e Arquiteta Paisagista,

Faculdade de Ciências da Universidade do Porto

U.PORTO

FACULDADE DE CIÊNCIAS
UNIVERSIDADE DO PORTO

Todas as correções determinadas pelo júri, e só essas, foram efetuadas.

O Presidente do Júri,

Porto, _____/_____/_____

Agradecimentos

A realização desta dissertação não teria sido possível sem o importante contributo de algumas pessoas que, de uma forma mais ou menos direta, tiveram um papel fundamental no seu desenvolvimento.

Em primeiro lugar, agradeço à minha orientadora, a professora Teresa Dulce Portela Marques, pela disponibilidade e minucioso apoio.

A todos os professores e colegas de mestrado com quem tive o prazer de partilhar esses dois anos, que contribuíram para a minha aprendizagem e crescimento enquanto aluna. Não posso deixar de mencionar cinco colegas, que participaram ativamente da minha vida acadêmica no curso de arquitetura paisagista e que hoje são grandes amigos: Dorys, Eduardo, Heloísa, Marília e Miguel.

Ao longo da minha pesquisa, tomei conhecimento do trabalho desenvolvido na disciplina de História da Arquitetura Portuguesa da FAUP sobre a Quinta de Salgueiros e quero agradecer aos alunos André Barros, Duarte Gonçalves, Tiago Rosa e, principalmente, ao Leonardo Grogg, por disponibilizarem o resultado do levantamento e da investigação realizada.

Quero agradecer a todos os meus familiares, com especial atenção aos meus pais, João e Marlise, que me guiam e me apoiam incondicionalmente. Agradeço também ao meu irmão Everton, à minha cunhada Luiza e à minha sobrinha Aurora pelos aprendizados diários e por sempre me instigarem a buscar conhecimento.

Agradeço ao meu namorado, Ricardo Herbstrith, pelo companheirismo, constância, paciência e imensurável ajuda.

E, por fim, mas não menos importante, a todos os amigos, mais ou menos presentes, mais ou menos perto, por sempre terem sorrisos e palavras positivas.

Resumo

A Quinta de Salgueiros, na freguesia de Campanhã, no Porto, é o objeto de estudo da presente dissertação.

Com centenas de anos de história, essa propriedade, que por um longo período dominou territorialmente o vale de Contumil, é um exemplo emblemático das quintas do aro do Porto de meados do séc. XVIII, atreladas à produção e ao recreio.

Essa quinta abrigou inúmeras espécies exuberantes, vinculadas, principalmente, à figura de Jacintho de Mattos (?-1948), um dos mais importante horticultores-paisagistas de Portugal. Atualmente, o território que restou da propriedade é bem inferior ao original e sua paisagem aparece descaracterizada pelo domínio de espécies invasoras e pela falta de manutenção e de conservação.

Essa paisagem tão modificada acaba por não exercer nenhuma função que favoreça o bem-estar da população e do meio ambiente, caindo logo, então, em um esquecimento que tardou a ser quebrado. Em 2002, a Câmara Municipal do Porto aprovou o Plano de Pormenor das Antas, revisto em 2014, que prevê a criação de um parque público, chamado de Parque das Antas, do qual a Quinta de Salgueiros fará parte.

É aspiração deste trabalho estudar a Quinta de Salgueiros e o território envolvente, recuando no tempo através de cartografias e de iconografias que permitam compreender a evolução da sua ocupação, com o intuito de propor um gesto de projeto que promova a recuperação do seu jardim histórico e, mais do que proponha uma solução definitiva, levante hipóteses para a reabilitação da identidade e do valor dessa paisagem e para sua integração na rede de espaços verdes públicos.

Palavras-chave: Recuperação de Jardins históricos; Quinta de Salgueiros; Jacintho de Mattos.

Abstract

The Quinta de Salgueiros, in the Campanhã neighborhood, in Porto, is the object of study of this dissertation.

With hundreds of years of history, this property, which for a long period territorially dominated the Contumil valley, is an emblematic example of farms in the Porto suburb of the mid XVIII century, related with production and recreation.

This Quinta had numerous exuberant species, mainly associated to Jacintho de Mattos, one of the most important landscape gardeners in Portugal. Currently, the territory that remains of the property is much smaller than the original and its landscape appears to be uncharacterized by the domain of invasive species and by the lack of maintenance and conservation.

This modified landscape turns to not exercising any function that favors the well-being of the population and the environment, falling immediately into an oblivion that took a long time to cease. In 2002 the Porto City Council approved the Detailed Plan of Antas, revised in 2014, which proposes the construction of a public park, called Parque das Antas, of which Quinta de Salgueiros will be part.

The purpose of this work it is to study Quinta de Salgueiros and the surrounding territory, going back in time through cartographies and iconographies that allow to understand the evolution of its occupation, in order to propose a project idea that promotes the recovery of its historic garden and, more than proposing a definitive solution, intends to raise hypotheses for recovering the identity and value of this landscape and its integration into the network of public green spaces.

Keywords: Recovery of Historic Gardens; Quinta de Salgueiros; Jacintho de Mattos.

Índice Geral

Agradecimentos 3
Resumo 4
Abstract 5
Índice Geral 6
Índice de Figuras 8
Lista de Anexos 11
Lista de Abreviaturas 12
1. Introdução 13
1.1. Problemas e objetivos 14
1.2. Metodologia de investigação 15
1.3. Limitações 16
2. Caracterização da área de estudo 17
2.1. Localização e enquadramento 17
2.2. Evolução temporal e espacial 18
2.2.1. A freguesia de Campanhã e o lugar de Contumil 18
2.2.2. O movimento hortícola no Porto e o trabalho de Jacintho de Mattos 29
2.2.3. A Quinta de Salgueiros 32
2.3. Estado de conservação da Quinta de Salgueiros 53
2.4. Factores que afetam o lugar 64
2.4.1. Plano Diretor Municipal - Condicionantes 64
2.4.2. Estrutura Ecológica Municipal 65
2.4.3. Valor Patrimonial 66
2.4.4. Plano de Pormenor das Antas 67
2.5. Vulnerabilidades 69
2.5.1. Construções da envolvente 69
2.5.2. O ruído da VCI 72
2.5.3. A degradação do património 72

2.5.4. A perda do *Genius loci*? 74
3. O valor do lugar 74
3.1. O caráter da paisagem e suas especificidades 75
3.2. Interesses ou valores particulares 76
3.2.1. Valor estético/artístico 76
3.2.2. Valor histórico 77
4. Estratégia de recuperação 79
5. Proposta 80
5.1. Recuperação do jardim histórico da Quinta de Salgueiros 80
5.2. Integração da proposta de recuperação do jardim histórico com o Parque das Antas 87
6. Considerações finais 89
Anexos 91
Bibliografia 97

Índice de Figuras

Figura 1: Imagem aérea da área de estudo 17
Figura 2: Hipsometria da Cidade do Porto com a Quinta de Salgueiros..... 18
Figura 3: Toponímia antiga de Campanhã..... 20
Figura 4: Demarcação das propried. agrícolas e edificações religiosas do séc. XVIII . 21
Figura 5: Plano da Cidade e Arredores do Porto (1832) 23
Figura 6 – Adaptado da Planta topográfica das aldeias de Contumil e Salgueiros (1873) 24
Figura 7 – Fonte do Fontelo..... 24
Figura 8 - Logar e Fonte de Contumil (Charco)..... 25
Figura 9 - Fonte de Contumil (Mina) 25
Figura 10: Folha 3 da planta da cidade do Porto, à escala 1:5000 (1892)..... 27
Figura 11: Planta Topográfica na escala 1:5000 (1978)..... 28
Figura 12: Imagem aérea atual de Campanhã, Porto..... 28
Figura 13: Linha cronológica da Quinta de Salgueiros. 33
Figura 14 - Recorte retirado do Álbum de litografias relativas às fortificações militares do Cerco do Porto..... 34
Figura 15: Conjunto de plantas parciais de levantamento para a “Planta Topográfica da Cidade do Porto” de Augusto Gerardo Teles Ferreira (1892)..... 35
Figura 16: Zonamento da Quinta de Salgueiros em 1892. 36
Figura 17: Bilhete Postal de Jacintho de Mattos 37
Figura 18: Planta Com a Delimitação Do Viveiros Das Antas de Jacintho de Mattos.. 37
Figura 19: Vista interior da estrada do Viveiro das Antas (1910)..... 38
Figura 20: Cultura em estufins no Viveiro das Antas (1910)..... 38
Figura 21: Expedição de plantas no Viveiro das Antas (1910). 38
Figura 22: Localização da cultura em estufins e do armazém de expedição das plantas conforme fotografias de 1910. 39
Figura 23: Planta topográfica - Licença de obra n º 870/1916 (1916)..... 40
Figura 24: Projeto de alteração da casa - Licença de obra n º 870/1916 (1916) 40
Figura 25: Carta de João da C. Ramalho em papel timbrado (1931) 41
Figura 26: Fotografia aérea da cidade do Porto (1939-1940)..... 42
Figura 27: Planta topográfica do Porto (1939-1940) 42
Figura 28: Destaque para o jardim e para as fachadas da casa e da capela (1950). .. 43

Figura 29: Foto aérea do Porto (1950) 44
Figura 30: Vista aérea do Porto 44
Figura 31: Exterior da Quinta de Salgueiros 45
Figura 32: Organização do ordenamento da Quinta de Salgueiros nas décadas de 1950-1960. 46
Figura 33: Zonamento da Quinta de Salgueiros nas décadas de 1950-1960. 46
Figura 34: Distribuição de água da Quinta de Salgueiros. 47
Figura 35: Planta da Quinta de Salgueiros elaborada pelo Arq.º Ilídio de Araújo. 48
Figura 36: Aspeto geral do jardim e da casa da Quinta de Salgueiros (1961). 49
Figura 37: Fotografia Aérea da Quinta de Salgueiros e do Estádio das Antas (1979) . 49
Figura 38: Cartoimagem do Porto (1979) 50
Figura 39: Fotografia Aérea da Quinta de Salgueiros e do Estádio das Antas (1992) . 50
Figura 40: Fotografia aérea da área de estudo durante a implementação de uma das etapas do Plano de Pormenor das Antas (2003) 52
Figura 41: Fotografia aérea da zona de estudo (2021) 52
Figura 42: Evolução dos limites da Quinta de Salgueiros conforme cartografias 53
Figura 43: Limites, extensão e acessos da Quinta de Salgueiros. 54
Figura 44: Acessos da propriedade. 54
Figura 45: Os elementos construídos da Quinta de Salgueiros. 55
Figura 46: Muro em granito degradado. 55
Figura 47: Capela dedicada a Nossa Senhora da Estrela 56
Figura 48: Casa principal 57
Figura 49: Elementos de água 57
Figura 50: Localização da fonte barroca 58
Figura 51: Sistema de distribuição de água. 58
Figura 52: Elementos vivos e construídos na quinta de Salgueiros 59
Figura 53: *Quercus suber*. 60
Figura 54: *Grevillea robusta* na atualidade 60
Figura 55: *Grevillea robusta* identificada em fotos do arquivo da família Mesquita Ramalho 60
Figura 56: *Cemelia japonica* 61
Figura 57: *Acacia melanoxylon* 62
Figura 58: *Acacia dealbata* 62
Figura 59: Fetos (a esquerda) e silvas (a direita) 63
Figura 60: *Zantedeschia aethiopica* 63
Figura 61: *Hedera hibérnica* 63
Figura 62: *Tradescantia fluminensis* 64

Figura 63: *Ipoema indica* 64
Figura 64: Planta de Condicionantes (2020) 65
Figura 65: Planta de Ordenamento (2020). 66
Figura 66: Planta de Implantação - Plano de Pormenor das Antas (2014). 67
Figura 67: Projeto de Arquitetura Paisagista do Parque das Antas (2020) 68
Figura 68: À esquerda, divisão dos lotes e à direita, uma simulação do conjunto. 69
Figura 69: Evolução anual do número diário de horas com e sem insolação direta resultante da obstrução provocada pela presença do loteamento sobre o pátio de recreio da EB das Antas. 70
Figura 70: Simulação do ensombramento da Quinta de Salgueiros provocada pelo Loteamento da Malha 2 71
Figura 71: Casa da Quinta de Salgueiros na atualidade. 73
Figura 72: Indícios do mau uso e de depredação no interior da Quinta. 73
Figura 73: Alterações propostas 81
Figura 74: Plano geral da proposta de recuperação do jardim histórico 82
Figura 75: Plano geral da proposta com representação das unidades compositivas do espaço 83
Figura 76: Plano de elementos construídos 84
Figura 77: Plano de elementos vivos - estrato arbóreo e arbustivo 85
Figura 78: Cultivo de rosas no Viveiro das Antas 86
Figura 79: Planta de elementos vivos - estrato subarbustivo e herbáceo 87
Figura 80: Plano geral da proposta de integração do jardim histórico com o projeto de arquitetura paisagista do Parque das Antas 88
Figura 81: Integração da proposta de recuperação do jardim histórico com o projeto de arquitetura paisagista do Parque das Antas 89

Lista de Anexos

ANEXO 1: Planta da cidade do Porto e arredores

ANEXO 2: Carta geral das linhas do exército liberal e absolutista, no cerco do Porto.

ANEXO 3: Planta topográfica da cidade do Porto de 1892, à escala 1:500, quadrícula 349.

ANEXO 4: Planta topográfica da cidade do Porto de 1892, à escala 1:500, quadrícula 350.

ANEXO 5: Planta topográfica da cidade do Porto de 1892, à escala 1:500, quadrícula 368.

ANEXO 6: Planta topográfica da cidade do Porto de 1892, à escala 1:500, quadrícula 369.

ANEXO 7: Desenhos de Jacintho de Mattos retirados da Licença de obra n.º 970 (1908).

ANEXO 8: *Gunnera scabra* fotografada nos viveiros de Mattos (1910).

ANEXO 9: Cartoimagem do Porto 1940-2000.

ANEXO 10: Vista aérea do Estádio das Antas e da Quinta de Salgueiros, em 1955.

ANEXO 11: Fotografia antiga da Quinta de Salgueiros.

Lista de Abreviaturas

CMP – Câmara Municipal do Porto

PDM – Plano Diretor Municipal

PPA – Plano de Pormenor das Antas

APA – Área de Potencial Arqueológico

1. Introdução

Com o acelerado crescimento dos centros urbanos, a procura pelo contacto com a natureza tem despertado, gradualmente, o interesse do homem em preservar e em explorar os espaços verdes. Isso porque o lazer, cada vez mais, é afirmado como uma das necessidades humanas, tendo um reflexo direto na sua qualidade de vida e sendo necessário que haja uma oferta cada vez mais específica, particular, original, personalizada e marcante, para um público cada vez mais exigente. (Silva & Carvalho, 2014) Dentro desse contexto urbano, os jardins históricos – definidos como: qualquer composição arquitetónica e vegetal de interesse público do ponto de vista artístico e histórico, sendo, como tal, considerado um monumento (ICOMOS-IFLA, 1981) – podem servir como resposta a essa necessidade.

Na cidade do Porto, a maior parte dos jardins históricos é legado de terrenos de cariz rural, como é o caso da Quinta de Salgueiros, em Campanhã, que é o objeto de estudo da presente dissertação.

Cabe destacar a importância das quintas de Campanhã e o seu contexto histórico. Segundo M. F. Meireles & Rodrigues (1991), essa freguesia era constituída por aldeias ou 'logares' (núcleos de casas de lavoura) em redor dos quais pontificavam os fogos ou vizinhos, unidades socioeconômicas de base no seio das quais se desenvolviam grande parte das funções sociais: procriação, educação, consumo e produção. A partir do século XVIII, algumas dessas propriedades assumiram um papel de quintas de recreio da classe burguesa e de nobres da cidade do Porto, imprimindo um carácter muito próprio à paisagem do vale de Campanhã.

Tendo pertencido à família Mesquita Ramalho por várias gerações, sabe-se que a Quinta de Salgueiros foi ocupada no início do século XX por um dos mais importantes jardineiros-paisagistas portuenses da época, Jacintho de Mattos (?-1948). Ali ele desenvolveu a sua atividade, com viveiros ao ar livre e estufas.

Os hortos de Jacintho de Mattos acompanharam a dinâmica internacional em torno da horticultura e da arte dos jardins. Os seus catálogos, e outros documentos, demonstram que terão sido responsáveis por muitas realizações que constituíram referenciais dos jardins privados e públicos, em Portugal, até a implementação do modernismo na arquitetura paisagista (Marques, 2009).

Ao longo dos anos, a Quinta de Salgueiros sofreu vários desmembramentos de terra, atualmente, a propriedade ocupa uma área de cerca de 1,36 hectares. Essa zona está inserida no projeto do Plano de Pormenor das Antas, elaborado em 2002, que prevê a criação de um parque público, chamado de Parque das Antas.

Assim, dado o interesse histórico-cultural dos jardins da Quinta de Salgueiros e da sua função enquanto espaço verde, suporte do ecossistema urbano e promotor de bem-estar, entende-se como necessária a preservação do *Genius loci* e a sua integração na rede de espaços verdes públicos.

1.1. Problemas e objetivos

Umas das problemáticas que envolve a área de estudo é a profunda transformação da sua paisagem. A quinta, que outrora fora detalhada pela cartografia de Telles Ferreira (1892), hoje não se reconhece, cruzada e dissimulada por vias de trânsito rápido e por construções em altura, de elevado impacto visual. Os pomares e o jardim formal de buxo naturalmente envelhecidos, deram lugar a sombras profundas e ao aparecimento de espécies invasoras. Além disso, a falta de manutenção e de conservação desse espaço acabam por tornar ineficaz a sua função social, que consiste em criar oportunidades de sociabilização e de recreio para a população.

Por outro lado, há várias oportunidades nessa quinta que devem ser exaltadas. As características biofísicas do local revelam um grande potencial na qualidade paisagística e no valor ecológico no meio urbano. Os elementos construídos, como os socalcos, os muros, a fonte, a casa e a capela, também oferecem interesse dos pontos de vista arquitetónico e paisagístico, merecem ser preservados, mesmo que combinados com as necessidades da sociedade moderna.

Pretende-se, com esse estudo, portanto, evidenciar a ligação histórica do jardineiro-paisagista Jacintho de Mattos com a Quinta de Salgueiros e propor a recuperação dos jardins com o intuito de exaltar essa figura tão importante no cenário da arquitetura paisagista portuense. Para além disso, visto que, atualmente, o terreno da quinta pertence à Câmara Municipal do Porto e que já existe um plano de pormenor para essa área, pretende-se propor a integração do jardim histórico com o parque urbano idealizado pela CMP.

1.2. Metodologia de investigação

A estrutura deste trabalho está fundamentada em seis etapas que se desenvolvem na seguinte ordem:

- Introdução

Apresentação do tema, descrição dos problemas e das oportunidades que envolvem a área de estudo, definição dos objetivos pretendidos e das limitações identificadas ao longo da pesquisa.

- Caracterização da área de estudo

Para além da revisão bibliográfica necessária para a contextualização e enquadramento da área de estudo, o levantamento de informação cartográfica e iconográfica assumiu um caráter prioritário nesta investigação, já que permite compreender a ocupação e a transformação da paisagem.

Pelo facto de o presente estudo abordar a temática do jardim histórico, a maior base de dados a ser utilizada advém do Arquivo Histórico Municipal do Porto e da Biblioteca de Assuntos Portuenses.

A partir da análise do levantamento documental e da revisão bibliográfica, foi possível realizar um diagnóstico da área de intervenção, resultado do cruzamento de todas as informações obtidas. Procedeu-se à sobreposição da cartografia histórica com a cartografia atual a fim de esclarecer a evolução da paisagem.

Para o levantamento da situação existente da quinta, acedeu-se a informação cartográfica disponível no site da CMP e em mapas de satélite como o *Google Earth Pro*, além de visitas a área de estudo (registo fotográfico e observação direta). Cabe destacar também que algumas informações foram obtidas a partir de contatos, de cariz informal, como o grupo de *Facebook* chamado “SOS Quinta de Salgueiros”, do qual fazem parte descendentes da família Mesquita Ramalho e cidadãos voltados a questões de salvaguarda do património histórico-cultural.

Em sequência, realizou-se uma análise dos factores que afetam a área de estudo, além da indicação dos riscos e das vulnerabilidades ao qual essa paisagem é submetida.

- Identificação do valor do lugar

Identificação dos elementos que conferem excecionalidade à Quinta de Salgueiros. Nesta etapa, levou-se em consideração o carácter da paisagem e suas especificidades, além do seu interesse ou valor particular.

- Estratégias de recuperação

Abordagem das táticas assumidas no desenho do espaço a fim de garantir a recuperação, a conservação e a valorização da paisagem.

- Proposta

Apresentação do estudo prévio de recuperação dos jardins da Quinta de Salgueiros e indicação de algumas orientações de intervenção.

Como já existem estudos para o Parque das Antas, do qual a área de estudo faz parte, também é proposto um estudo de integração do jardim histórico com o parque.

- Conclusão

Considerações sobre o trabalho desenvolvido e sobre os resultados obtidos e, por fim, uma reflexão sobre a importância/relevância do estudo desenvolvido dentro do âmbito da arquitetura paisagista.

1.3. Limitações

Alguns entraves dificultaram o desenvolvimento desta pesquisa, principalmente durante o levantamento da situação existente. Foram realizadas duas visitas à área de estudo em horário comercial e, em ambas as vezes, foi necessário sair às pressas devido a situações de insegurança. A proliferação de caminhos bem definidos até aos pontos mais recônditos da propriedade, a presença de colchões e de outros objetos e sinais (como a presença de pessoas escondidas na mata durante as duas visitas) indicam o uso do espaço para atos ilícitos e geram medo aos transeuntes e aos moradores da envolvente. Outro factor que dificultou o levantamento no local foi a falta de visibilidade devido à densidade de espécies infestantes que acabou por comprometer o reconhecimento de espécies vegetais e de demais elementos de composição do exterior da quinta.

Por fim, mas não menos importantes, estiveram as complicações relacionadas à pandemia da COVID-19, que geraram transtornos de deslocamento, de acesso e consulta aos registros históricos em museus e em bibliotecas e à sua reprodução gráfica, além de adversidades envolvendo a saúde física e mental.

2. Caracterização da área de estudo

2.1. Localização e enquadramento

A Quinta de Salgueiros localiza-se na Rua da Vigorosa, nº 341, na freguesia de Campanhã, Concelho do Porto, em Portugal. O sítio é envolvido pela Via de Cintura Interna (VCI), a norte e a leste, pela Rua da Vigorosa, a oeste, e pela Rua da Renascença Portuguesa, a sul, conforme a figura 1.



Figura 1: Imagem aérea da área de estudo [Fonte: (Google Earth Pro, 2021)].

Verifica-se que há vários pontos de interesse nas proximidades da quinta, como o Estádio do Dragão, a Loja do Cidadão, a Escola do 1.º CEB/Jardim de Infância das Antas e o centro comercial (Alameda Shopping).

Essa zona está passando por um grande processo de urbanização, graças ao Plano de Pormenor das Antas da CMP, publicado em 2002 e alterado em 2014. Nesse plano,

estão destinadas áreas para a construção de edificações em altura e uma área para a implantação do Parque das Antas, do qual a Quinta de Salgueiros fará parte.

2.2. Evolução temporal e espacial

2.2.1. A freguesia de Campanhã e o lugar de Contumil

A Quinta de Salgueiros foi implantada numa posição estratégica na cidade do Porto, encontra-se num dos pontos mais altos de todo esse território, como se observa na hipsometria da cidade (figura 2), onde usufrui de uma vista privilegiada para o Vale de Campanhã e de terras férteis, consequência da grande riqueza hídrica da região que, por sua vez, levará a instalação de várias outras quintas.

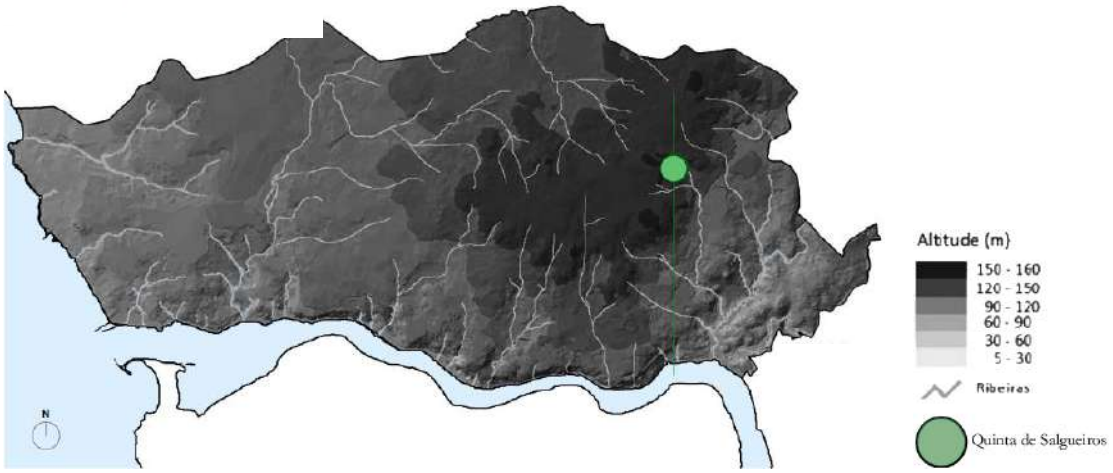


Figura 2: Hipsometria da Cidade do Porto com a Quinta de Salgueiros [Fonte: (Barros et al., 2021)].

A referência documental mais antiga de Campanhã é medieval. Em 994, é publicada pelo Padre Domingos A. Moreira a carta de doação de uma herdade na "*villa*" de Baguim (Rio Tinto). Na carta é citado o "*ribulum campaniana*", rio de Campanhã, atual Rio Torto. Era comum, na época, utilizarem um monte ou rio mais próximo para identificar determinado lugar. (M. F. Meireles & Rodrigues, 1991)

Segundo Almeida (1978), "Campanhã teve uma romanização intensa". Há vestígios arqueológicos da ocupação romana na área circundante dessa freguesia, sem falar do próprio topónimo "*Campanhã*", que tem origem latina (M. F. Meireles & Rodrigues, 1991).

Durante o período de ocupação romana, são fundadas as "*villae*", propriedades agrícolas que vêm a definir a organização e o parcelamento dos terrenos e uma malha

de vias e caminhos. Nesse contexto, há referências à "*villa campaniana*" em documentos do século XI, que reafirmam o seu caráter rural e de tradição romana. Essa "*villa*" incluía grande parte das atuais freguesias de Campanhã, de Rio Tinto e de Valbom e acolhia ainda o Mosteiro de Santa Maria de Campanhã, a mais antiga instituição religiosa local (M. F. Meireles & Rodrigues, 1991).

No ano 1120, o território do Porto é doado por D. Teresa, mãe de D. Afonso Henriques, ao bispo D. Hugo, passando o burgo a ser administrado, diretamente, pela Sé Portucalense. Campanhã é dividida em duas partes distintas: a área ocidental, mais próxima do centro do burgo e situada dentro dos limites do couto; e a parte oriental, pertencente ao "senhor rei". Essa divisão institucional, definida em 1120 e confirmada pelas inquirições de D. Afonso III, em 1258, não conhecerá alterações significativas até o século XIX. A Igreja de Campanhã assegurava a ligação, não apenas simbólica, mas também social e cultural entre as duas partes. (Junta de Freguesia de Campanhã, 2015)

Ainda sobre a inquirição de 1258, os dados fornecidos pelos párocos revelam que a área pertencente ao rei, chamada de Gontemir (Contumil) incluía, na época, onze casais. Sabe-se do nome de seis proprietários: Vicente João, cónego do Porto, Estevão Raimundo e seus irmãos, Maior Pelágio Pedro Afonso, pretor do Porto, o cónego Martim Mendes Bicos e também Bispo do Porto. Dentro desse contexto, estão as áreas de ocupação mais antigas de Contumil. Os proprietários são herdeiros que receberam as terras de seus pais. Estes pertenciam a um grupo social destacado e que exercia funções de grande prestígio no Porto. (M. F. Meireles & Rodrigues, 1991)

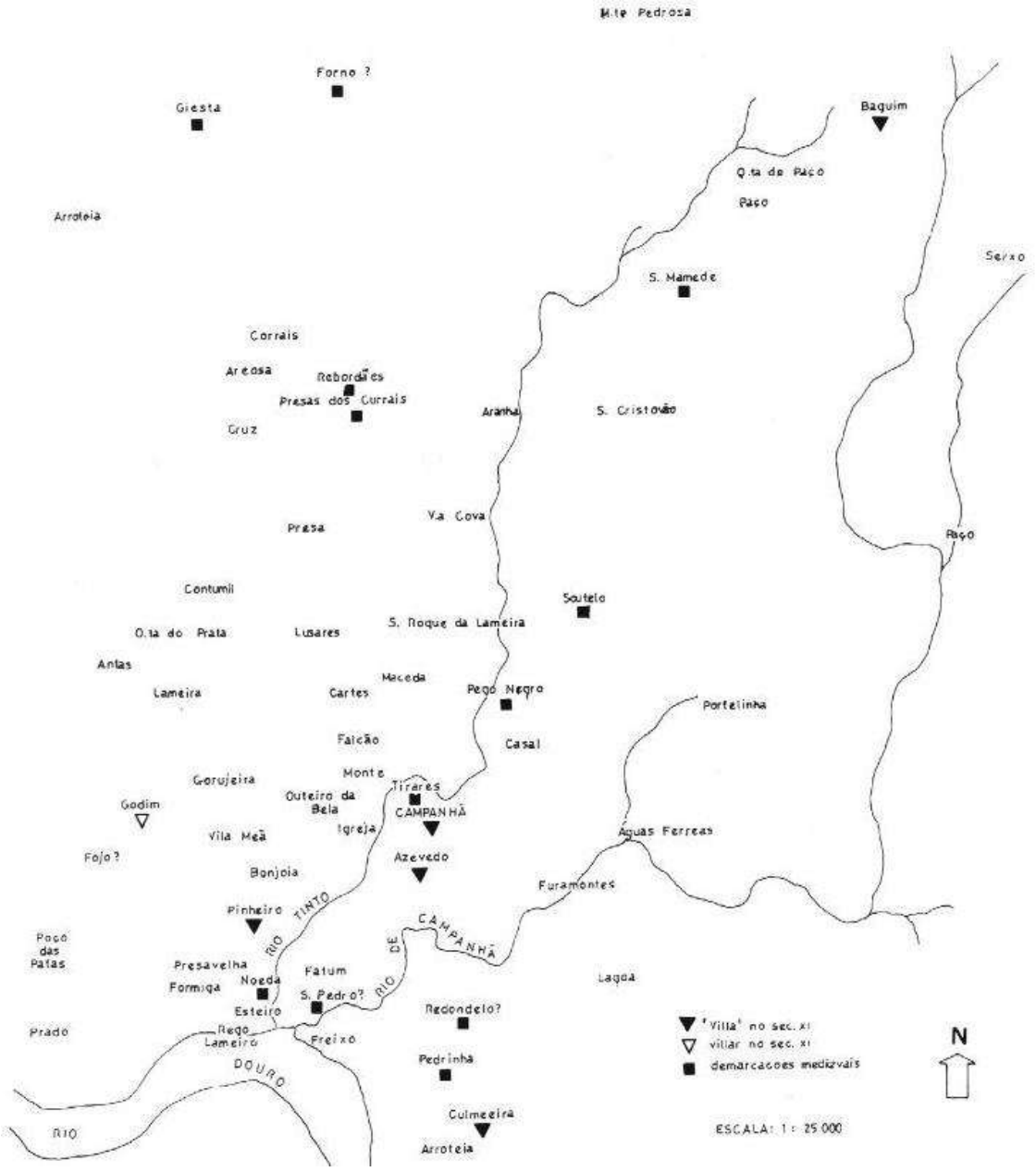


Figura 3: Toponímia antiga de Campanhã [Fonte: (M. F. Meireles & Rodrigues, 1991)].

Ao adentrar a Idade Moderna, podemos encontrar informações de Campanhã nas Memórias Paroquias de 1758, documento redigido por párocos de todo o país. Segundo a transcrição desse documento, a freguesia de Campanhã, mantinha, na sequência dos limites medievais, a confrontação poente com a freguesia de Santo Ildefonso no Poço das Patas (Campo 24 de Agosto), a norte incluía Salgueiros, a nascente avançava da Quinta do Freixo até o Monte das Lagoas (M. F. Meireles & Rodrigues, 1991).

De acordo com as Memórias Paroquiais, em meados do século XVIII, Campanhã é referida como uma “área de implantação de quintas ocupadas sazonalmente por

proprietários que residem no Porto". Entre elas, destacam-se seis Quintas: Quinta do Freixo, Quinta do Prado, Quinta de Bonjóia, Quinta da China, Quinta de Pedro A. Da Cunha Osório e Quinta da Revolta. Também são citados seis casais: da Bessada, de Furamontes, de Contumil, de Salgueiros, de Villa Meã e do Reimão e, por fim, também há referência à fazenda Sacaes (M. F. Meireles & Rodrigues, 1991). Nesse período, a população de Campanhã era composta por 2169 habitantes, distribuída em 758 fogos (Capela et al., 2009).

Essa paisagem, marcada ora pelo domínio de propriedades agrícolas, que organizavam e sustentavam populações, ora pela implementação de símbolos ou de edifícios simbólicos da afirmação da Igreja, enquanto poder político e econômico e enquanto órgão regulador de normas e rotinas sociais, está representada na figura 4. Utilizou-se como base a cartografia de Augusto Geraldo Teles Ferreira, de 1892, por ser a representação do território mais antiga e detalhada, permitindo a localização precisa dos elementos em destaque.

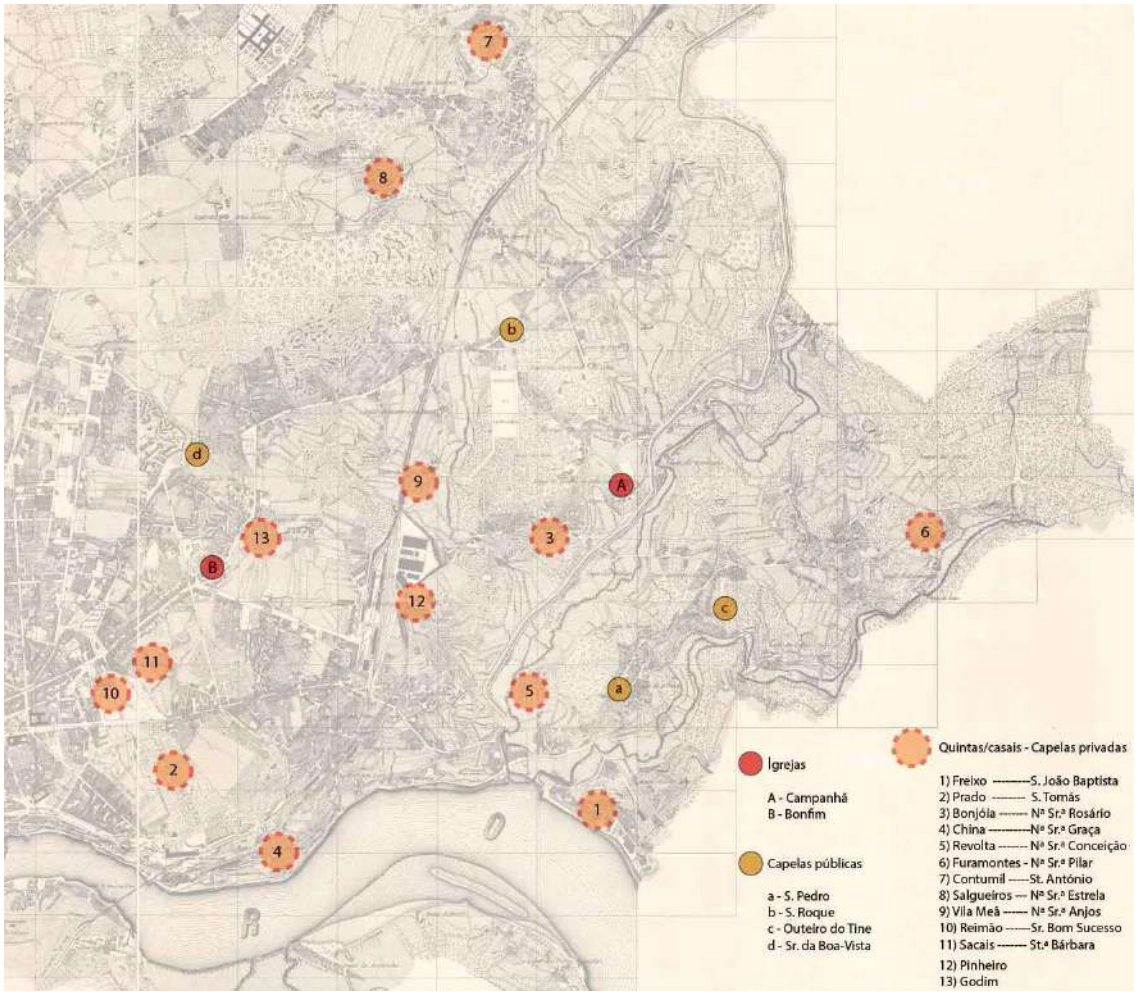


Figura 4: Demarcação das propriedades agrícolas e edificações religiosas do séc. XVIII, adaptado da Folha 3 da planta da cidade do Porto de Augusto Geraldo Teles Ferreira, à escala 1:5000 (Fonte: Autora).

Segundo Capela (2009), no cenário agrícola, as Quintas de Campanhã destacam-se; a proximidade com o Rio Douro, o trânsito fácil e contínuo, fazem dessa freguesia uma importante fonte de fornecimento à cidade do Porto. Entre os produtos cultivados, está o milho e, em menor proporção, o centeio, o trigo e a cevada, além de uma variedade de frutas como melões, melancias, maçãs, ameixas e pêssegos. Com o aumento do tráfego de bens agrícolas, multiplicaram-se os rendimentos dos proprietários dessas terras, o que deu origem a vários conflitos jurídicos sobre os limites e direitos associados a cada domínio.

Apesar da agricultura representar a atividade mais importante de Campanhã, nas Memórias Paroquiais de 1758, há destaque também para outros dois grupos profissionais: os pescadores, concentrados sobretudo junto das margens do Douro, e os moleiros, que detinham um total de 76 rodas de moinhos, distribuídas ao longo dos numerosos cursos de água que percorriam a freguesia. (Capela et al., 2009)

Na transição do século XVIII para o século XIX, início da Idade Contemporânea, cresce a dependência de Campanhã em relação ao centro urbano cada vez mais próximo. A urbanização da freguesia intensifica-se ao longo da estrada de Valongo, eixo de acesso à cidade (M. F. Meireles & Rodrigues, 1991).

Com a chegada do século XIX, inicia-se um período de destruição. Primeiro foram as invasões napoleônicas, logo no início do século, que deixaram um rasto de devastação que ficou marcado pelo saque da Igreja de Campanhã. Em seguida, foi a guerra civil (1832-34) e o cerco à cidade do Porto, que durou de julho de 1832 a agosto do ano seguinte. “Durante o período que durou o cerco, a freguesia foi palco de numerosos confrontos entre liberais e absolutistas. O balanço trágico das perdas incluiu, segundo relatos da época, árvores derrubadas, vinhas destruídas, campos incendiados, casas e muros demolidos e danos irreparáveis em equipamentos industriais.”(Junta de Freguesia de Campanhã, 2015).

Esses eventos acabaram por incentivar a elaboração de cartografias da cidade do Porto como meio de registro e de conhecimento do território. Nos mapas desse período, são comumente demarcados os montes e as vias principais. Na representação topográfica britânica da figura 5, chama a atenção a topografia extremamente acidentada da freguesia de Campanhã, localizada na porção leste e nordeste do mapa.

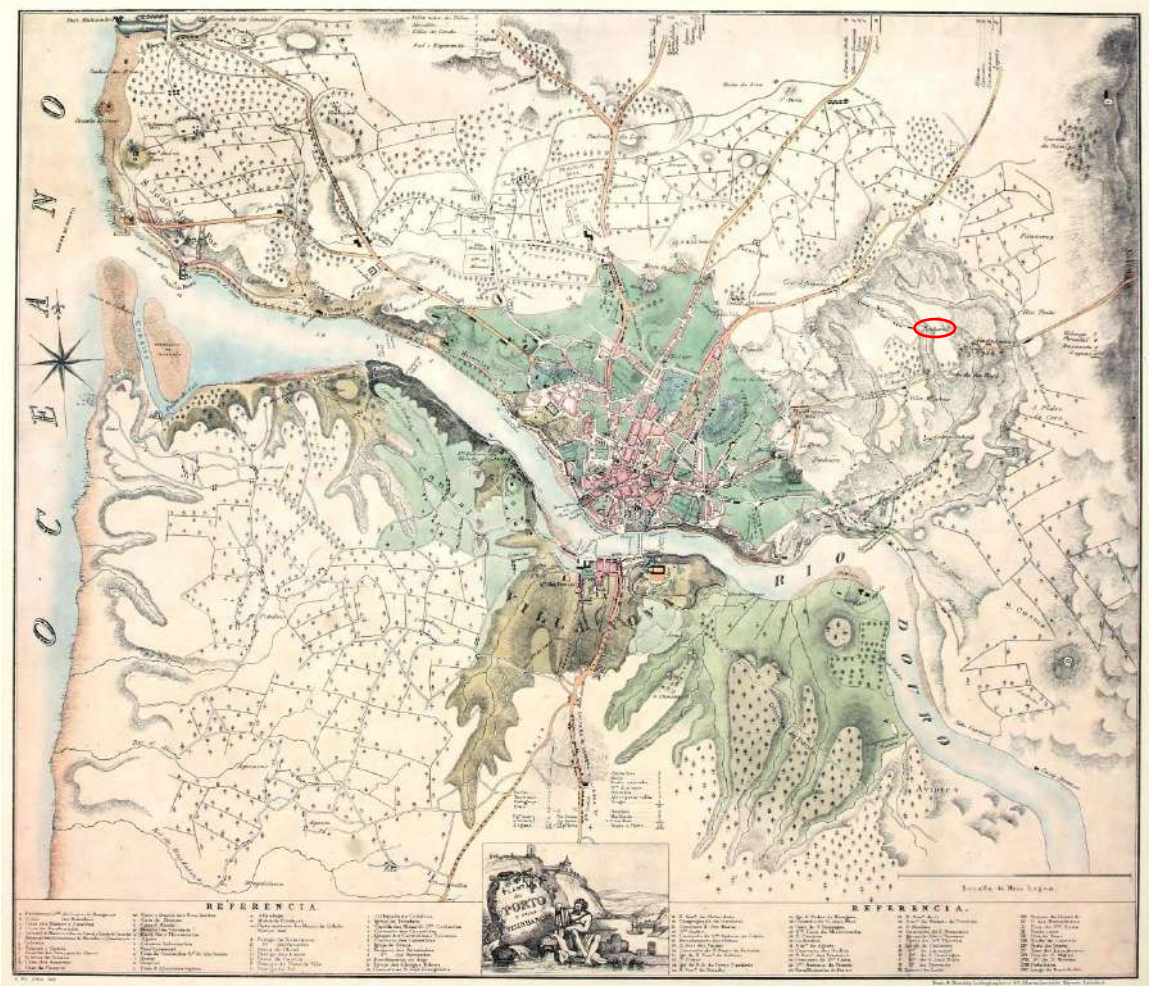


Figura 5: Plano da Cidade e Arredores do Porto [Fonte: (Dean & Munday Lithographer, 1833)]. Em vermelho está demarcado o lugar de Contumil.

Já sob a administração da Câmara Municipal do Porto, foi elaborada, em 1873, uma planta topográfica de Contumil e Salgueiros, que traz consigo informações relevantes sobre a mobilidade e a acessibilidade dessa zona. São indicados, na planta, os caminhos que levam aos principais núcleos atractores dos arredores, como o caminho para a Cruz das Regateiras, o caminho para as Antas, o caminho para Susares e São Roque, o caminho para Ilheo e o caminho para Corraes. Também estão indicados na planta novos caminhos, representados com linhas pontilhadas, como a Travessa da Vigorosa (que não existe nos dias de hoje) e a Rua das Cordas (atual Rua das Cavadas). Com relação ao abastecimento de água potável, sabe-se que Contumil possuía, em 1873, duas fontes: a de Fontelo e a de Gorgulho, também chamada de Fonte de Contumil. Na figura 6, é possível identificar a Fonte de Fontelo, sinalizada com a letra A, muito próxima à Quinta de Salgueiros, e a Fonte do Gorgulho, sinalizada com a letra B, na porção leste, próxima à zona com maior concentração de habitações.

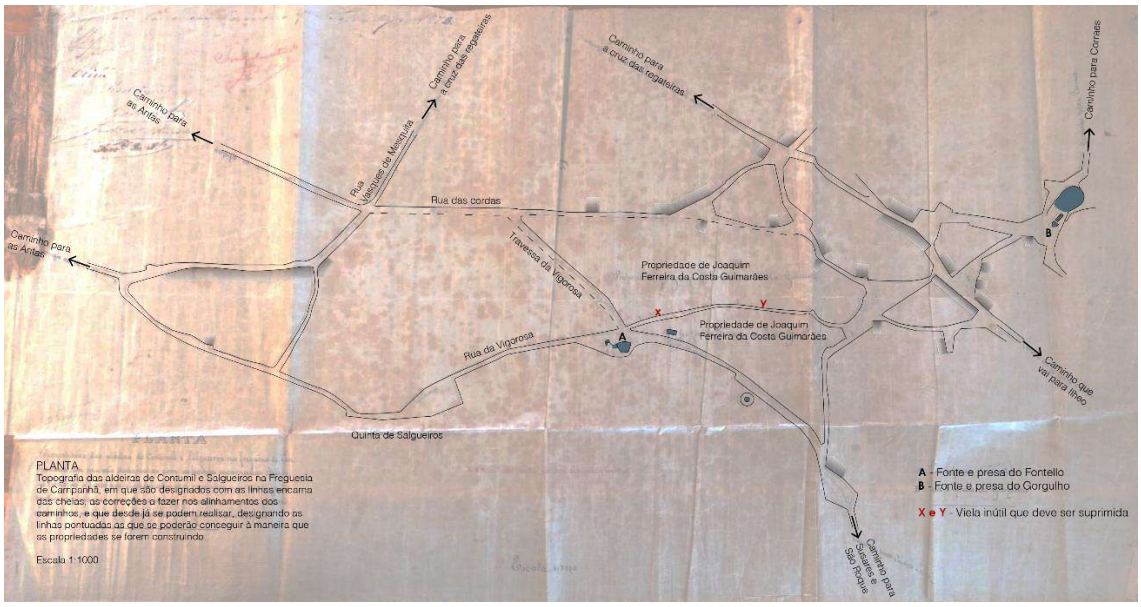


Figura 6 – Adaptado da Planta topográfica das aldeias de Contumil e Salgueiros [Fonte: (CMP, 1873)].

No trabalho de J. Bahia Júnior (1909) “Contribuição para a Hygiene do Porto”, a Fonte do Fontelo é descrita como um charco desprotegido, percetível na figura 7. A água nascia no granito e era retida numa presa com lavadouro ao lado do charco. Os ensaios microbiológicos sob a direção do professor Souza Júnior demonstraram que a água desta fonte era de péssima qualidade.

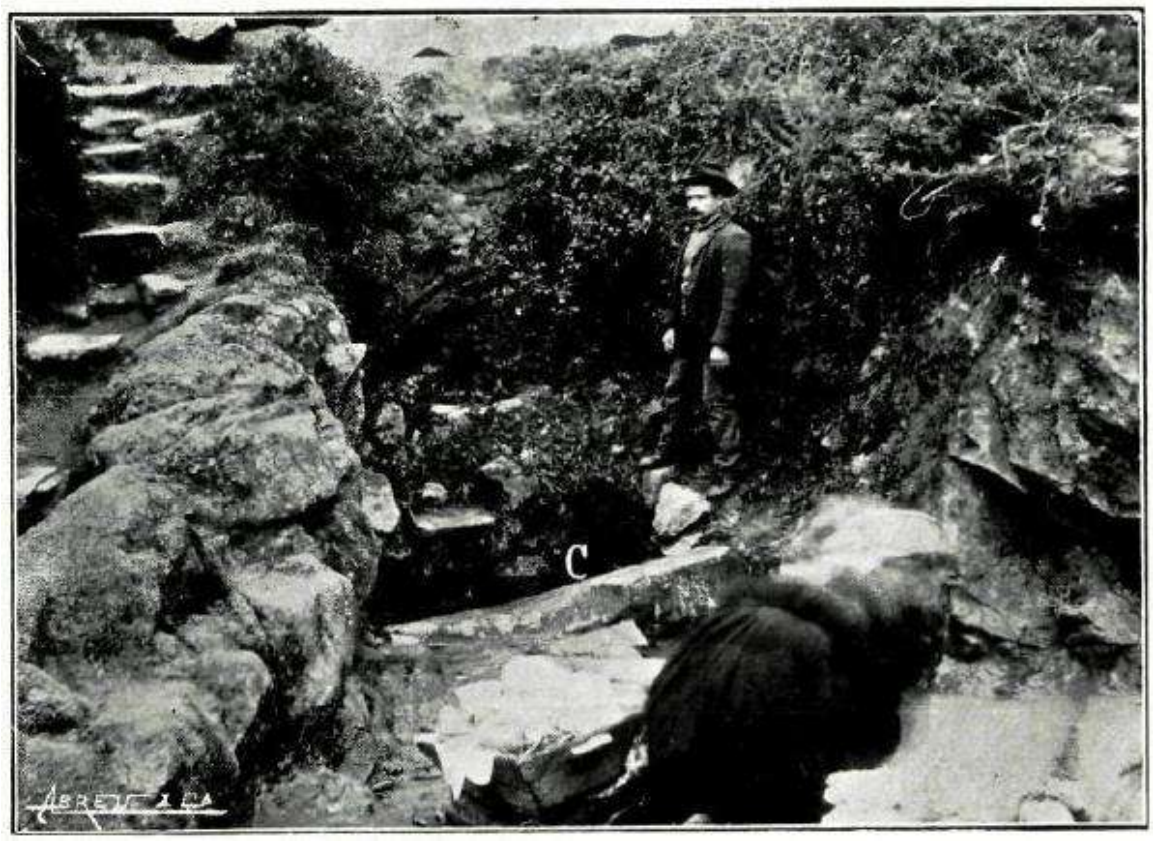


Figura 7 – Fonte do Fontelo, o “C” da imagem representa o Charco [Fonte: (Junior, 1909)].

Sobre a Fonte de Contumil (figuras 8 e 9), que ficava na Travessa da Fonte, no lugar que foi conhecido por “Rio do Gorgulho”, J. Bahia Júnior (1909) descreve-a como sendo uma fonte de chafurdo, com o charco protegido por uma abóboda. Segundo ele, a água nascia no meio do charco, juntando-se a água que vinha de uma mina próxima. As vertentes seguiam para os tanques com lavadouros. Segundo a análise bacteriológica realizada, a água desta fonte era de má qualidade e, devido à sua natureza, levava à frequente contaminação da água com imundícies, sobretudo nos dias chuvosos.

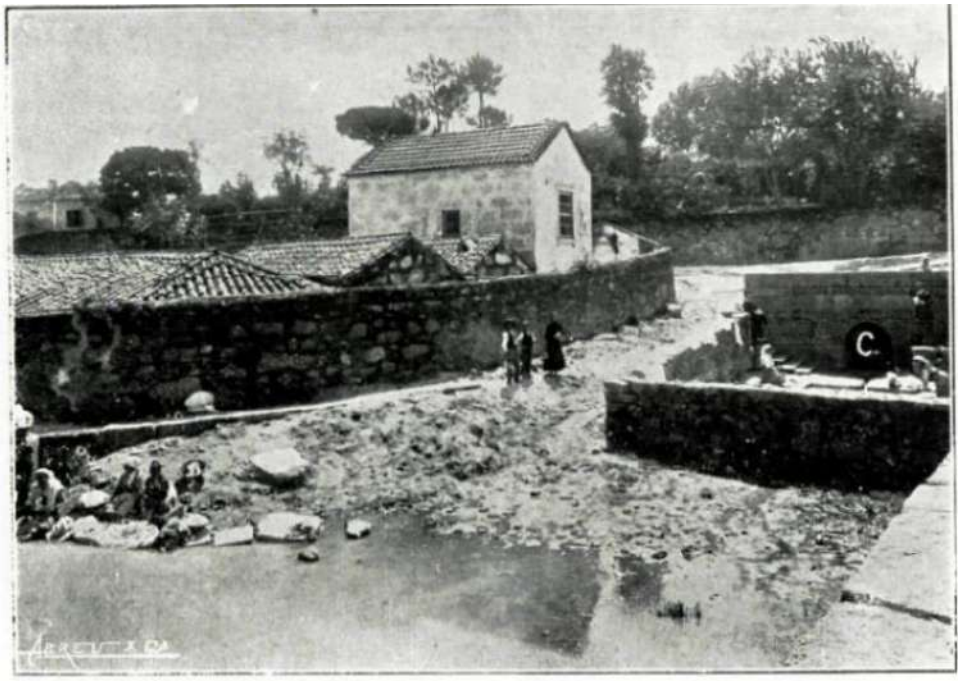


Figura 8 - Logar e Fonte de Contumil, o “C” da imagem representa o Charco [Fonte: (Junior, 1909)].

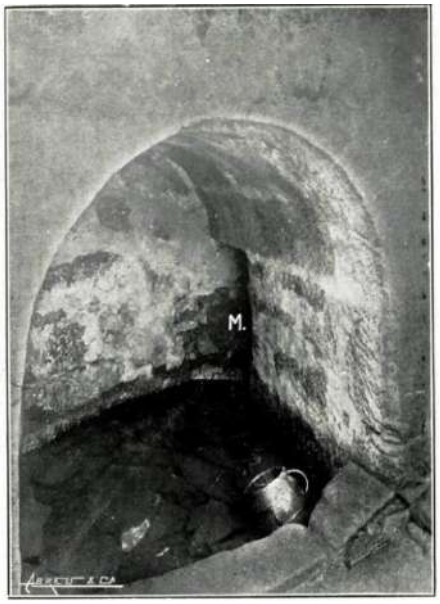


Figura 9 - Fonte de Contumil. Um caneco representa na figura a tiragem da água, o “M” da imagem representa a Mina [Fonte: (Junior, 1909)].

Segundo Meireles & Rodrigues (1991), apesar das dificuldades das primeiras décadas, o século XIX também representou um período de prosperidade, principalmente no setor industrial, além do significativo crescimento da população. As indústrias tradicionais, como a moagem e a tecelagem, registram um forte desenvolvimento, além disso, surgem investimentos em novos setores, que acabaram por diversificar a atividade industrial da freguesia. Aparecem fábricas e oficinas que se dedicam à marcenaria, à produção de cal, ao fabrico de fósforos de cera, de palitos, de trabalhos em filigrana, à destilaria, à saboaria e ainda aos curtumes.

Essa expansão do setor industrial pode ser justificada, em grande parte, pela construção do caminho de ferro. Em 1875 foram inauguradas as linhas do Minho, até Braga, e do Douro, até Penafiel, servidas pela Estação Sucursal de S. Roque da Lameira. Dois anos depois são inauguradas a Ponte Maria Pia e a Estação de Campanhã, situada nos campos de Pinheiro e Godim (M. F. Meireles & Rodrigues, 1991). Com o alargamento da oferta de transportes, há uma migração da mão de obra do interior do país para o Porto, em especial, para Campanhã. Essa população excedente criará novas necessidades de alojamento. Face ao seu reduzido poder de compra, os operários concentraram-se em habitações coletivas, chamadas de "ilhas". Essa tipologia de construção é marca da paisagem física e social da freguesia de Campanhã (Junta de Freguesia de Campanhã, 2015).

Na figura 10, está demarcado, em vermelho, o Lugar de Contumil e, logo abaixo, o Lugar de Salgueiros. Trata-se da planta elaborada por Augusto Geraldo Teles Ferreira, sendo este o primeiro levantamento cartográfico científico que disponibiliza um retrato rigoroso do Porto no final do século XIX.

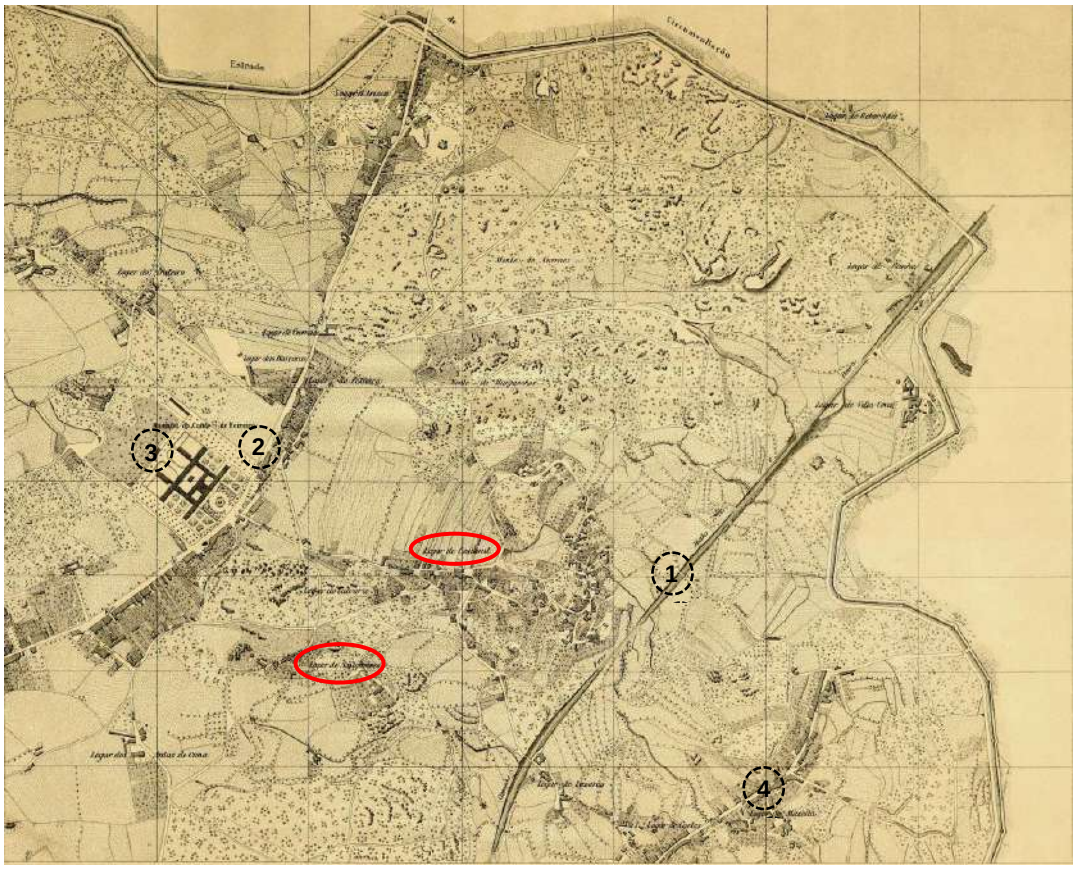


Figura 10: Folha 3 da planta da cidade do Porto, à escala 1:5000 [Fonte: (Ferreira, 1892a)].

No mapa de 1892, os elementos construídos que marcam a paisagem são: o Caminho de Ferro do Minho, representado com o número 1, a Rua de Costa Cabral, visível no número 2, e o Hospital do Conde de Ferreira e seu grande jardim formal, no número 3. É percetível a densificação de construções junto à Rua de Costa Cabral, no Lugar de Contumil e na Rua de São Roque, número 4. Os campos de plantio são dominantes nessa paisagem e são conformados pela topografia acidentada de Campanhã.

A partir das décadas de 1950 e 1960, cresce a tendência de expansão da cidade para oriente. Campanhã acaba por ser uma das zonas escolhidas pela Câmara Municipal para a construção de novos bairros, gerando um crescimento populacional significativo na freguesia. Simultaneamente, observa-se a progressiva redução da indústria como principal atividade econômica e a sua substituição por negócios ligados à prestação de serviços.

É impactante a transformação da paisagem de Campanhã ao comparar o mapa de 1892 com o de 1978. Na figura 11, já não é possível distinguir com exatidão os lugares de Contumil e Salgueiros em meio a urbanização. Os campos agricultáveis são substituídos pelo sistema viário cada vez mais complexo, pelos loteamentos urbanos e pelos

estabelecimentos de comércio e de serviços. As fontes e os lavadouros públicos dão lugar a um sistema de canalização e de distribuição de água subterrâneo. Na proximidade da Quinta de Salgueiros destaca-se a construção do Estádio de Futebol das Antas, de significativas dimensões.

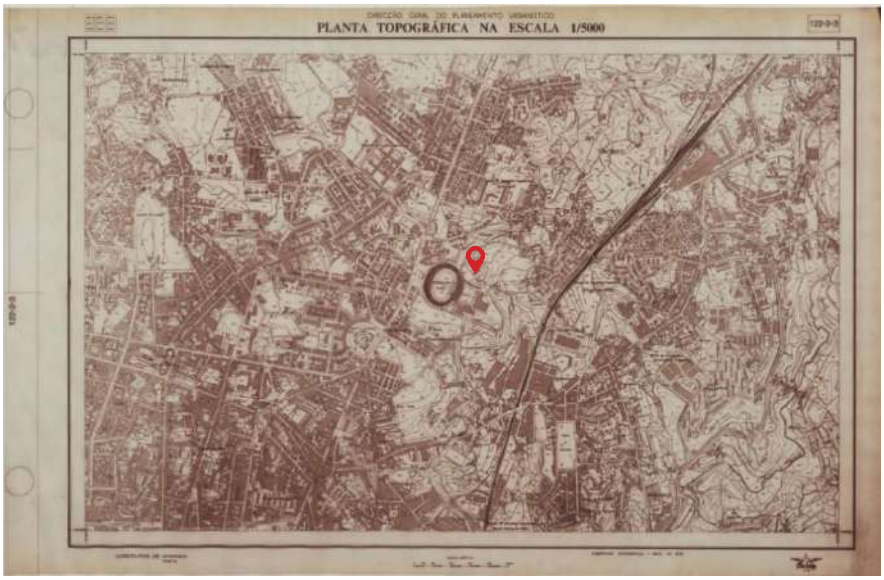


Figura 11: Planta Topográfica na escala 1:5000, folha 122-2-3. Em vermelho, está demarcada a localização da Quinta de Salgueiros [Fonte: (Direcção Geral do Planeamento Urbanístico, 1978)].

A transição de 1978 para a atualidade não é tão agressiva quanto a anterior, pois grande parte da paisagem já está consolidada (figura 12). No entanto, não deixa de ser impactante a construção da VCI, que envolve a Quinta de Salgueiros a norte e a leste. Por ser uma via de trânsito rápido e de grande dimensão, acaba por segmentar o território e trazer incômodo visual e sonoro.



Figura 12: Imagem aérea de Campanhã, Porto. Em vermelho, está demarcada a localização da Quinta de Salgueiros [Fonte: (Google Earth Pro, 2021)].

Outra modificação marcante na paisagem é a demolição do Estádio das Antas (2004) para a Construção do Estádio do Dragão (inaugurado em 2003), a sul da Quinta de Salgueiros. Essa nova conformação acaba por incentivar a implantação de outros empreendimentos na envolvente.

Pode-se dizer que Campanhã, ao longo doa anos, vem passando por um grande processo de transformação da sua paisagem por razões de ordem especulativa e socioeconômica. O substrato rural da cidade resiste em algumas manchas verdes correspondentes a quintas e a vales, que, se não forem protegidas, serão dissipadas pela urbanização.

2.2.2. O movimento hortícola no Porto e o trabalho de Jacintho de Mattos

Para compreender o cenário de transformação da paisagem urbana provocado pelo progresso hortícola de Oitocentos e o contributo de Jacintho de Mattos como horticultor e projetista, o presente capítulo apoiou-se na tese de doutoramento de Teresa Portela Marques: “Dos jardineiros paisagistas e horticultores do Porto de Oitocentos ao modernismo na arquitectura paisagista em Portugal”, de 2009. (Marques, 2009)

O século XIX é considerado um marco na produção de jardins na Europa, tanto privados, quanto públicos, graças à necessidade de espaços verdes associados à crescente urbanização e ao recreio da população. Como afirma Marques (2009), o modelo naturalista inglês, predominante nas tipologias de jardins desde o século XVIII, agora passa a ganhar novas composições e formas influenciadas pelo gosto ao que é exótico e de coleção, pelo uso de novos materiais e tecnologias. Um dos factores que contribuiu para essa nova tendência, foram as expedições botânicas que se realizaram, particularmente, durante o século XIX, a partir da Europa para outros continentes. Como resultado, tem-se o desenvolvimento extraordinário da horticultura e da botânica, evidenciado pela multiplicação de jardins aclimatados e manuais de botânica, pela criação de estabelecimentos de horticultura e pela publicação de periódicos sobre plantas e jardins.

Acompanhando essa dinâmica internacional, em Portugal, durante o século XIX até à implementação do ensino da Arquitetura Paisagista por Francisco Caldeira Cabral, em 1942, e ao desabrochar do modernismo na forma de projetar jardins, os projetos de jardins foram realizados por jardineiros paisagistas associados a estabelecimentos de

horticultura. Acredita-se que o primeiro grande impulso dado nesse domínio surgiu a partir do estabelecimento de José Marques Loureiro (1830-1898), através da sua associação com Emílio David (m. 1873), que já se havia notabilizado no Porto como jardineiro paisagista, nomeadamente realizando o projeto para o jardim público da Cordoaria, em 1866 (Relatório da Gerência da Câmara Municipal do Porto, 1868), para além dos jardins do Palácio de Cristal. Outros estabelecimentos hortícolas do Porto também se envolveram na área do projeto, nomeadamente os hortos de Jacintho de Mattos, de José Martins Branco, de Alfredo Moreira da Silva & Filhos e de Mário da Cunha Mota, como anunciavam os seus catálogos e outros documentos. (Marques, 2009)

Em 1897, é criada a Sociedade de Horticultura do Porto, assumindo como presidente Bento Carqueja (Jornal Hortícolo-Agrícola, 1897). Os registros do Jornal Hortícolo-Agrícola revelam o elevado nível de proximidade entre horticultores e um protagonismo significativo por parte de Jacintho de Mattos na organização dos diversos encontros realizados pela Sociedade. (Marques, 2009)

Com relação ao percurso profissional, Marques (2009) aponta que Jacintho de Mattos iniciou como projetista de parques e de jardins ainda na década de 1880, quando o estabelecimento fundado por seu pai tinha a designação de 'Viúva de Zeferino de Mattos'. O seu horto tinha um carácter modesto, mas, aos poucos, foi ganhando proporções significativas, relacionando-se com hortos estrangeiros e ganhando prêmios em concursos hortícolas. Mais tarde, na apresentação do catálogo nº 28 para 1910, Jacintho de Mattos, num discurso ainda mais confiante, escreveu:

> "Há quarenta anos, ainda quando no Porto apenas se esboçava o gosto pela cultura das flores, fundou-se este estabelecimento de proporções modestíssimas. O favor público, porém, animando a iniciativa do seu fundador, fê-lo pouco a pouco ir-se desenvolvendo. [...] Hoje a casa Jacintho de Mattos, mantendo intactas as suas tradicções chegou a um período de desenvolvimento que nos enche de justificada consolação. Este estabelecimento é hoje um dos primeiros do paiz; mas não só em Portugal elle conquistou a preferência, como também em Hespanha [...]. Em correspondencia directa e constante com as principais casas estrangeiras da especialidade; com um pessoal technico numeroso e habilitado, e dispondo de vastos terrenos onde se acham installados os seus viveiros [...]" (Catálogo Jacintho de Mattos nº 28, 1910).

Na publicação da revista “O Tripeiro”, Série 7, Ano 37, de Guimarães (2018) é apontado um anúncio publicitário do estabelecimento de Jacintho de Mattos, publicado no Anuário Comercial do Porto de 1946, que expõe que essa casa, havia até então, construído 50 jardins públicos e mais de 650 jardins e parques particulares em todo o país e no norte de Espanha. Entre os seus principais projetos, estão: Jardim Municipal de Alcobaça, o Jardim do Bom Jesus, Jardim da Quinta da Lameira, Jardim da Casa das Artes, Jardim da Fundação Eng. António de Almeida, Jardim de Luís Sommer na Agulada, Jardim dos Condes de Riba de Ave, Jardim de Achiles de Brito em Mouquim, Jardins das Terras da Curia, Jardins e Parque das Termas das Pedras Salgadas, Jardins do Palácio da Brejoeira, Espelho de água dos jardins da Presidência do Conselho de Ministros (executado com acompanhamento diário de António de Oliveira Salazar), Jardins da Casa do Médico no Porto, Parque da Ameixoeira em Lisboa, Jardim Público na Lousã, e Jardins de Amorim Pinto (Porto) de Manuel Ferreira Barbosa (Famalicão) de Francisco Machado Guimarães (Negrelos) de Altino Guimarães (Ronfe).

No âmbito do projecto de jardins, sobretudo nas primeiras décadas do século XX, Jacintho de Mattos realiza um conjunto de trabalhos que se encontram entre os mais representativos do que de mais importante se produziu em Portugal, o que coincide com o momento em que Mattos esteve sob direcção do seu estabelecimento hortícola, o Viveiro das Antas, na Quinta de Salgueiros. Sua estadia na propriedade revela também o seu interesse e apego em alguns elementos ornamentais da quinta, como é o caso da fonte barroca. Acredita-se que a fonte utilizada no jardim formal e revivalista da Quinta da Costa em Mouquim, Famalicão, projetado por Mattos, foi inspirada na fonte da Quinta de Salgueiros, no Porto. (Marques, 2009)

A partir da interpretação de vários projetos realizados por Jacintho de Mattos, Marques (2009) revela a predileção do horticultor paisagista por um estilo misto, com um traçado de base paisagista a dominar toda a área do parque e um jardim formal associado aos edifícios. Mattos comumente adotava modelos formais clássicos de base renascentista ou inspirados em padrões dos séculos XVII e XVIII, seguindo a tendência de recuperação ou recriação de jardins, particularmente, segundo o estilo barroco francês. Os esquemas de plantação seguem os princípios formais da época a que o jardim pretende remeter, embora revelem a diversidade florística proporcionada pelo progresso hortícola de Oitocentos.

O percurso profissional de Jacintho de Mattos e o seu imenso inventário de projeto de parques e jardins, muitos deles de valor e dimensão nacional, revelam a importância do

seu trabalho para a história da arte de jardins em Portugal e o seu importante papel na disseminação dos modelos de jardins em voga na Europa. As suas competências manifestam-se não só ao nível da escala dos seus projetos, que vão desde o pequeno jardim até o ordenamento de quintas de recreio, como também na sua sensibilidade em relação aos elementos construídos pré-existentes, possibilitando a harmonia do conjunto.

2.2.3. A Quinta de Salgueiros

A Quinta de Salgueiros (da existência, na zona, de salgueiros, árvores da família das salicáceas), tem, até a data, origem incerta. A referência documental mais antiga encontrada é de 1758, retirada das memórias paroquiais, que mencionam a capela de Nossa Senhora da Estrela no casal de salgueiros.

> “Finalmente ham mais as Capellas de nossa Senhora da Conceyção na Quinta da Revolta, que he de D. Bemarda Brandaõ; a de nossa Senhora do Pillar no Cazal de Furarnontes: A de Santo Antonio no Cazal de Contumil: A de nossa Senhora da Estrella no Cazal de Salgueiros: A de nossa Senhora dos Anjos no Cazal de Villa meam. A do Senhor do bom sucesso no Cazal do Reymão, e finalmente a Capella de Sancta Barbara na fazenda de Sacaes.” (M. F. Meireles & Rodrigues, 1991)

A quinta pertenceu à família de Maria Balbina Carneiro e Silva, casada com Augusto Geraldes de Mesquita (1866-1896), filho do jurisconsulto Augusto Carvalho Vasques de Mesquita. Pai e filho foram referenciados por Sampaio Bruno como portuenses ilustres, o pai por ter sido advogado, tribuno liberal e ter toda uma questão com o Bispo D. Américo sobre a secularização da capela do Largo da Aguardente, e o filho pelos trabalhos de tradução em verso de “Cavallaria Rusticana” de Mascagni e da comédia “O Irresoluto” e, ainda, de ter escrito dois dramas em verso de nome “D. Sebastião” e “Egas Vicente”, um dos quais premiado (Guimarães, 2018). A propriedade esteve, desde o século XIX até os anos 2000, conforme demonstra a figura 13, em posse da família Mesquita Ramalho, mas, ao longo desse período, foi ocupada por terceiros e acabou passando por uma considerável redução das suas terras.

A linha cronológica da Quinta de Salgueiros foi organizada a partir do levantamento histórico realizado e tem como objetivo identificar as diferentes ocupações da propriedade (diferenciadas por cores), além dos principais acontecimentos que marcaram a transformação da sua paisagem.

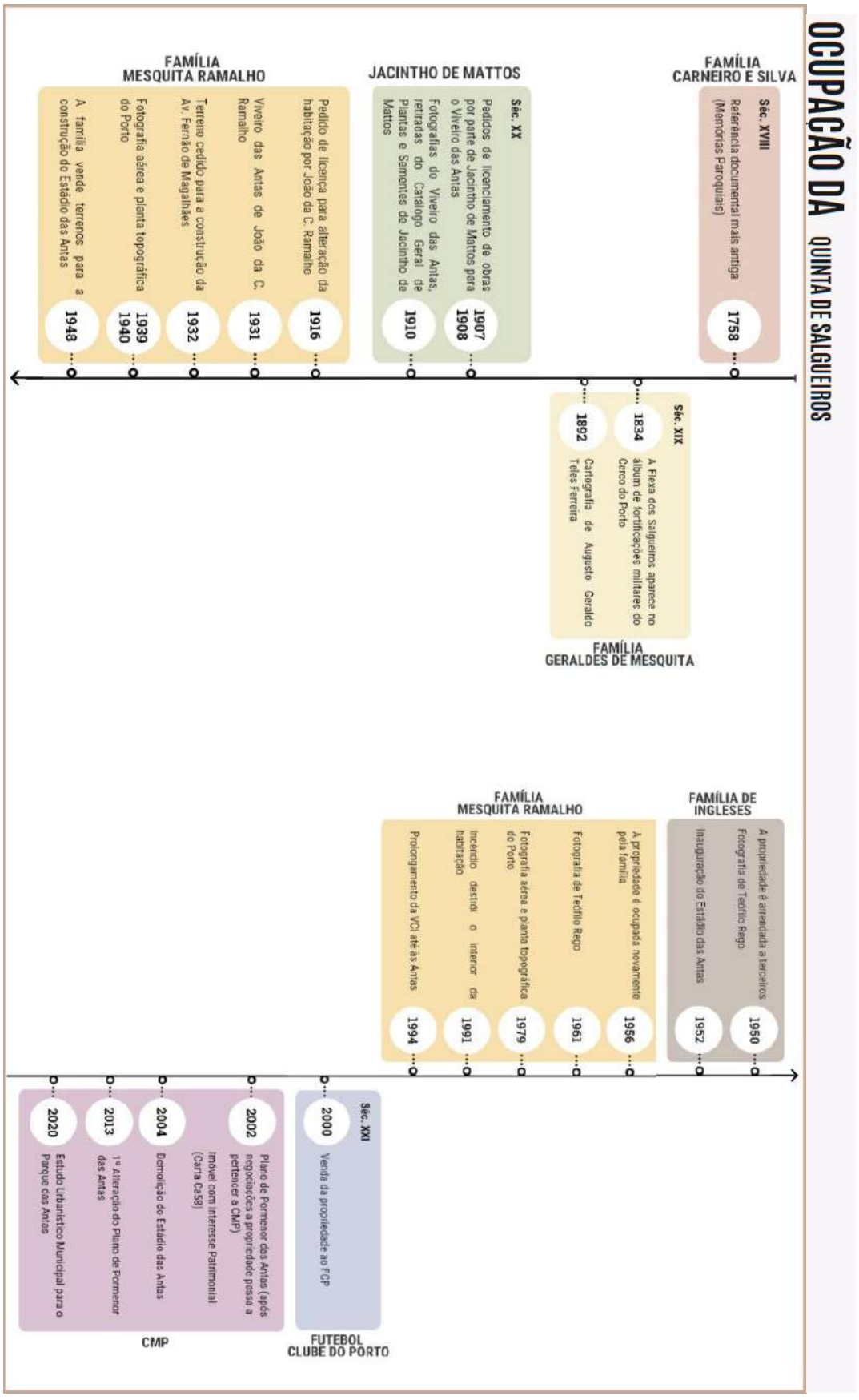


Figura 13: Linha cronológica de ocupação da Quinta de Salgueiros (Fonte: Autora).

A primeira cartografia encontrada (figura 14) e que mostra algo da Quinta e da Flecha de Salgueiros refere-se ao período do Cerco do Porto. A ocupação dessa zona pode ser expressada na extensa referência de Nuno Meireles acerca das linhas miguelistas, a norte do Douro:

> "... e atravessando o Rio Douro para o Norte, levantaram outra soberba bateria no Monte de Valbom, e seguiram a linha do Pico de Tim onde formaram o Forte deste nome, e d'alli ao Monte Sobral formando neste um grande e forte reduto com acampamento até ao Pinheiro queimado onde construiram outra grande bateria - continuando a linha ao Forte Real, no alto de Contumil - segui ao Forte de Lamas, tendo na sua frente o monte das Antas a meia milha entre as duas linhas onde levantaram uma fortíssima bateria (com o qual muito encomodavam aos liberais mesmo nas suas baterias desde Barros Lima em circunferência até à Água-ardente), do Forte de Lamas seguio a linha ao Este até Paranhos aonde construiram o Forte de D. Miguel (obra habilmente construída) tendo este na frente a distância de tiro de fuzil das linhas dos liberais o Forte do Covello, d'onde faziam fogo sobre os mesmos, e sobre as suas baterias do Lindo Valle um terrivel fogo - seguio a linha por S. Mamede à Tilheira onde outro Forte foi levantado, e continuou por Ramalde até ao Forte de Serralves tendo na sua frente fortificações da Arroteia, Bulgos, Prelada, Cruzinhas - d'alli seguio ao Forte da Ervilha, até ao grande e disputado Forte do Castro, a fechar no do Queijo, sobre o mar distante uma milha de S. João da Foz; - além das fortificações mencionadas tinham na retaguarda vários Fortes em apoio de suas linhas." (A. J. N. de Meireles, 1840).

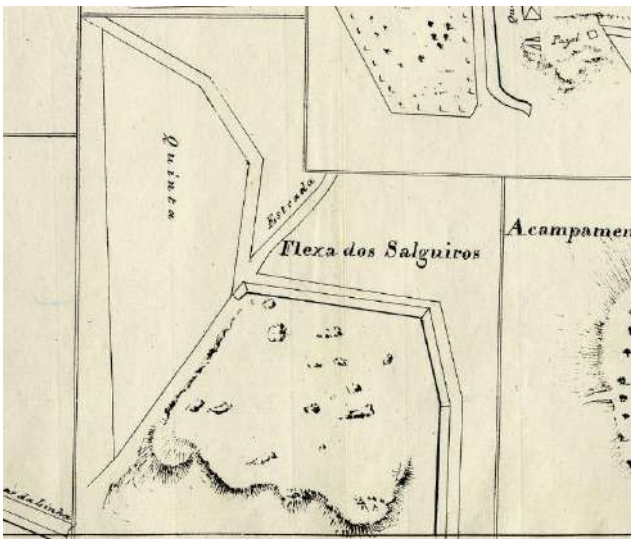


Figura 14 - Recorte retirado do Álbum de litografias relativas às fortificações militares do Cerco do Porto [Fonte: (Moreira, 1834a)].

Segundo Coelho (2018), o sistema defensivo elaborado tirava partido das vantagens que o terreno oferecia, nomeadamente os muros de divisão dos campos de cultivo, para a construção das baterias. Em seguida, levantavam pontos avançados na linha defensiva, denominados de flechas, colocados nos intervalos das baterias.

Essas referências demonstram a importância da Quinta de Salgueiros durante um dos períodos mais destrutivos do Porto.

Posteriormente, em 1892, a Quinta de Salgueiros aparece detalhada na cartografia de Teles Ferreira, conforme figura 15, demonstrando elementos característicos das muitas quintas construídas em torno da cidade do Porto, com uma dualidade de funções produção/recreio; as designadas quintas de recreio, tal como descritas por Araújo (1974).



Figura 15: Conjunto de plantas parciais de levantamento para a “Planta Topográfica da Cidade do Porto”. Quadrículas: 349, 350,368 e 369 [Fonte: Ferreira, A. G. T. (1892)]. Em vermelho, está demarcada a habitação da Quinta de Salgueiros.

A cartografia de Teles Ferreira, além de demarcar as fontes e os tanques existentes, também destaca os muros e os socalcos que envolvem a casa. Percebe-se que a água é o principal elemento na organização espacial da propriedade e, apesar de aparecer em abundância, há uma grande preocupação com o seu uso racional. Era comum nas quintas, os espaços verdes serem distribuídos em patamares para melhorar a economia

de água na rega (Carita et al., 1987). Essa composição é evidente, principalmente, na parte norte da quinta, com a formação de terraços-tabuleiros, constituídos através da manipulação da topografia do terreno original.

O núcleo principal da quinta é um refúgio intramuros. O eixo de entrada é afirmado, externamente, pelo alargamento da Rua da Vigorosa, a norte, e, internamente, pela alameda, rigorosamente alinhada ao centro da casa, delimitada por muros laterais e marcada por um chafariz barroco.

Com relação ao zonamento dos usos (figura 16), foi feita uma dedução a partir do levantamento histórico realizado e a partir da representação da cartografia de Teles Ferreira, em que estão destacadas cinco zonas distintas. A maior delas, em castanho claro, é voltada a zona de cultivo, que, no núcleo principal, poderia estar associada a pomares, hortas e ao plantio de espécies ornamentais e, na parte exterior aos muros, está vinculada, principalmente, à produção de cereais. O acesso a esses espaços, demarcado em vermelho, era feito por entradas independentes, feitas nas linhas exteriores da propriedade, para que a entrada dos trabalhadores não interferisse na área de lazer, criando assim percursos de serviço.



Figura 16: Zonamento da Quinta de Salgueiros em 1892 (Fonte: Autora).

Em castanho escuro, está demarcada uma zona de apoio às áreas de cultivo, que deveria servir para estocar os produtos em uma espécie de armazém. A zona em verde claro está associada aos engenhos e à produção leiteira com vacas em pastos, enquanto a zona em verde escuro representa uma pequena mata, que, possivelmente,

abrigou várias árvores de salgueiro junto à Rua da Vigorosa. A zona laranja compreende os espaços de recreio com relação direta com a casa, como os espaços íntimos entre muros centralizados em elementos hídricos como o espelho d'agua, a piscina e a fonte; ou pelos espaços associados aos caminhos sombreados por latadas e envolvidos por amáveis cheiros e cores dos hortos. A implantação da quinta permitia essa versatilidade de espaços, por vezes recantos íntimos ou com vistas imponentes do vale de Campanhã.

Foi neste local que o jardineiro-paisagista Jacintho de Mattos instalou o seu viveiro, chamado de Viveiro das Antas, possivelmente através do arrendamento da quinta à família detentora da propriedade. De acordo com os Arquivos Municipais, entre 1907 e 1908, Mattos faz vários pedidos de licenciamento de obras na Quinta de Salgueiros, nomeadamente para a abertura de poço (1907), para construção de armazém e alpendre (1908), para construção, reconstrução e alteamento de muros de vedação.

Um cartão postal (figura 17) e uma planta (figura 18), que localiza e demarca o Viveiro das Antas de Jacintho de Mattos, são do maior interesse para o conhecimento do viveiro e da quinta, embora não apresentem indicação de data.



Figura 17: Bilhete Postal de Jacintho de Mattos [Fonte: Fórum Cidadania Porto, n.d.)].

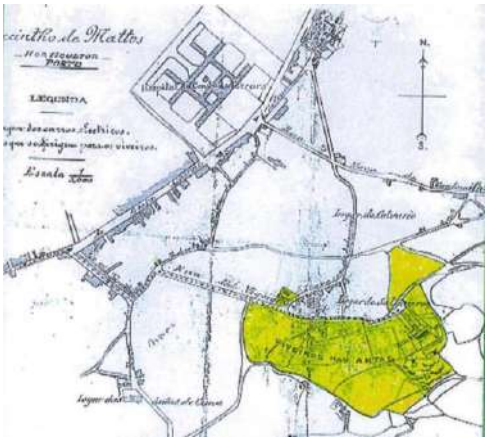


Figura 18: Planta Com a Delimitação Do Viveiros Das Antas de Jacintho de Mattos [Fonte: (Petição Pela Salvaguarda, Classificação e Reabilitação da Quinta de Salgueiros, 2000].

Outra referência que afirma a permanência de Jacintho de Mattos na quinta data de 1910, conforme as figuras 19, 20 e 21, retiradas do Catálogo Geral de Plantas e Sementes, no 28º.



Figura 19:Vista interior da estrada do Viveiro das Antas [Fonte: (Mattos, 1910)].

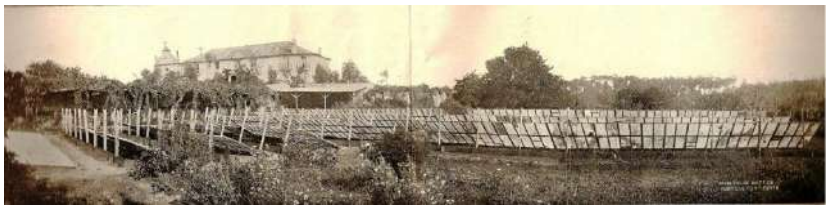


Figura 20: Cultura em estufins no Viveiro das Antas [Fonte: (Mattos, 1910)].

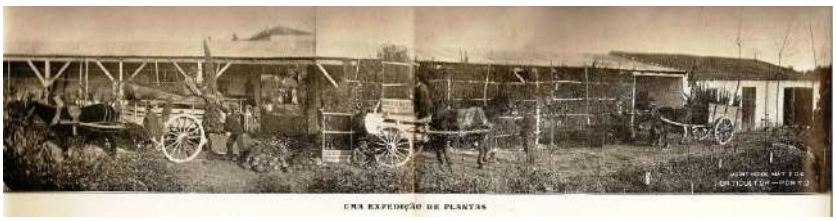


Figura 21: Expedição de plantas no Viveiro das Antas [Fonte:(Mattos, 1910)].

A fotografia do terreiro/jardim da entrada com a fonte ao centro (figura 19), permite-nos reconhecer um espaço simultaneamente acolhedor e estimulante para quem acede à propriedade, criando um interessante enquadramento da casa. Por este se tratar do acesso principal do viveiro, servindo, portanto, como uma vitrine do seu trabalho, o horticultor-paisagista optou por utilizar uma vegetação exótica diversa, primorosamente organizada em vários estratos, e trepadeiras revestindo paredes.

Também nas figuras 20 e 21, podemos ver o esforço e o investimento de Mattos para a instalação de infraestruturas na quinta. Na figura 22, está demarcada, em rosa, a cultura em estufins e, em vermelho, a zona de expedição das plantas localizada junto a um dos acessos à propriedade. Esta demarcação foi feita com base na interpretação das fotografias das figuras 19 e 20 e na cartografia.

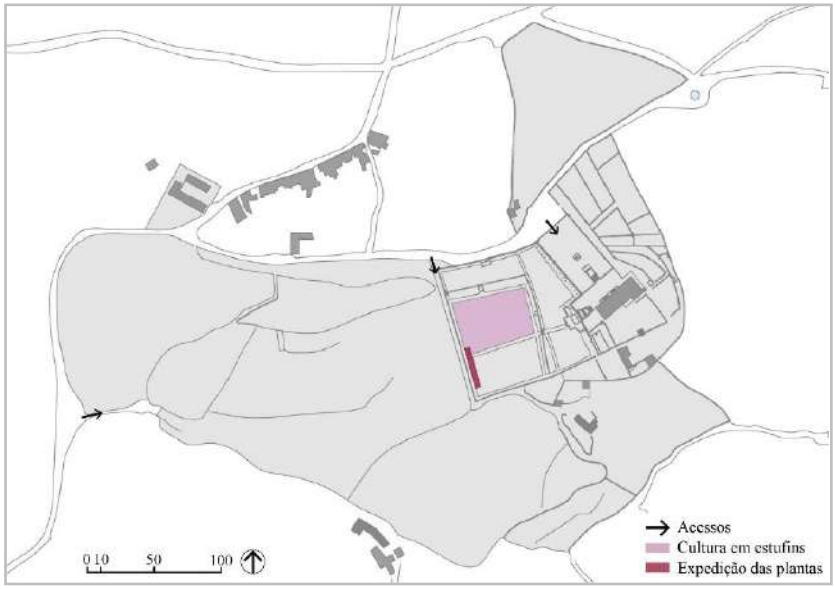


Figura 22: Localização da cultura em estufins e do armazém de expedição das plantas conforme fotografias de 1910 (Fonte: Autora).

Acredita-se que, muito perto dessa data, o horticultor-paisagista teve que deixar a Quinta de Salgueiros. Em um artigo publicado n' O TRIPEIRO, série V, ano V, páginas 231 e 233, da autoria de Abel Magro, é referido que "pela sua probidade e boa-fé, teve avultado prejuízo com a forçada e inesperada transferência dos viveiros das Antas, onde lhe ficaram, na terra, numerosas adultas mães de alporques, de várias espécies de árvores ornamentais, frutíferas e florestais".

A investigação não permitiu definir com clareza o período em que Jacintho de Mattos permaneceu com o seu estabelecimento hortícola na Quinta de Salgueiros, apenas pode-se afirmar que no período de 1905 a 1910 ele esteve lá e não há mais dados conclusivos.

Em 1916, o proprietário da quinta, João da Costa Ramalho, pede licença à Câmara Municipal para a realização de alterações na habitação, figuras 23 e 24. É possível que nesse ano Jacintho de Mattos ainda mantivesse aí o seu horto e que a intervenção dissesse apenas respeito ao edifício habitacional.

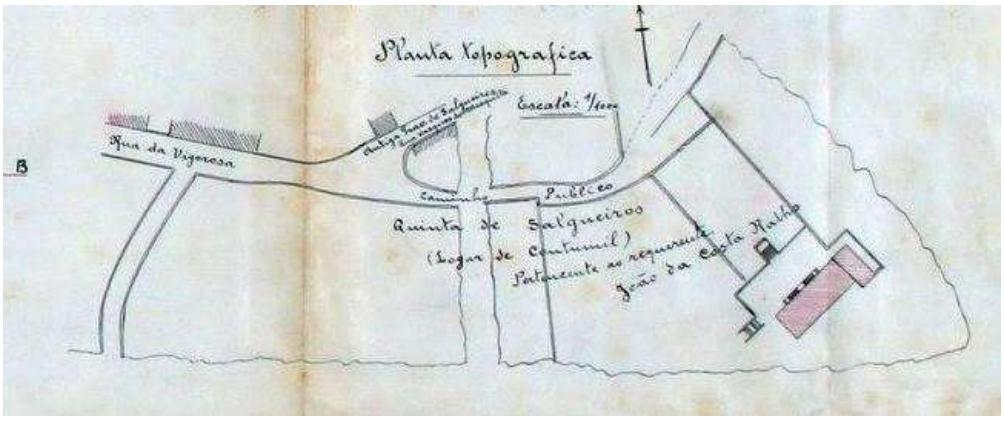


Figura 23: Planta topográfica - Licença de obra n º 870/1916 [Fonte: (CMP, 1916)]

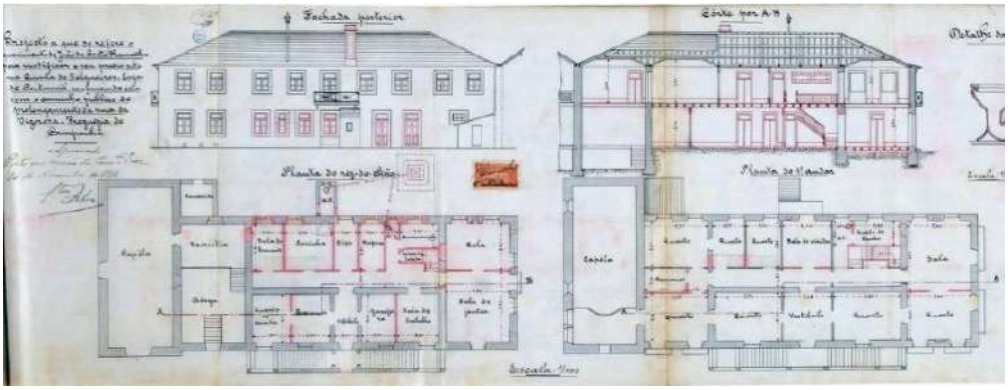
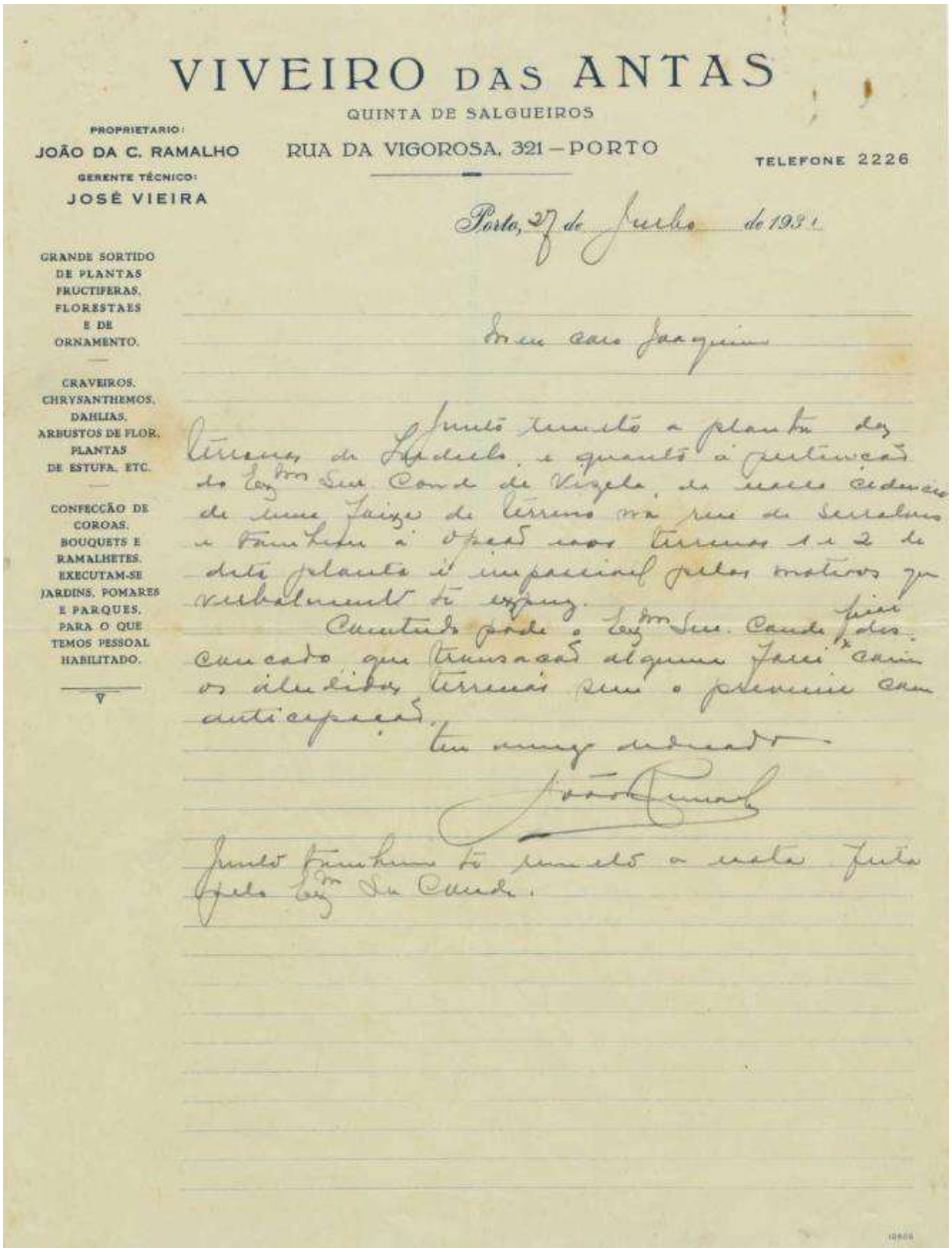


Figura 24: Projeto de alteração da casa - Licença de obra n º 870/1916 [Fonte:(CMP, 1916)].

Passados alguns anos, já em 1931, João da Costa Ramalho envia uma carta em nome do Viveiros das Antas que comprova que o estabelecimento já não estaria sob direção de Jacintho de Mattos. Neste documento (figura 25), há indicação de algumas das espécies comercializadas pelo viveiro, sendo de crer que a continuidade desta atividade comercial na quinta tivesse sido possível exatamente pelo facto de Mattos ter deixado uma parte importante das suas plantas, nomeadamente, exemplares a partir dos quais realizava reproduções.



VIVEIRO DAS ANTAS

QUINTA DE SALGUEIROS

PROPRIETARIO:
JOÃO DA C. RAMALHO

GERENTE TÉCNICO:
JOSÉ VIEIRA

RUA DA VIGOROSA, 321 — PORTO

TELEFONE 2226

GRANDE SORTIDO DE PLANTAS FRUCTIFERAS, FLORESTAES E DE ORNAMENTO.

CRAVEIROS, CHRYSANTHEMOS, DAHLIAS, ARBUSTOS DE FLOR, PLANTAS DE ESTUFA, ETC.

CONFECÇÃO DE COROAS, BOUQUETS E RAMALHETES. EXECUTAM-SE JARDINS, POMARES E PARQUES, PARA O QUE TEMOS PESSOAL HABILITADO.

Porto, 27 de Julho de 1931

Meu caro Joaquim

Junto remeto a planta dos terrenos de Lordelo e quanto à pretensão do Exmo Snr Conde de Vizela, de mais cedencia de uma faixa de terreno na rua de Serralves e fundos à Quinta nos terrenos 1 e 2 de dita planta é impraticavel pelos motivos ja verbalmente lhe expus.

Quanto pode o Exmo Snr. Conde pois cumprido que lhe seja alguma faixa dos aludidos terrenos sem o prejuizo em antecipação.

Em muito agradeço

João Ramalho

Junto tambem lhe remeto a carta junta pelo Exmo Snr Conde.

Figura 25: Carta de João da C. Ramalho em papel timbrado indicando ser ele o proprietário dos viveiros na sua Quinta de Salgueiros [Fonte: (J. da C. Ramalho, 1931)]

Um ano depois (1932), ocorre a primeira alienação dos terrenos da quinta para a abertura da Av. Fernão de Magalhães junto à Rua Naulila, tendo a autarquia comprometido-se a conduzir a água das nascentes para a quinta, como medida de compensação. Posteriormente, a família Mesquita Ramalho concedeu outra parcela para a construção da Igreja das Antas e do espaço para o futuro Centro Social, de gaveto com a Rua da Vigorosa (Gonçalves, 2020). Nas figuras 26 e 27, podemos ver a extensão de terreno que a Quinta de Salgueiros ocupava entre os anos de 1939 e 1940.

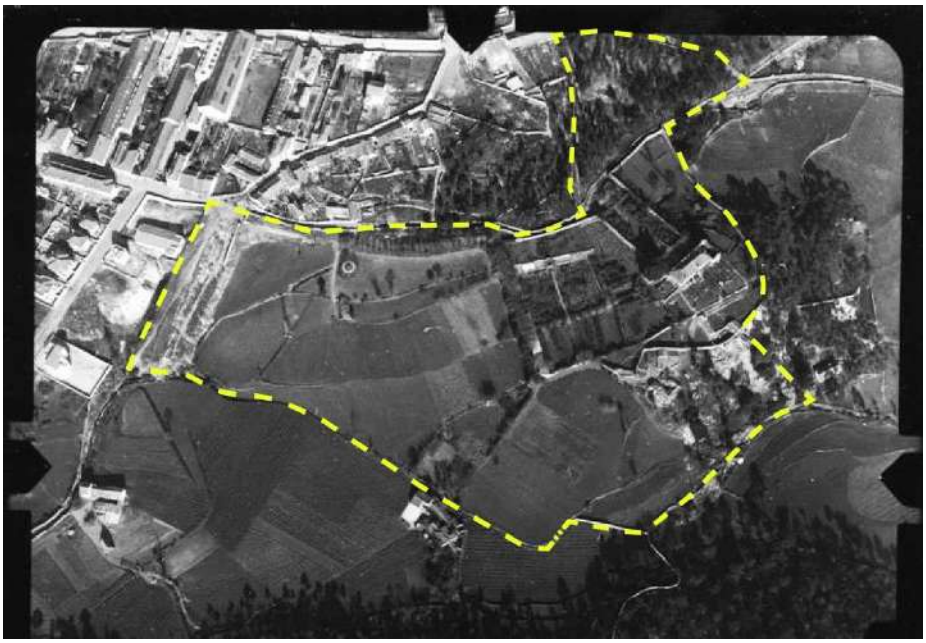


Figura 26: Fotografia aérea da cidade do Porto fiada 24A, n º 574 [Fonte: (SPLAL, 1939)]. Em amarelo estão demarcados os limites da Quinta de Salgueiros.

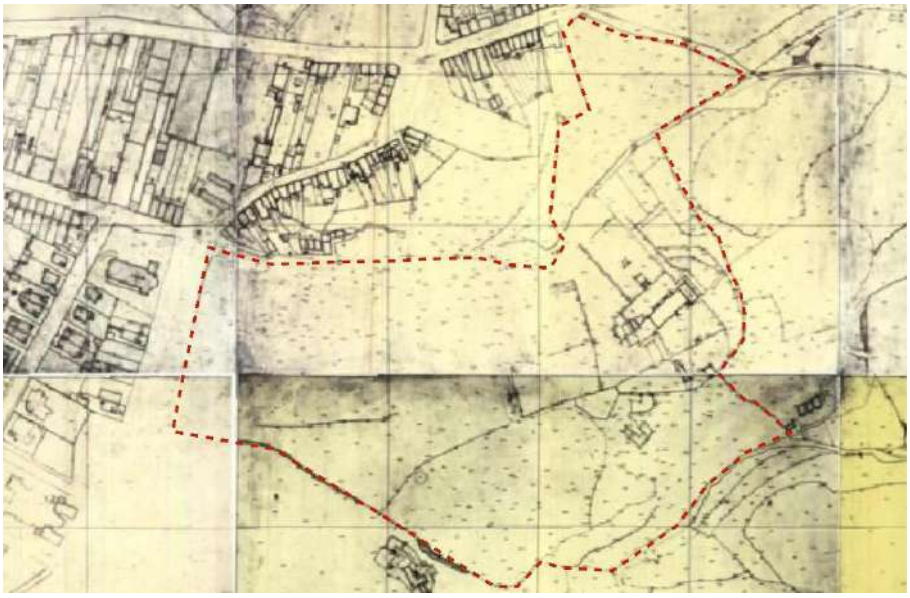


Figura 27: Planta topográfica do Porto [Fonte: (Barreiros, 1940)]. Em vermelho estão demarcados os limites da Quinta de Salgueiros.

A quinta reduz, efetivamente, a sua extensão no ano de 1948, quando a família vende cerca de 48.000m² para a construção do Estádio das Antas, que foi inaugurado em 1952. Nesse mesmo período, mais precisamente entre os anos de 1950 e 1956, os proprietários arrendam a Quinta de Salgueiros a uma família inglesa (daí ser apelidada, por vezes, de Quinta dos Ingleses), que passou a utilizá-la como habitação permanente, na medida em que os jardins deixam de ter um carácter dominantemente hortícola para se dedicarem, unicamente, à ideia de espaço de lazer e recreio.

Na figura 28, imagem captada por Teófilo Rego, um dos maiores fotógrafos do Porto, vê-se bem a fachada frontal das edificações, com destaque para a capela, que, na época, já estava destelhada, além de algumas particularidades do jardim como os muros em pedra, os socalcos e um jardim formal de buxo à esquerda e que poderia corresponder, eventualmente, a talhões de produção de pequenas plantas.



Figura 28: Destaque para o jardim e para as fachadas da casa e da capela [Fonte: (Rego, 1950)].

Estamos perante uma quinta composta por casa (de planta retangular e de dois pisos), capela, fontes, tanques, jardim, hortas e pomares. Da casa, destacam-se as ferragens dos balcões da sacada em ferro forjado e, sobretudo, as chaminés que pontuam profusamente o telhado de quatro águas, revelando o conforto das numerosas lareiras aí existentes. A capela, localizada à direita da casa, possuiu um portal coroado por frontão ao gosto Barroco, rematado por volutas e sobrepujado por um óculo (F. de M. Ramalho et al., 2000).

As figuras 28, 29 e 30 permitem a identificação de três jardins formais (seta vermelha), que não estão representados em cartografias e em iconografias anteriores. Para além disso, as imagens aéreas (figuras 29 e 30) demonstram a evolução da construção do Estádio das Antas e evidenciam a relação de proximidade da quinta com essa monumental construção.



Figura 29: Foto aérea do Porto [Fonte: (Construção Do Estádio Das Antas, 1950)].

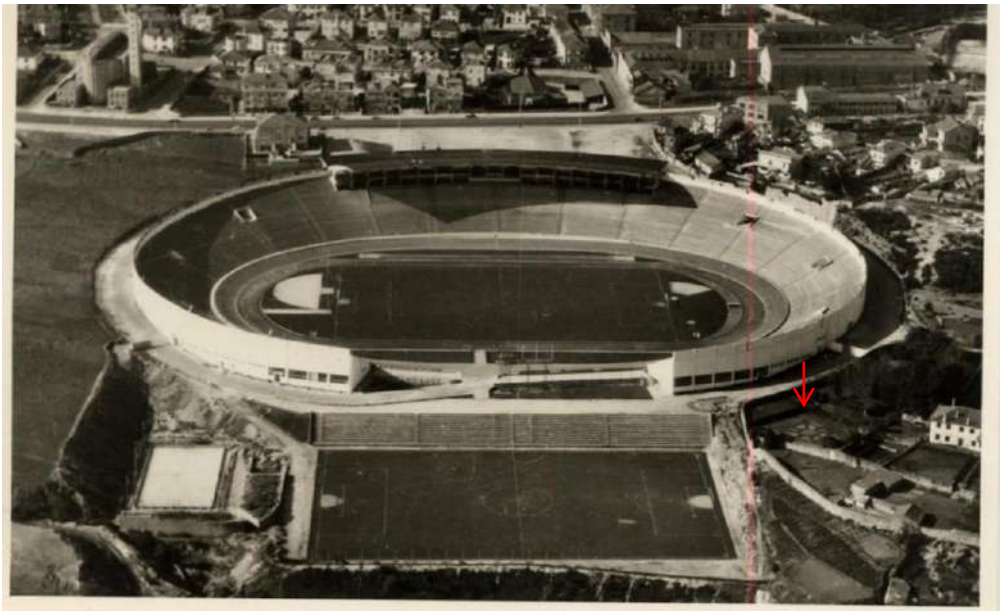


Figura 30: Vista aérea do Porto [Fonte: (Estádio Das Antas Finalizado, n.d.)].

Para a reconstituição do desenho dos espaços exteriores em meados de 1950, foram utilizadas também imagens do arquivo da família Mesquita Ramalho (figura 31), que, apesar de não apresentarem indicação de data, revelam pormenores sobre as composições do jardim da entrada principal. Nas fotografias, fica evidente a grande diversidade dos estratos arbóreo, arbustivo e herbáceo, e a significância do jardim no desenho do espaço. A fachada de receber liga-se, visualmente, a um pátio a que se

acede a partir de uma escadaria no enfiamento do portão e jardim da entrada principal na propriedade.



Figura 31: Exterior da Quinta de Salgueiros. Fotografias do arquivo da família Mesquita Ramalho, ano não identificado. [Fontes: (F. de M. Ramalho et al., 2000) (Grupo de Facebook: SOS Quinta de Salgueiros - Antas, n.d.)].

Há, sem dúvida, uma preocupação de subordinar a composição da quinta, ou parte dela, a um eixo de simetria, principalmente nos espaços de recreio diretamente ligados à casa, conforme indica a figura 32. Ao mesmo tempo em que as bordaduras e as sebes de buxo demarcam geometricamente o espaço, há uma quebra do aspeto formal na zona à poente com a criação de um bosque, em que o estrato arbóreo e arbustivo está disposto informalmente.

Sabe-que que, nesse período, Jacintho de Mattos já não ocupava a quinta, mas pode ter sido mantido o seu ordenamento e desenho do espaço, pois esta opção por um estilo misto, com jardim florista de traçado formal, junto ao edifício, e com outras áreas de base paisagista, foi muito utilizada pelo horticultor-paisagista em seus projetos.

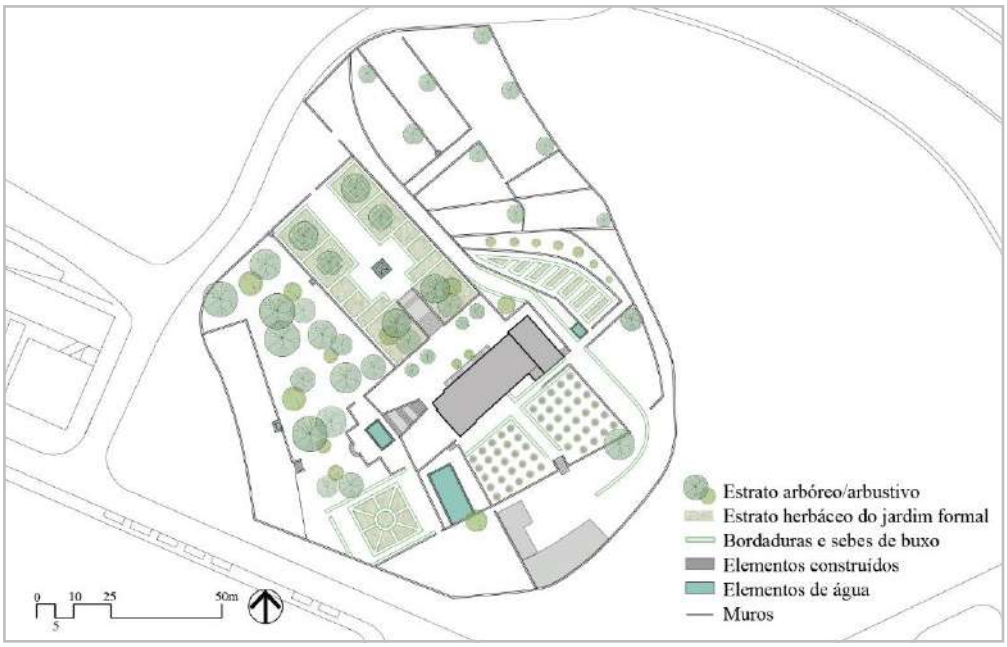


Figura 32: Organização do ordenamento da Quinta de Salgueiros nas décadas de 1950-1960 (Fonte: Autora).

Na figura 33, procurou-se, a partir dos elementos disponíveis, interpretar os diversos usos do espaço, que constituíam o exterior da quinta; os jardins formais de buxo e os elementos de água associados a zona de recreio, os pomares posicionados próximos à casa, as áreas de cultivo ocupando os socalcos a norte e a nordeste, o bosque e a clareira localizados à poente.



Figura 33: Zonamento da Quinta de Salgueiros nas décadas de 1950-1960 (Fonte: Autora).

A estratégia de construção de socalcos que permite aumentar a área de cultivo assim como facilitar a manutenção e uma eficaz distribuição da água de rega é um dos factores

essenciais no desenho do espaço. Na figura 34, é possível verificar os socalcos, a norte e a nordeste, e os demais elementos de água (espelho de água, piscina, fonte e tanques), que funcionam como reservatórios de água, a ser distribuída conforme necessário. Um dos pormenores do sistema de distribuição de água da quinta é a existência de caleiras, anexadas aos muros de granito (representadas, em azul escuro, as que puderam ser identificadas nas visitas ao local). Essas caleiras recolhem a água do patamar mais alto, onde fica a habitação, e distribuem-na em pequenos tanques, também anexados ao muro, onde ficam reservadas para a rega.

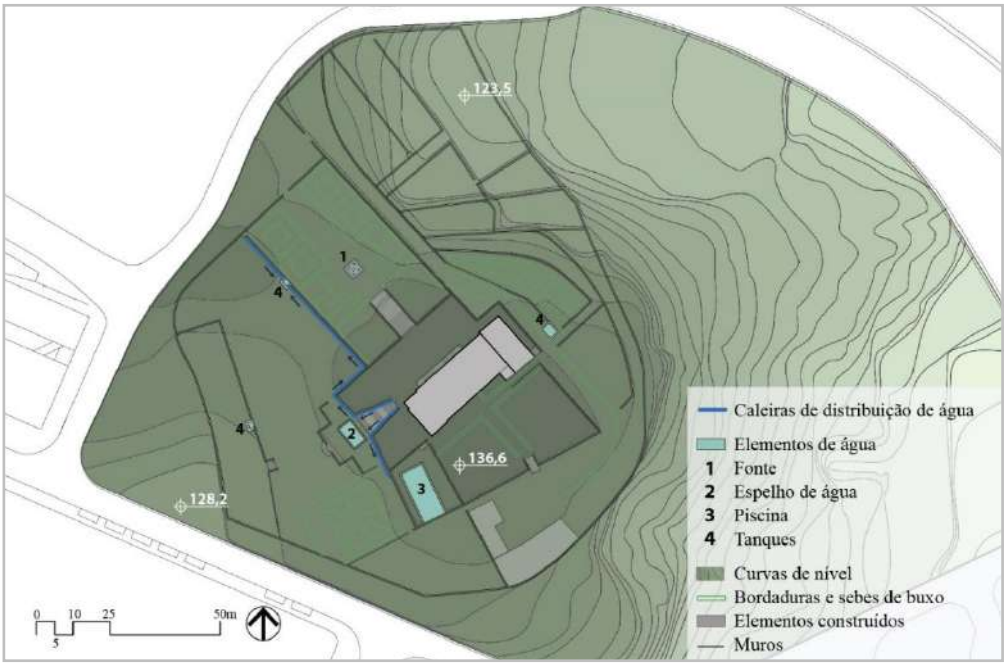


Figura 34: Distribuição de água da Quinta de Salgueiros (Fonte: Autora).

Após a saída dos moradores ingleses, em 1956, a casa volta a ser habitada pela família Mesquita Ramalho e o espaço exterior passa a ser utilizado também para eventos, como cerimônias de casamento e concertos.

Na realização do levantamento cartográfico e iconográfico, mais especificamente ao acessar o inventário SIPA, deparamo-nos com uma planta elaborada pelo arquiteto paisagista Ilídio Alves de Araújo (figura 35) que poderá ter sido realizada no final da década de 1950 ou durante os anos de 1960, período em que reuniu muito material no âmbito das suas pesquisas sobre a arte dos jardins em Portugal, que conduziram a seminais publicações suas neste domínio. Nessa planta, Ilídio de Araújo apresenta indicações do que seria a organização original da quinta. Passado o portal entrar-se-ia no que designa de pátio, com a fonte ao centro. Subindo as escadas chegava-se ao terraço da casa. No lado oposto da habitação, voltado a sudeste e com vistas

privilegiadas, situava-se o jardim. A poente da casa, nos socalcos abaixo desta, localizavam-se as hortas e pomares.

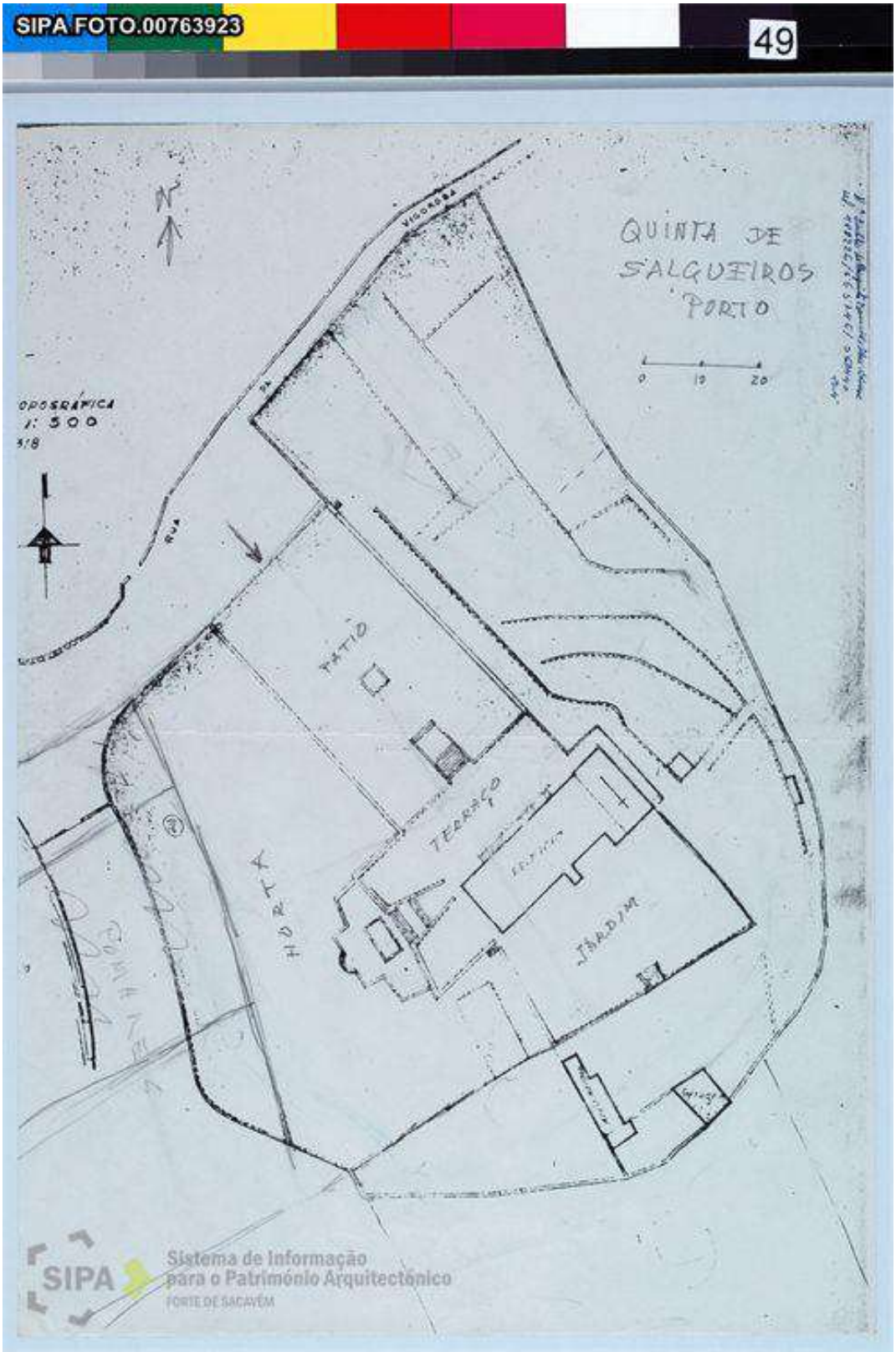


Figura 35: Planta da Quinta de Salgueiros elaborada pelo do Arq.º Ilídio de Araújo [Fonte: SIPA (http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=5444].

Nota-se que, a partir da década de 1960, a propriedade passa a exibir uma nova fase. Na figura 36, de autoria de Teófilo Rego, ficam evidentes os sinais de desgaste da habitação e a vegetação que agora passa a integrar a sua fachada. Mais adiante, em 1979 (figura 37), vê-se que o estrato arbóreo, agora envelhecido, predomina na paisagem, enquanto os jardins formais, identificados em cartografias anteriores, perdem-se em meio às zonas de cultivo, a norte, e em meio à relva, a sudoeste. A cartoimagem, do mesmo ano, atesta a topografia acidentada da quinta e da envolvente, conforme figura 38.



Figura 36: Aspeto geral do jardim e da casa da Quinta de Salgueiros às Antas, com o n.º 341, na rua da Vigorosa. Construção do século XVIII [Fonte: (Rego, 1961)].



Figura 37: Fotografia Aérea da Quinta de Salgueiros e do Estádio das Antas [Fonte: (CMP, 1979b)]. Em vermelho, está demarcada a habitação da Quinta de Salgueiros.



Figura 38: Cartoimagem do Porto [Fonte: (CMP, 1979a)] Em vermelho, está demarcada a habitação da Quinta de Salgueiros.

Passados 12 anos, um incêndio destrói parcialmente a habitação e a capela, consumindo todo o madeiramento e recheio que aí se encontrava, impossibilitando o seu uso. O incêndio de 1991 marca o início do declínio da Quinta de Salgueiros. Na fotografia aérea de 1992 (figura 39), observa-se as ruínas das edificações e o estado de abandono dos jardins. Já não é possível identificar os socalcos, os espaços de recreio, nem mesmo o eixo principal de acesso.

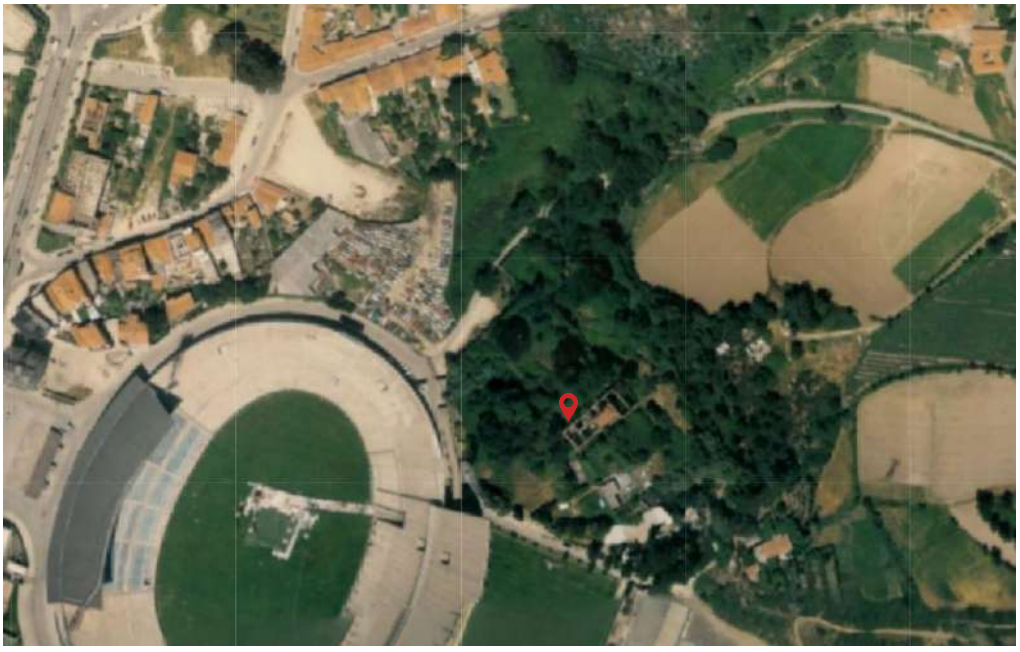


Figura 39: Fotografia Aérea da Quinta de Salgueiros e do Estádio das Antas [Fonte: (CMP, 1992)]. Em vermelho, está demarcada a habitação da Quinta de Salgueiros.

Em 1994, é realizado o prolongamento da Via de Cintura Interna (VCI) até as Antas, que trouxe um grande impacto visual para a quinta, além de elevados índices de ruído. Alguns anos depois, em 2000, a família Mesquita Ramalho, proprietária da quinta desde o século XIX, decide vender o que sobrou da propriedade ao Futebol Clube do Porto. Essa área entrou na negociação do Plano de Pormenor das Antas em favor da construção do Estádio do Dragão, passando a pertencer à Câmara Municipal do Porto.

O Plano de Pormenor das Antas é publicado em 2002 (Declaração n.º 236/2002 - 2.ª série), com o objetivo de criar uma nova centralidade na zona oriental da cidade. A zona das Antas, que incluía o estádio das Antas (demolido em 2004), diversas unidades industriais (muitas das quais obsoletas), terrenos camarários e terrenos privados ao abandono, constituía um dos principais territórios de intervenção nesse domínio. A perspetiva de realização do Euro 2004 abriu caminho para a revitalização de toda a área envolvente ao antigo estádio. Além de redesenhar a malha urbana e a estrutura dos espaços públicos, o plano fixou a implantação de um complexo desportivo, de um centro comercial e de uma área verde destinada ao Parque Urbano das Antas, no qual está inserida a Quinta de Salgueiros. Contudo, a crise econômica de 2008-2014 ditou o adiamento de vários dos investimentos previstos, situação que contribuiu para uma alteração ao conteúdo do plano que, entre outros aspetos, imprimiu uma lógica de maior mistura de usos e de funções urbanas (CMP, 2020c). Em 2014, a CMP apresenta a 1ª Alteração desse mesmo Plano (Aviso n.º 11535/2014) e, nos artigos 29º e 30º, volta a ser referido que a zona ocupada pela quinta será parte integrante do Parque das Antas, destinado a recreio e a lazer, bem como as regras de construção para essa área.

Através do software *Google Earth Pro* e da ferramenta imagens históricas, foi possível verificar as transformações que a área sofreu ao longo das obras do Plano de Pormenor das Antas e que, em certa medida, influenciaram o estado atual da quinta. É percetível na figura 40 que o terreno a noroeste, que faz divisa direta com a quinta, está, praticamente, sem vegetação, podendo ter sido utilizado como estaleiro de máquinas durante as obras.



Figura 40: Fotografia aérea da área de estudo durante a implementação de uma das etapas do Plano de Pormenor das Antas [Fonte: (Google Earth Pro, 2003)]. Em vermelho, está demarcada a habitação da Quinta de Salgueiros.

No mapa atual da zona de estudo (figura 41), é possível identificar que parte do Plano de Pormenor já foi executado. Os empreendimentos construídos como o Alameda Shopping e o Hotel AC, a norte do Estádio do Dragão, os equipamentos e as demais infraestruturas finalizadas, trouxeram uma dinâmica urbana para essa zona, que um dia foi rural.



Figura 41: Fotografia aérea da zona de estudo [Fonte: (Google Earth Pro, 2021)]. Em vermelho, está demarcada a habitação da Quinta de Salgueiros.

Assim como outras quintas da periferia da cidade, a Quinta de Salgueiros sofreu um processo de constante redução do seu espólio em consequência da pressão urbanística. Na figura 42, é possível identificar a alteração dos seus limites segundo as cartografias de 1892, de 1939-1940, de 1979 e da atualidade.

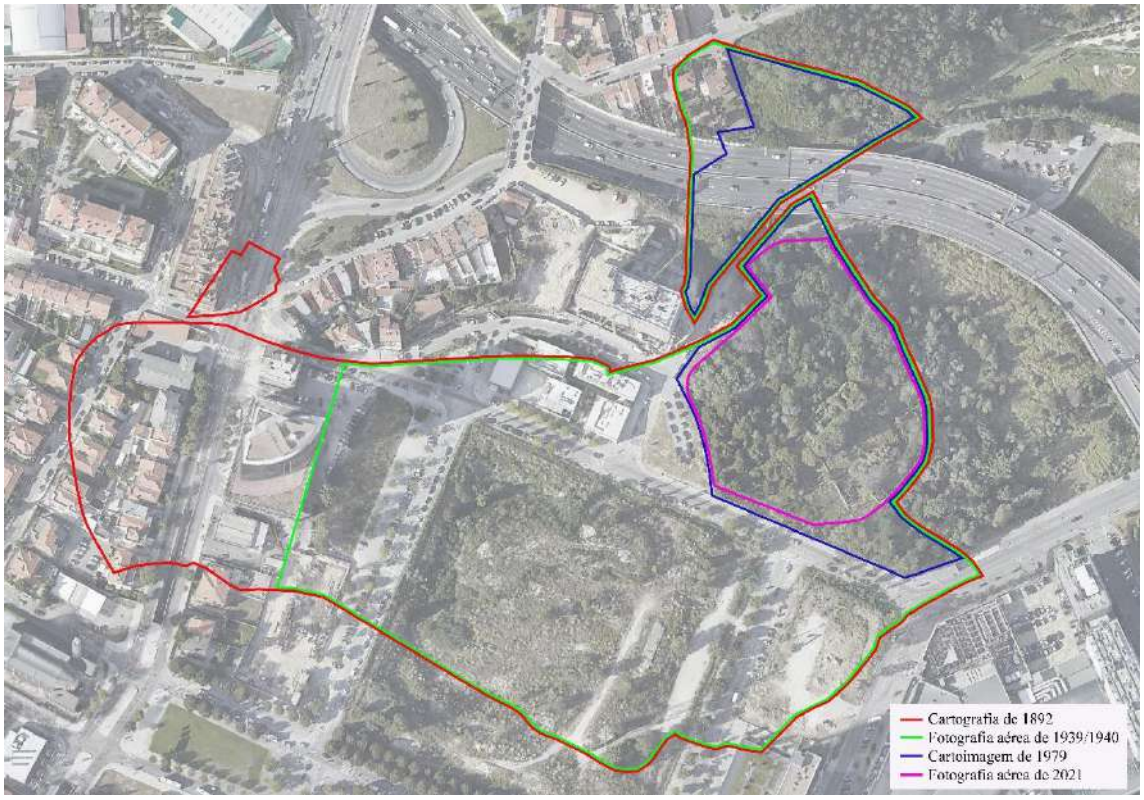


Figura 42: Evolução dos limites da Quinta de Salgueiros conforme cartografias. Utilizou-se como mapa base a fotografia aérea atual da zona de estudo do *Google Earth Pro*, 2021) (Fonte: Autora).

Percebe-se que o terreno da quinta encontra-se muito reduzido, demarcação em rosa, com apenas o seu núcleo central intacto.

2.3. Estado de conservação da Quinta de Salgueiros

A análise da atual condição física do lugar foi feita a partir do levantamento realizado durante as visitas com o auxílio de imagens de satélite (*Google Earth Pro*).

No mapa da figura 43, estão representados os limites atuais da propriedade, sua extensão e os acessos existentes. Foram identificados dois acessos pedonais (figura 44), ambos a noroeste, a partir da rua da Vigorosa, sendo que o acesso 2 encontra-se fechado por um portão. O exterior da propriedade demonstra uma situação de abandono causada, principalmente, pela falta de conservação e de manutenção da vegetação

(mato alto). Ainda de referir, a existência de um pequeno parque de estacionamentos localizado a sudoeste, criado após a demolição do Estádio das Antas.

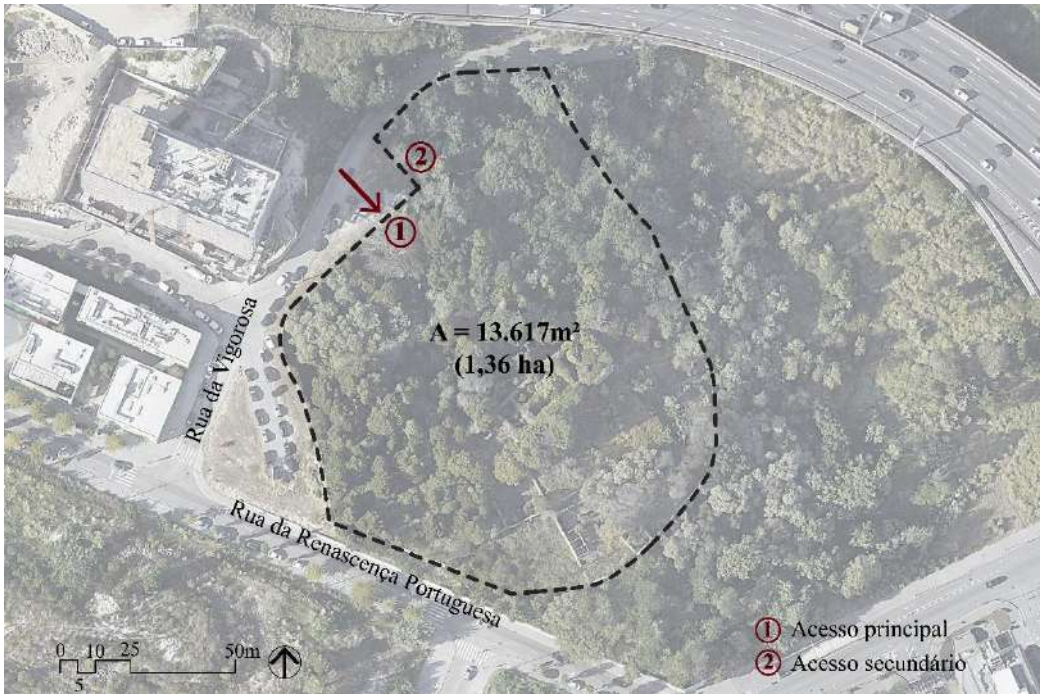


Figura 43: Limites, extensão e acessos da Quinta de Salgueiros (Fonte: Autora).



Figura 44: Acessos da propriedade (Fonte: Autora).

Acerca dos elementos construídos, chama a atenção o seu estado de má conservação, já que a maior parte das estruturas está encoberta por vegetação e com sinais de ruína. O mapa da figura 45 representa as superfícies impermeáveis, sendo a cor roxo correspondente às construções principais (casa e capela), que apenas mantêm o

'esqueleto' dessas estruturas, enquanto as manchas em rosa indicam as ruínas de construções que um dia serviram de apoio às áreas de cultivo. As manchas em laranja indicam as escadas e, em azul, os elementos de água.

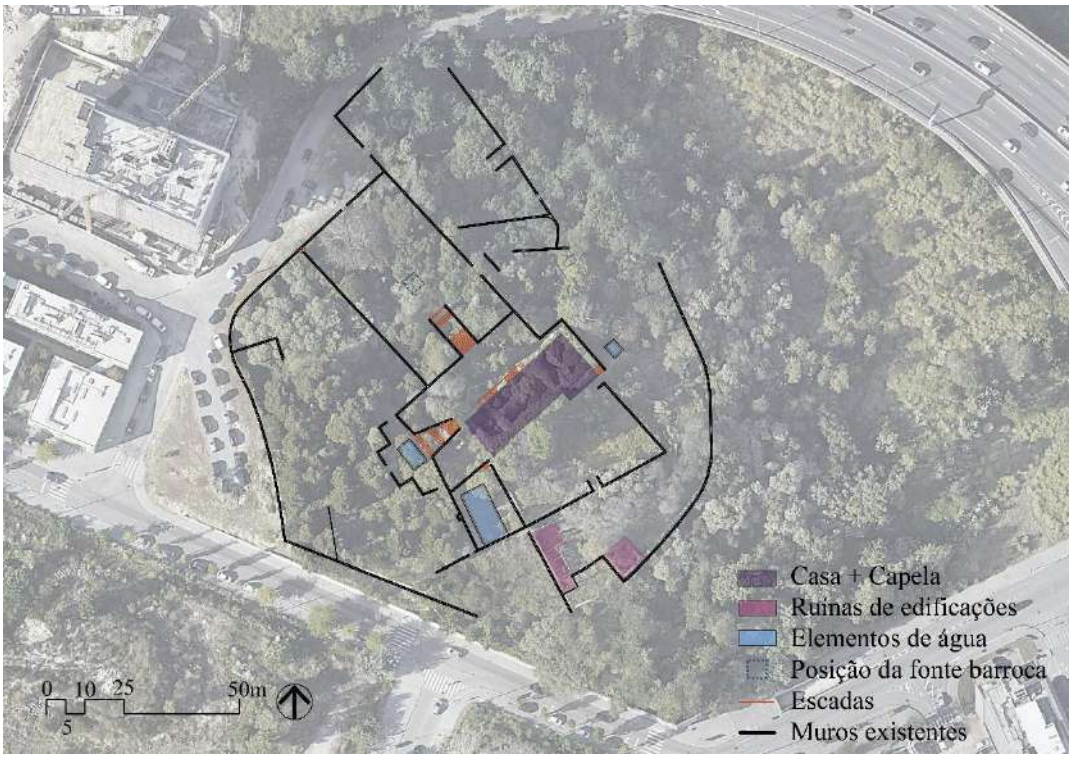


Figura 45: Os elementos construídos da Quinta de Salgueiros atualmente (Fonte: Autora).

A linha em preto reproduz o que restou dos muros em granito, tão marcantes nesta quinta. Foi possível identificar que a zona mais degrada encontra-se a norte e a nordeste e que, nas demais zonas, há vários trechos dos muros existentes que podem ser recuperados, como demonstra a figura 46.



Figura 46: Muro em granito degradado (Fonte: Autora).

A respeito da Capela (figura 47), restam apenas as suas fachadas, que estão cobertas por trepadeiras e pichações. Após a verificação do tipo de construção e a estereotomia da pedra, visível no seu interior, acredita-se que a sua construção seja posterior à implantação da habitação, muito semelhante ao que ocorria nas demais quintas da área periférica do Porto, que introduziam uma capela ao volume da habitação.



Figura 47: Capela dedicada a Nossa Senhora da Estrela. Á esquerda e ao meio, estão as vistas do interior e, à direita, a vista do exterior da edificação (Fonte: Autora).

No que se refere a habitação, o estado de degradação, iniciado com o incêndio de 1991, é visível na figura 48. O interior, predominantemente em madeira, foi destruído, restando apenas elementos em alvenaria, como as diversas lareiras que aqueciam o interior da residência. Assim como na capela, as paredes estão repletas de pichações e de trepadeiras.



Figura 48: Casa principal. Na parte superior, pode-se ver o exterior da edificação e, na parte inferior, o seu interior (Fonte: Autora).

Os elementos de água também estão visivelmente mal conservados (figura 49), aparecem ou cobertos por vegetação, ou em risco de serem danificados pelas raízes das árvores. Recentemente, a fonte barroca foi retirada do jardim da entrada principal na propriedade, segundo esclarecimentos da Câmara Municipal do Porto, por motivos de salvaguarda. Na figura 50, está indicada, com uma seta vermelha, a posição original da fonte.



Figura 49: Elementos de água. Na parte superior, está o espelho de água e, na parte inferior à esquerda, está um dos tanques de rega e, à direita, está a piscina (Fonte: Autora).



Figura 50: Localização da fonte barroca, a seta vermelha indica a sua posição original (Fonte: Autora).

Sobre o sistema de distribuição de água, a figura 51 demonstra uma das caleiras de condução junto ao muro e a um pequeno tanque. No âmbito desta investigação procurou-se obter informação sobre o sistema de captação e distribuição da água mas não existe nenhum levantamento conhecido. Só é possível observar os elementos à superfície que subsistem, nomeadamente tanques, a fonte e segmentos de caleiras. Este sistema não está a funcionar - pensamos que os meios originais de alimentação de água não estejam operacionais, por destruição ou interrupção do sistema de condução da água, fora e dentro da propriedade.



Figura 51: Sistema de distribuição de água (Fonte: Autora).

O levantamento dos elementos vivos condicionou-se pelas limitações verificadas durante as visitas ao local, como a sensação de insegurança e a falta de visibilidade

imposta pela densidade de vegetação (domínio de mato alto, heras a trepar outras plantas e estruturas contruídas e *Acacia dealbata e Acacia melanoxylon).* A observação minuciosa das espécies foi possível no percurso do acesso principal até a residência e na sua envolvente. Durante esse trajeto, percebeu-se que algumas árvores estavam demarcadas com fitas e acredita-se que essa sinalização tenha sido feita pela CMP para distinguir as espécies a serem preservadas. Essas espécies estão identificadas no mapa da figura 52 com os números 1 e 2 em verde escuro.

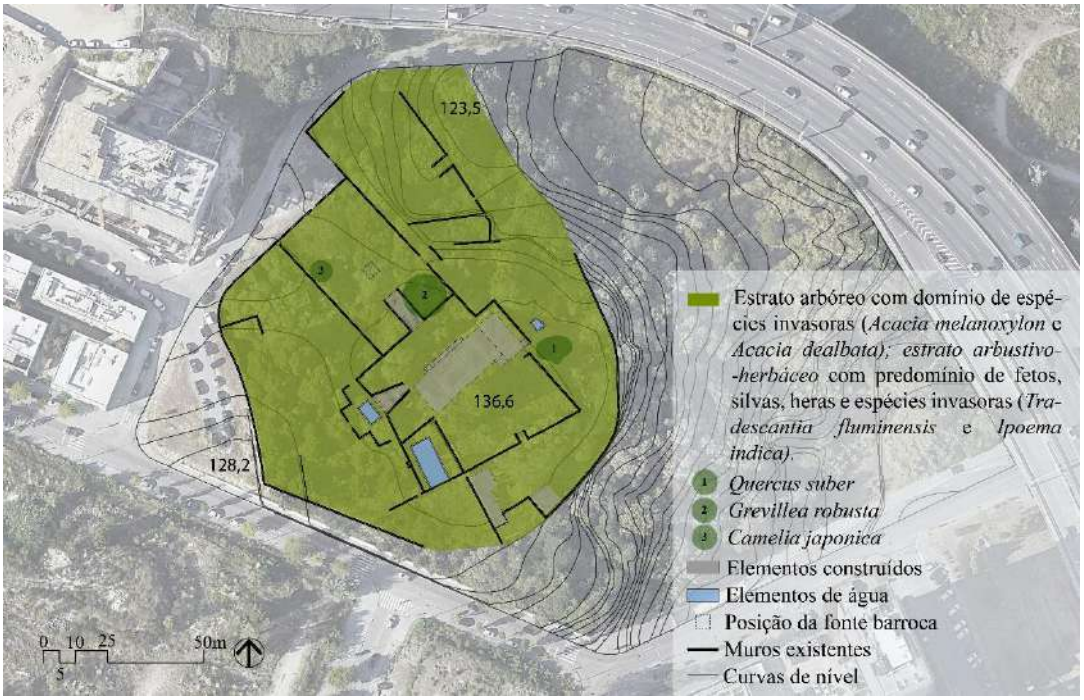


Figura 52: Elementos vivos e construídos na quinta de Salgueiros (Fonte: Autora).

O número 1 corresponde a *Quercus suber,* também conhecido como sobreiro*,* espécie nativa, arbórea de porte médio a grande e com folhas persistentes. A figura 53 mostra dois exemplares reconhecidos durante a visita, que aparentam ser relativamente jovens e espontâneos, ou seja, não fazem parte do desenho e da composição original do jardim. O sobreiro é uma espécie protegida em Portugal, em finais de 2011, a Assembleia da República atribuiu ao sobreiro o estatuto simbólico de "Árvore Nacional de Portugal", chamando a atenção para o seu valor económico, social e ambiental.

O número 2 refere-se à *Grevillea robusta* (figura 54), árvore exótica em Portugal, arbórea de grande porte e crescimento rápido. Essa espécie aparece em fotografias do arquivo da família Mesquita Ramalho, como indica a figura 55, nas quais é possível constatar que haviam dois exemplares dessa espécie, posicionados de ambos os lados do acesso à habitação e em simetria, reforçando o carácter monumental da entrada principal da quinta.



Figura 53: *Quercus suber* (Fonte: Autora).



Figura 54: *Grevillea robusta* na atualidade (Fonte: Autora).

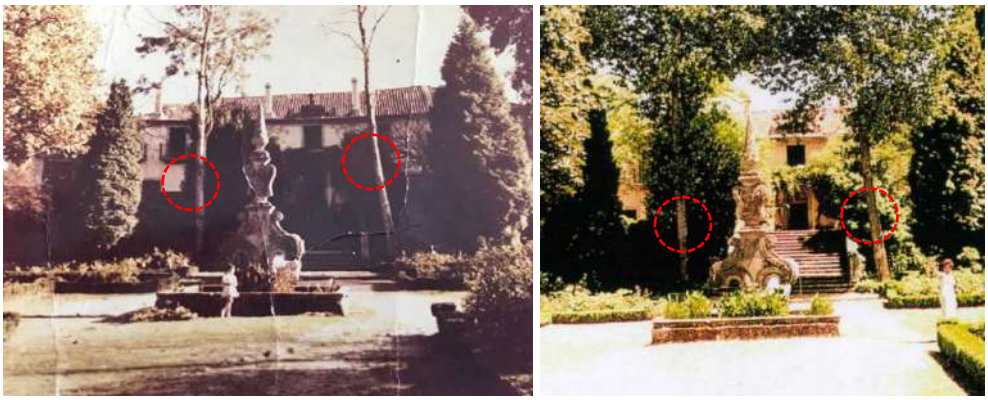


Figura 55: *Grevillea robusta* identificada em vermelho. Ambas as fotos pertencem ao arquivo da família Mesquita Ramalho [Fontes: (Grupo de Facebook: SOS Quinta de Salgueiros - Antas, n.d.) (Sousa et al., 2000)].

O número 3 do mapa da figura 52 diz respeito à *Camelia japonica* (figura 56), planta ornamental muito utilizada nos jardins privados do Porto por diversos motivos: a folhagem verde lustrosa, suas flores que trazem cor a uma época do ano onde poucas são as espécies que florescem (outono e inverno), pela sua extrema resistência aos verões secos ou aos invernos rigorosos típicos de Portugal e pelo seu hábito de crescimento já conhecido da sociedade. Julga-se que haviam várias espécies do gênero camélia na Quinta de Salgueiros, devido ao seu valor ornamental.



Figura 56: *Camelia japónica* (Fonte: Autora)

No tocante às árvores dominantes, destacam-se duas espécies invasoras, a *Acacia melanoxylon* e a *Acacia dealbata* (figuras 57 e 58). As acácias são árvores perenes, arbóreas de porte médio a grande e com crescimento rápido. Foram introduzidas em Portugal, por ação humana, na segunda metade do século XIX, a par dos eucaliptos. Além de representarem uma ameaça ao funcionamento dos ecossistemas, ambas as espécies causam enorme impacto econômico em decorrência dos altos custos das medidas de controle.

A *Acacia melanoxylon* é a espécie infestante com maior presença na quinta, em núcleos de grande densidade, como demonstra a figura 57. Seu impacto nos ecossistemas ocorre por formar povoamentos muito densos, que impedem o desenvolvimento da vegetação nativa, diminuem o fluxo das linhas de água e agravam alguns problemas de erosão. Além disso, produz muita folhada rica em azoto, que promove a alteração nas condições químicas naturais do solo, o que poderá impactar negativamente o desenvolvimento e a sobrevivência de outras espécies vegetais e, simultaneamente, favorecer o crescimento dessa e de outras espécies invasoras.



Figura 57: *Acacia melanoxylon*. Na parte superior, vê-se uma imagem obtida a partir do exterior da Quinta de Salgueiros, em que há várias acácias junto a um dos muros e, na parte inferior, vê-se a espécie distribuída por toda a área assinalada na figura 51 (Fonte: Autora).

A *Acacia dealbata* aparece em menores proporções no local de estudo, consoante figura 58. Seu impacto no ecossistema é semelhante ao da *Acacia melanoxylon*, com exceção ao facto de ter efeitos alelopáticos (libertação para o meio ambiente de bioquímicos conhecidos como aleloquímicos), impedindo o desenvolvimento de outras espécies.



Figura 58: *Acacia dealbata* (Fonte: Autora).

O estrato arbustivo-herbáceo apresenta uma grande diversidade de espécies, mas aparecem com maior frequência fetos e silvas (figura 59), plantas ornamentais como a *Zantedeschia aethiopica* (figura 60), heras como a *Hedera hibernica* (figura 61), além de espécies invasoras como a *Tradescantia fluminensis* e a *Ipoema indica*.



Figura 59: Fetos (a esquerda) e silvas (a direita) [(Fonte: Autora)].



Figura 60: *Zantedeschia aethiopica* (Fonte: Autora).



Figura 61: *Hedera hibérnica* (Fonte: Autora).

A *Tradescantia fluminensis* (figura 62), é uma espécie persistente que forma tapetes contínuos, impedindo o desenvolvimento de outra vegetação herbácea; assim como da

trepadeira perene *Ipoema indica* (figura 63*),* que cresce sobre árvores, arbustos e herbáceas, nomeadamente de espécies nativas, levando-as à morte.



Figura 62: *Tradescantia fluminensis* (Fonte: Autora).



Figura 63: *Ipoema indica* (Fonte: Autora).

2.4. Factores que afetam o lugar

2.4.1. Plano Diretor Municipal - Condicionantes

A carta de condicionantes do Plano Diretor Municipal, figura 64, identifica as seguintes áreas de servidões administrativas e restrições de utilidade pública na quinta e zona envolvente: a rede rodoviária nacional, no caso em questão a VCI, que aparece representada em vermelho; a rede elétrica, representada em rosa; e o domínio hídrico (margem das linhas de água com largura de 10 m), representado em azul.



Figura 64: Planta de Condicionantes: Carta de Condicionantes Geral [Fonte: (CMP, 2020c)]. Em preto, está demarcada a casa da Quinta de Salgueiros.

A mancha em verde, que ocupa toda a propriedade da Quinta de Salgueiros, corresponde a uma área verde sensível devido à existência de um povoamento de sobreiros (*Quercus suber*). Segundo o PDM, para essa área, deve-se privilegiar as atividades de cultivo, o reforço da galeria ripícola e o fomento da vegetação autóctone, não sendo admitida a edificação nessas áreas, salvo casos em que as intervenções, obras ou infraestruturas sejam voltadas à recuperação e à preservação do sistema ambiental.

2.4.2. Estrutura Ecológica Municipal

A estrutura ecológica municipal visa promover a continuidade dos sistemas naturais e culturais, a sustentabilidade do território do ponto de vista físico e ecológico, o incremento da biodiversidade e a salvaguarda do património natural e paisagístico (CMP, 2020c). A Quinta de Salgueiros é considerada parte da estrutura ecológica municipal enquanto espaço verde de acesso público.

Conforme indica o mapa da figura 65, na zona adjacente à área atual da Quinta de Salgueiros, há uma linha de água a céu aberto em azul escuro e, portanto, nessa zona a recomendação é de potenciar a galeria ripícola, preservar o fundo de fertilidade e valorizar os valores culturais e o uso lúdico e desportivo da paisagem. Para linha de água enterrada, indicada no mapa com o tracejado azul claro, a indicação é privilegiar a sua renaturalização, sempre que aplicável. O corredor verde principal, representado em traços paralelos na cor azul, abrange essas áreas de aluvião, com o intuito de conservá-las. Quando associados a cursos de água a céu aberto, como é um dos casos da área de estudo, deve-se garantir, no mínimo, uma faixa de 10 metros, para além da margem legalmente estabelecida, livre de edificação. Esses corredores conectam os espaços verdes fundamentais, assegurando a continuidade da paisagem.



Figura 65: Planta de Ordenamento - Carta de Estrutura Ecológica Municipal [Fonte:(CMP, 2020b)].

A bacia de retenção, indicada com o círculo vermelho no mapa da figura 65, está posicionada na zona mais baixa do terreno. Sua implantação deve privilegiar a permeabilidade do solo, a salvaguarda do ciclo hidrológico, a proteção e a valorização dos recursos naturais, a recuperação do ecossistema ribeirinho, a promoção da galeria ripícola e a implementação de sistemas de drenagem sustentável (CMP, 2020c).

Na Rua Professor Manuel Baganha, localizada a sudeste e a leste da casa da Quinta de Salgueiros, está representada a rede de conexão, em marrom. Essa rede é traduzida, em regra, por eixos de arborização que ligam de forma linear os espaços verdes urbanos. Essa rede desempenha um papel importante ao nível da drenagem superficial, da captura de dióxido de carbono e do conforto bioclimático, contribuindo, decisivamente, para a qualidade do ambiente urbano (CMP, 2020c).

2.4.3. Valor Patrimonial

Com relação ao interesse patrimonial, no ano de 2002, o conjunto da Casa e Quinta de Salgueiros foi identificado como Imóvel com Interesse Patrimonial (Carta Ca58). Em setembro de 2020, essa terminologia foi alterada para conjunto e imóveis de valor patrimonial em decorrência da Revisão do Plano Diretor Municipal do Porto. Segundo o PDM esse valor patrimonial é atribuído por seu interesse histórico, arquitetónico ou ambiental e, por isso, o conjunto merece ser protegido e valorizado, sendo admitidas obras de conservação que visem recuperar as suas caraterísticas.

A Quinta de Salgueiros também é referida na Carta de Património Arqueológico do PDM como uma área de potencial arqueológico (APA), cuja natureza, extensão e estado de conservação carece de confirmação. Isso traz implicações para eventuais obras que impliquem trabalhos de escavação ou de alteração das cotas dos terrenos.

2.4.4. Plano de Pormenor das Antas

A zona de estudo está classificada na carta de uso solo como área verde de fruição coletiva e, segundo o PDM, essas áreas verdes correspondem a parques e a jardins de acesso público, praças arborizadas e ajardinadas, existentes ou propostas. Nesse caso, especificadamente, a área verde refere-se à proposta de um parque, que está previsto no Plano de Pormenor das Antas (PPA).

Na planta de implantação do Plano de Pormenor das Antas (figura 66), estão delimitados os logradouros, as zonas mistas, os equipamentos e a área correspondente ao Parque das Antas, denominada como zona verde.

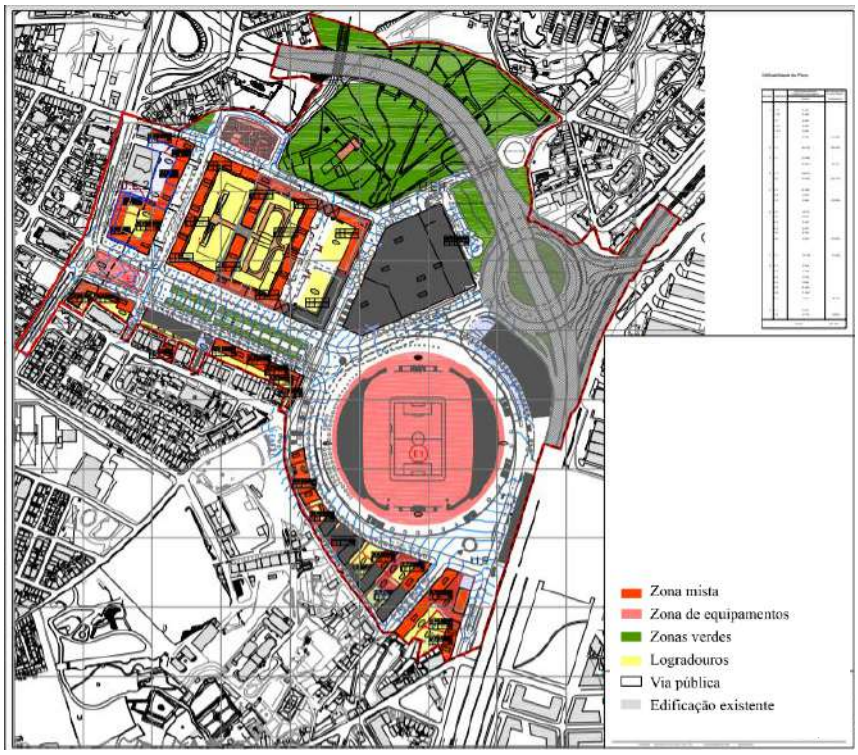


Figura 66: Planta de Implantação - Plano de Pormenor das Antas [Fonte: (CMP, 2014)].

Um dos objetivos do Plano de Pormenor das Antas é minorar o impacto negativo da VCI através da criação de um parque que conectaria as áreas verdes de ambos os lados da via, incluindo a Quinta de Salgueiros.

Em 2020, a CMP publicou os “Estudos Urbanísticos Ambientais” para discussão pública e, entre eles, está o projeto de arquitetura paisagista para o Parque das Antas desenvolvido pela Câmara Municipal. Conforme figura 67, o projeto contempla um coberto arbóreo maciço, principalmente junto à VCI, um jardim de sombra abaixo do

viaduto, além de bacias de retenção ligadas às linhas de água, zonas de clareira com prado misto, hortas urbanas e uma rede de percursos.



Figura 67: Projeto de Arquitetura Paisagista do Parque das Antas – Discussão Pública [Fonte: (CMP, 2020a)]. Em vermelho, está demarcada a habitação da Quinta de Salgueiros.

Com relação à Quinta de Salgueiros, a proposta indica, em laranja, a criação de dois novos acessos, o primeiro que conecta a habitação à Rua da Vigorosa e o segundo que conecta a habitação ao outro lado da VCI. Nota-se também que não estão demarcados os socalcos e os muros que são tão marcantes no ordenamento da Quinta de Salgueiros, assim como a alameda de acesso que, no passado, abrigou um jardim formal e uma fonte barroca e, no projeto, está representada como uma zona com significativo coberto arbóreo.

A representação da proposta alinha-se com a valorização do sistema ambiental, mas não leva em consideração o carácter histórico dos jardins da quinta. A existência de uma área verde sensível com povoamento de sobreiros na propriedade, aliada à sua integração na estrutura ecológica municipal, reforça a intenção da CMP de vincular essa área verde a uma zona de enriquecimento biológico. Destaca-se também o facto dessa área estar inclusa na rede *Biospots do Porto*, que prevê a criação de bosques nativos urbanos. Essa rede foi criada para promover a biodiversidade, os serviços dos

ecossistemas, a adaptação às alterações climáticas e a amenização paisagística e surgiu a partir do projeto FUN – Florestas Urbanas Nativas do Porto, criado em 2017.

2.5. Vulnerabilidades

Os elementos que conformam o património material variam ao longo do tempo em função de reações químicas, biológicas e mecânicas. A sua identificação é fundamental para garantir a sua sobrevivência a longo prazo.

As vulnerabilidades (problemas existentes e riscos potenciais) do património podem ser decorrentes da degradação acelerada, de empreendimentos de grande porte, públicos ou privados, do desenvolvimento urbano e turístico acelerado, de destruições por mudanças de uso e usos inadequados, do abandono, da alteração dos ecossistemas, entre tantos outros factores, e a sua identificação é fundamental para garantir a sua sobrevivência a longo prazo.

2.5.1. Construções da envolvente

A sudoeste da Quinta de Salgueiros, está prevista a construção do loteamento da Malha 2, que permite a concretização da urbanização prevista no Plano de Pormenor das Antas. O projeto pressupõe a construção e a integração de 6 edifícios (figura 68), destinados, predominantemente, à função habitacional (um total de 1150 fogos), existindo disponibilidade para comércio, serviços e indústria do tipo 3, cumprindo o disposto no regulamento do PPA. De referir, que a altura máxima do edificado varia de lote para lote, entre 24 a 37,4m, em função da orografia do terreno, ficando todos os edifícios à cota máxima de 160m.

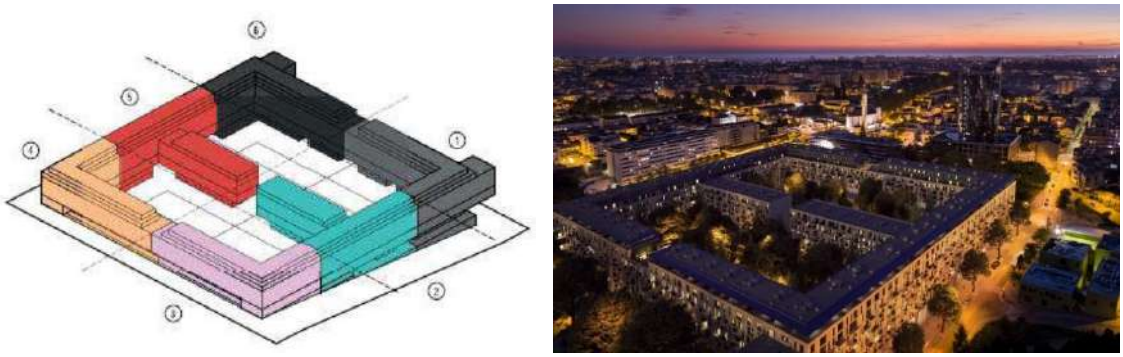


Figura 68: À esquerda, está o esquema de divisão dos lotes [Fonte: (Fado Land Investment, Sociedade Unipessoal, 2019)] e, à direita, uma simulação do conjunto.

No que se refere a área de estudo, as preocupações resultantes dos novos edifícios a construir envolvem o ensombramento adicional e a alteração das condições de circulação atmosférica ao nível da rua. Portanto, foi adotado como referência o “Estudo de Impacte Ambiental do Loteamento da Malha 2 do Plano de Pormenor das Antas”, elaborado em 2019.

A figura 69 apresenta a evolução anual da obstrução provocada pela presença do loteamento sobre a EB das Antas e sua interpretação revela que haverá um efeito de sombreamento, sem insolação direta, no período, entre, aproximadamente, 10 de outubro e 5 de março. O período de maior afetação ocorrerá entre 3 de dezembro e 1 de janeiro e o número de horas com insolação será de cerca de 100 minutos por dia, o que corresponde a 1h e 40 minutos (Fado Land Investment, Sociedade Unipessoal, 2019).

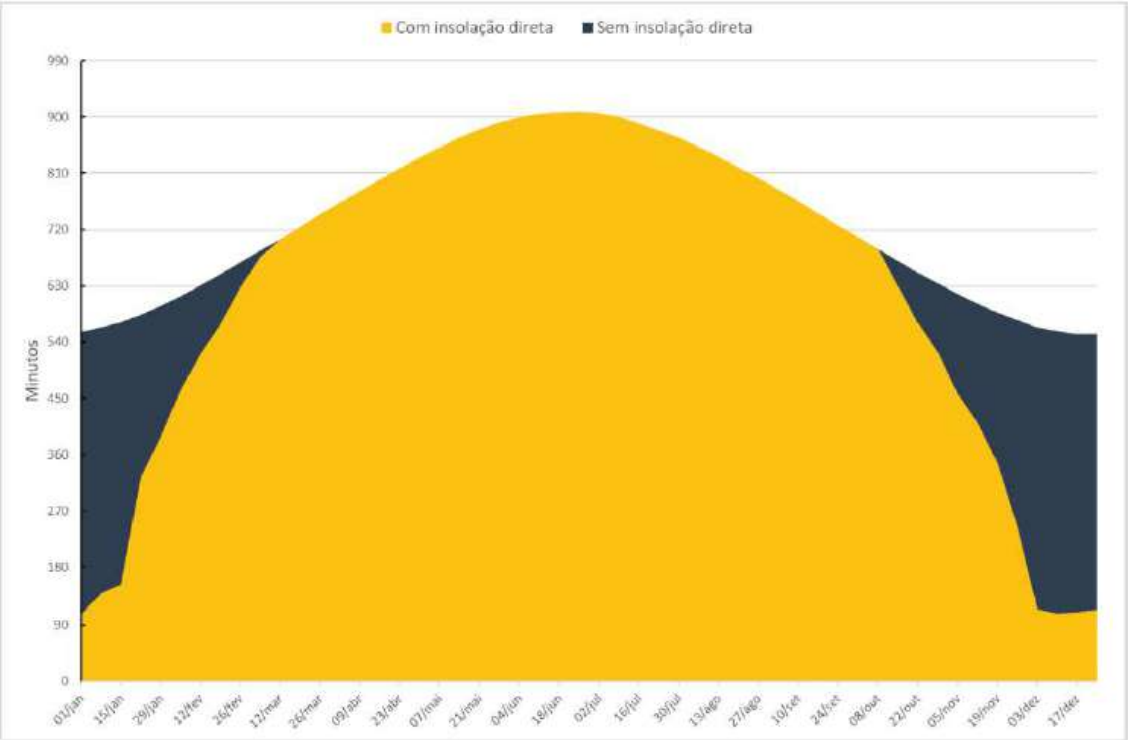


Figura 69: Evolução anual do número diário de horas com e sem insolação direta resultante da obstrução provocada pela presença do loteamento sobre o pátio de recreio da EB das Antas [Fonte: (Fado Land Investment, Sociedade Unipessoal, 2019)].

Para a simulação de ensombramento foi utilizado o *software SketchUp*, que permite indicar a georreferenciação da área de estudo e a posição Norte. A modelagem 3D também foi realizada no mesmo *software*, permitindo uma visualização muito aproximada da realidade. O período escolhido foi aquele apontado pelo estudo de impacte ambiental como o mais crítico (mês de dezembro), em dois horários distintos,

às 12 e 15h, como indica a figura 70. A imagem de fundo utilizada na simulação foi retirada do *Google Earth Pro* e refere-se ao mês de fevereiro de 2020, já que não foi possível encontrar uma imagem de satélite relativa ao mês de dezembro.

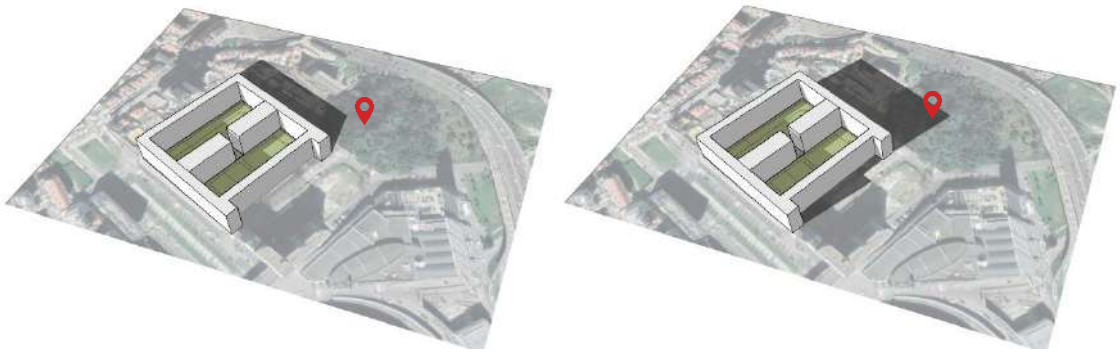


Figura 70: Simulação do ensombramento da Quinta de Salgueiros provocada pelo Loteamento da Malha 2 no mês de dezembro, às 12h (a esquerda) e às 15h (a direita). Em vermelho, está demarcada a habitação da Quinta de Salgueiros (Fonte: Autora).

A construção do loteamento também irá resultar num aumento da velocidade do vento, provocado pelo efeito de canalização. Tendo em conta os dados de caracterização climática, esse efeito ocorrerá na Rua da Renascença Portuguesa, a sul e a sudoeste da Quinta de Salgueiros, sobretudo quando o vento soprar de Oeste (21,4%) ou Leste (20,3%). A soma dessas duas situações apresenta uma frequência elevada: 41.3%. A transposição do limiar de conforto da NEN8100:2006, ao caso de estudo, incorporando a informação disponível sobre a distribuição mensal da intensidade média do vento, indica que o efeito de canalização, no caso da Rua da Renascença Portuguesa, será, particularmente, sentido entre os meses de dezembro e abril, pois a intensidade média do vento, tanto na direção Oeste como Leste, é superior ao limiar de conforto de 18 km.h-1 (*Fado Land Investment*, Sociedade Unipessoal, 2019).

Segundo o estudo do impacto ambiental realizado pela *Fado Land Investment*, Sociedade Unipessoal, a implantação dos edifícios correspondentes ao Loteamento da Malha 2 resultará numa alteração das condições microclimáticas, devido a um maior ensombramento e à criação de *canyons* urbanos (desfiladeiros urbanos). No global, o relatório considerou o impacto como negativo significativo.

Os estudos apresentados demonstram que a Quinta de Salgueiros será diretamente afetada pelas alterações climáticas advindas da construção do Loteamento da Malha 2, devido a sua proximidade com a área em questão.

2.5.2. O ruído da VCI

O ruído da VCI é um dos problemas que assola a zona de estudo desde 1994. A proximidade da Quinta de Salgueiros com essa via de trânsito rápido pode interferir na sua função enquanto área verde de fruição coletiva, um local em que os baixos níveis de ruído são fundamentais para salvaguardar a saúde e o bem-estar dos frequentadores, que buscam estes espaços para o recreio e/ou descanso.

A existência de ruído em parques e jardins exige um planeamento paisagístico sensível, que busque mitigar o seu impacto. Assim, a presença de sons agradáveis, como o som de pássaros e o barulho da água corrente, pode melhorar, consideravelmente, o conforto acústico, mesmo quando o nível de som é bastante elevado. Outro factor que influencia na perceção do "volume" da paisagem sonora é a vegetação, que funciona como elemento redutor da sensação de cansaço causada por elevados níveis de ruído.

2.5.3. A degradação do património

O levantamento da situação existente da Quinta de Salgueiros evidenciou a fragilidade do conjunto patrimonial que está abandonado, vandalizado, mal conservado e degradado, sob o risco de perder o seu carácter histórico, cultural e arquitetónico.

Evidentemente, nem todos os factores agressores dessa paisagem têm a mesma propensão e as mesmas implicações, mas, via de regra, quanto mais as condições ambientais são instáveis, maior e mais rápida é a degradação. A perturbação ambiental causada pelo domínio de espécies invasoras pode justificar a crescente descaracterização dessa paisagem. O impacto das espécies exóticas invasoras é significativo, principalmente na perda de biodiversidade, quer de espécies vegetais quer animais. Podem danificar infraestruturas, modificar o solo, agravar problemas de erosão, além de gerar situações de insegurança devido à sua rápida disseminação, que também gera alto custo decorrente das medidas de controlo.

Com relação aos elementos construídos, o que restou das paredes da capela e da casa da quinta corre o risco desabar, seja por força de ocorrências devastadoras com temporais, vendavais, entre outros, seja pela queda de árvores, como observado na figura 71.



Figura 71: Casa da Quinta de Salgueiros na atualidade (Fonte: Autora).

As condições de abandono e má conservação também afetam as relações sociais e a utilização desse espaço, que hoje demonstra sinais de depredação (figura 72) e é frequentado por indivíduos em situações questionáveis, gerando medo e insegurança aos moradores locais e aos transeuntes que passam nas imediações da quinta.



Figura 72: Indícios do mau uso e de depredação no interior da Quinta (Fonte: Autora).

Daí a responsabilidade de assegurar e de prolongar a permanência física desse bem e a mantê-lo em bom estado durante a maior parte do tempo possível. Para que isso ocorra, uma série de medidas podem ser empregadas, entre as quais as destinadas à conservação preventiva ou, quando a agressão já se fez mais intensa, como é o caso da Quinta de Salgueiros, à intervenção direta sobre o conjunto patrimonial.

2.5.4. A perda do *Genius loci*?

O plano para o novo Parque das Antas, desenvolvido pela CMP (CMP, 2020a) não representa graficamente a intenção de preservar e recuperar o jardim histórico da Quinta de Salgueiros. A sua análise permite identificar o cumprimento de várias diretrizes ambientais impostas pelo PDM e pela Estrutura Ecológica Municipal, mas aparenta não levar em consideração o que está disposto na Carta de Património Urbanístico e Arquitetónico e Património Natural que refere a Quinta de Salgueiros como "conjunto e imóveis de valor patrimonial", ou seja, não está sendo considerado o conjunto da quinta, seus muros, socalcos, jardins formais e demais elementos que remetem ao espírito do lugar e, sim, apenas o edificado.

A noção de sustentabilidade pressupõe a equidade intergerações e intragerações: tende a valorizar-se a dimensão temporal intrageracional em detrimento da dimensão espacial (Owens, 1992). Os jardins históricos são exemplares da não propriedade exclusiva desta geração, possuindo uma natureza transgeracional, característica do conceito de sustentabilidade, que resulta da sua permanência ao longo do tempo e da história. "A noção de algo que se destina não apenas a uma geração mas a várias, algo que não é verdadeiramente nossa propriedade mas antes um legado que recebemos e que temos obrigação de transmitir às gerações vindouras" (Henriques, 1994).

Para que o conjunto da quinta seja preservado, deve-se equacionar o desenvolvimento da paisagem numa perspetiva integrada, que leve em consideração tanto o interesse ambiental e social atual, quanto o interesse patrimonial, garantindo a recuperação do jardim histórico e do conjunto edificado, simultaneamente potenciando o enriquecimento biológico e paisagístico da área em questão.

3. O valor do lugar

Os jardins são espaços de vida, de contemplação, de produção, de fruição em que elementos como as plantas e a água lhe conferem excecionalidade e, ao mesmo tempo, fragilidade e efemeridade. São simultaneamente ecossistemas e obras de arte. Um jardim histórico tem uma valia acrescentada que resulta do seu valor como património cultural e património natural.

O valor da área de estudo já foi reconhecido pela CMP, em 2002, quando o conjunto da Casa e Quinta de Salgueiros foi identificado com valor patrimonial devido ao seu

interesse histórico, arquitetónico ou ambiental, mas considerou-se fundamental um aprofundamento sobre os interesses que envolvem à avaliação do valor do lugar, por ser esse um aspeto fundamental para a determinação do tipo de ação a realizar com vista à recuperação do lugar.

3.1. O caráter da paisagem e suas especificidades

O caráter do lugar deriva do conceito grego, *genius loci* (o "espírito do lugar"), que reconhece que cada paisagem tem um caráter próprio, uma personalidade própria que a diferencia de qualquer outra paisagem. São elementos definidores do caráter do lugar a sua função, forma e história.

A Quinta de Salgueiros é um exemplo emblemático das quintas do aro do Porto, de meados do séc. XVIII e, por um longo período, dominou visualmente o vale de Contumil. No passado, a sua função esteve atrelada à produção e ao recreio, ou seja, uma paisagem de cultivo e de repouso para o espírito, pela via de uma composição paisagística de belo prazer. Hoje, o território que restou da quinta está inserido no meio urbano e, apesar de ser gerido pelo poder público, encontra-se em estado de abandono. Essa paisagem tão modificada hoje não exerce nenhuma função que favoreça o bem-estar da população e do meio ambiente, já que, enquanto espaço social, não permite a sociabilização e o recreio da população devido à falta de manutenção e de conservação, e, enquanto espaço verde, está gravemente descaracterizado pelo domínio de espécies invasoras, que promovem a perda direta de biodiversidade, além de modificações na estrutura dos ecossistemas.

Como refere Ilídio de Araújo, em 1979, em seu artigo para a revista do Centro de História da Universidade do Porto, “desde muito cedo os hortos e quintas começaram a ser objeto de particular esmero na escolha do local para a sua implantação, no seu ordenamento interior e, por vezes, até na sua harmonização plástica com a paisagem envolvente”. Pode-se dizer que a Quinta de Salgueiros é um bom exemplar de adaptação à paisagem, pois toma partido da topografia acidentada para a criação de terraços de diferentes dimensões e orientações, que moldam uma nova paisagem, aos quais são adossados tanques, caleiras, escadas de ligação e caminhos. Muros de divisão, sobretudo do lado poente, contribuem para o carácter compartimentado da quinta permitindo diferentes usos. É possível que alguns tenham sido construídos por Jacintho de Mattos para a produção de espécies vegetais em melhores condições. Também a sua posição altaneira permitia os bons ares e as boas vistas, com grande

expansão para os vales férteis e toda uma paisagem de carácter agro-silvícola, mais ou menos distante. Hoje essa paisagem envolvente encontra-se muito modificada pelo crescimento urbano da cidade e, sobretudo, pelo desenvolvimento industrial de Campanhã. A VCI é hoje um dos elementos que mais afecta o carácter da paisagem e limita a sua fruição.

3.2. Interesses ou valores particulares

3.2.1. Valor estético/artístico

A casa e a capela revelam inúmeros elementos arquitetónicos que permitem reconhecê-las como belos exemplares da arquitetura, nomeadamente do final do séc. XVIII, e que formam, juntamente com a fonte barroca atribuída a Nicolau Nasoni (1691-1773) (F. de M. Ramalho et al., 2000) e eventualmente outros elementos decorativos que possam ter existido no jardim, um conjunto arquitetônico notável.

Sobre o ordenamento original do espaço exterior e eventuais modificações que possa ter sofrido ao longo dos tempos, possuímos pouca informação. Cremos que as áreas que a quinta foi perdendo corresponderiam a parcelas de produção agro-silvícola e, já depois de Jacintho de Mattos ter aí instalado o seu horto, às áreas de produção de plantas ornamentais e de interesse agrícola e florestal. A área que chegou até aos nossos dias, na proximidade da habitação, corresponderá à área original de recreio - jardim e mata ornamental. Dado o estado de degradação em que se encontra desde há algum tempo é possível que muito do seu tecido histórico se tenha perdido. É possível que, depois da saída de Jacintho de Mattos da propriedade, este e outros espaços aonde terá posto em prática o seu gosto e arte enquanto horticultor e projetista de jardins, se tenham modificado. As zonas a poente, marcadas pelos socalcos e muros que ainda hoje se mantêm, mesmo que a ameaçar ruína, terão acolhido várias coleções de plantas (azáleas, camélias, rosas...), importantes estufas de ciclâmenes, avencas ou begónias e estufins, hoje desaparecidos. Dado o estado de manutenção não é possível encontrar vestígio de traçados, elementos estruturais e decorativos ou de construções que permitissem reconstruir o espaço nuclear da quinta no tempo de Jacintho de Mattos. Sobre os anos subsequentes, também não temos informação que nos permita conjecturar sobre a qualidade dos jardins embora fotografias da época mostrem que a organização e composição seria a mesma, mas com menos diversidade e profusão

florística. Contudo, um testemunho recente de um membro da família Mesquita Ramalho permite-nos conhecer o valor estético do lugar:

> "Os inúmeros bancos em pedra convidavam à leitura, ao convívio das merendas, ao debate de ideias, na sombra fresca do jardim, gozando as diferentes perspectivas criadas pelos socalcos, pelas generosas escadarias e pelas verdejantes áleas, que conduziam aos espelhos de água, dos tanques e das fontes. Os muros, individualizando cada espaço, permitiam o deslumbramento da descoberta de novas flores, cheiros e universos." (Petição Pela Salvaguarda, Classificação e Reabilitação da Quinta de Salgueiros, 2000)

3.2.2. Valor histórico

O valor histórico desta propriedade advém de vários factores, desde logo a sua antiguidade, sendo primeiramente referida como casal de Salgueiros e depois como Quinta de Salgueiros, existente já no século XVIII. Não constando dos documentos escritos que esta fosse uma quinta especialmente notável de Campanhã e concorrente com as quintas do Freixo, do Prado, de Bonjóia ou da Revolta, facto que pode ser comprovado pela comparação do seu valor artístico, é, contudo, uma das quintas que contribui para o conhecimento do ordenamento da paisagem na zona de Campanhã e uma das quintas de recreio de referência. Embora não se tenha conseguido identificar os seus proprietários originais, sabe-se que, no final do século XIX, pertencia a 'portuenses ilustres', ou seus descendentes, sendo, por esta associação, também de valor histórico.

Outro elemento que evidencia o seu interesse histórico está no vínculo dessa paisagem com o movimento hortícola do Porto. A presença de Jacintho de Mattos no Viveiro das Antas ilustra uma fase significativa no desenvolvimento da horticultura e do projeto de jardins em Portugal. Como referido em capítulo anterior, Jacintho de Mattos é uma figura maior nestes domínios, tendo contribuído de forma invulgar para a transformação da nossa paisagem de amenidade, introduzindo espécies vegetais e novas formas de projetar jardins e parques públicos e privados, ordenando novas quintas de recreio ou renovando quintas existentes segundo modernos princípios formais. A sua associação à Quinta de Salgueiros, para criar o seu principal viveiro no início do século XX, confere um valor histórico especial a esta quinta. O valor hortícola não se perdeu com a saída de Jacintho de Mattos pois a família Mesquita Ramalho, que lhe terá alugado o espaço,

iniciou o seu próprio negócio como viveirista, possivelmente tirando partido do legado vegetal e construído deixado por Jacintho de Mattos.

3.2.3. Valores ambientais

Um dos elementos sensíveis e de grande interesse ambiental é a presença de um povoamento de sobreiros na quinta, como indica a Carta de Condicionantes da figura 64. Essa espécie tem relevante papel na conservação do solo, da água e da biodiversidade, assim como no sequestro e armazenamento de carbono (cerca de 20% do carbono total nas florestas portuguesas é retido pelo sobreiro), serviços de ecossistema fundamentais a nível nacional e internacional. O Decreto de Lei nº 169/2001, de 25 de Maio, revisado e alterado pelo Decreto-Lei n.º 155/2004, de 30 de Junho, tem como intuito proteger essa espécie nativa a fim de regulamentar diversas práticas de gestão como o abate, a extração da cortiça, as podas, cortes e o uso do solo.

Também se destaca o facto de a quinta integrar a estrutura ecológica municipal (figura 65), que revela a possibilidade de recuperação dessa paisagem tão frágil e descaracterizada do ponto de vista ambiental. As variáveis biofísicas dessa zona demonstram um grande potencial do sistema húmido que, juntamente com os outros corredores ecológicos, possibilitará a conexão entre os espaços naturais e os espaços verdes urbanos, tornando o habitat mais rico e diverso, além de elevar o seu interesse ecológico. Apesar da necessidade de recuperação e reforço da estrutura ecológica, a mancha verde terá hoje um papel importante na qualidade do ar e na proteção do solo e tem algum interesse paisagístico pois constitui um marco importante na zona onde se insere, praticamente desprovida de vegetação arbórea.

Também pode-se destacar o facto de a quinta pertencer à área verde de fruição coletiva, conforme figura 66, que fará parte do Parque das Antas. Tudo isso cria condições para que essa paisagem possa evoluir para um modelo, simultaneamente, interessante para a biodiversidade urbana e para o uso humano, contribuindo para o seu interesse social. Todos estes valores podem ser incrementados através das ações de recuperação da quinta.

3.2.4. Valor arqueológico

A quinta é referida na Carta de Património Arqueológico do PDM como uma área de potencial arqueológico (APA), ou seja, um sítio com probabilidade de existência de

vestígios de ocupações pretéritas. Conforme Juliani (1996), a existência de tal probabilidade está relacionada à associação de diversos factores, sendo os mais importantes: contexto ambiental, contexto histórico e grau de preservação do solo. Os dados dos contextos ambiental e histórico podem indicar os locais escolhidos para assentamento e para atividades de subsistência de populações passadas. Contudo, o grau de alteração do solo urbano é factor determinante para definição de potencial arqueológico.

4. Estratégia de recuperação

As soluções propostas foram pensadas com o objetivo de integrar ideais de conservação e de valorização da paisagem, mantendo ou recuperando os elementos marcantes e influentes que determinam o valor ao lugar. A partir da investigação desenvolvida e da identificação dos valores efetuada, podemos afirmar que a quinta de Salgueiros deve ser submetida a um projeto de recuperação que respeite e amplie os seus valores principais, atuais e potenciais.

As linhas orientadoras da intervenção foram pensadas com base nos elementos recolhidos num período de grandes limitações à investigação, já referidas na introdução, e por isso poderão não integrar informação essencial, nomeadamente a decorrente de aturados trabalhos de campo. Contudo, pensamos ser correto concluir que o traçado e estruturas existentes na quinta na altura da sua ocupação por Jacintho de Mattos, mantiveram-se nas décadas seguintes, por isso propomos a recuperação dos jardins formais da década de 1950-1960, que demonstram tendências e traçados semelhantes aos utilizantes pelo horticultor-paisagista. Apesar destes viveiros de Jacintho de Mattos terem permanecido pouco tempo na quinta (embora criados durante um período de plena afirmação como projetista, com muita encomenda de trabalhos de grande significado (Marques, 2009)) marcaram de forma profunda o lugar. A quinta de Salgueiros é, por isso, um lugar onde a memória de um tempo muito especial na cidade, que viu florescer tantos hortos e atividade comercial neste domínio, pode ser reavivada. O trabalho de recuperação com vegetação assume, por isso, uma importância particular.

O projeto de recuperação da quinta deve também levar em consideração o projeto de arquitetura paisagista do Parque das Antas desenvolvido pela CMP, a fim de garantir uma harmonia entre o jardim histórico e o parque contemporâneo. Os novos traçados

buscaram trazer melhorias aos níveis funcional e estético, estabelecendo a ponte entre o passado e o presente.

A proposta de recuperação considerou a existência e a integridade das várias componentes do jardim. Em relação aos elementos construídos, identificou-se que a zona mais degradada e descaracterizada se localiza a norte e a nordeste da propriedade e corresponde aos antigos socalcos, voltados ao cultivo. Acredita-se que essa zona acabou por sofrer maior desgaste em relação às demais em razão da sua topografia acidentada, o que dificultou as atividades de manutenção e de conservação por parte das entidades públicas, além do seu atual uso ocioso, que antes era vinculado à atividade rural. Portanto, levando em conta o seu grau de conservação e a sua integração no espaço na atualidade, optou-se por não reconstruir os socalcos degradados, mantendo apenas aqueles que apresentam condições de recuperação.

A respeito da vegetação, como o presente estudo se deparou com limitações para o desenvolvimento do levantamento da situação existente, entende-se que deverá ser realizado outro estudo com um levantamento preciso das espécies e do seu estado sanitário, assim como um plano de gestão para a retirada gradual das espécies invasoras. A proposta em questão assume apenas a existência das espécies identificadas e propõe a plantação de espécies nativas nas zonas de bosque e de mata e de grande diversidade florística e de árvores e arbustos exóticos nas demais zonas.

Por fim, a proposta assenta em princípios como a economia de recursos, a comunicação facilitada entre a comunidade e a paisagem com a criação tanto de oportunidades para o recreio ativo - quanto para a estadia - e o compromisso na defesa da biodiversidade.

5. Proposta

5.1. Recuperação do jardim histórico da Quinta de Salgueiros

A área definida para a proposta de recuperação compreende a zona intramuros da Quinta de Salgueiros e duas zonas associadas a urbanização, a calçada externa da Rua da Vigorosa e a zona que atualmente é destinada a um estacionamento, localizada na esquina entre a Rua da Vigorosa e a Rua da Renascença Portuguesa. Ambas as áreas pertenciam a antiga propriedade da Quinta de Salgueiros e farão parte do Parque Público da Antas.

A respeito das **alterações propostas**, na figura 73 estão indicados os elementos construídos existentes que serão mantidos e recuperados, pois como observado no levantamento da situação existente, a maior parte das construções está muito degradada, principalmente o edificado (casa e capela). Em amarelo estão indicados os muros em granito a serem retirados, sendo que todas as suas pedras poderão ser utilizadas na construção e reparo de outros trechos de muro, assim como na construção dos percursos e ornamentação do jardim. Em vermelho estão identificados os percursos e canteiros propostos, além dos muros que deverão ser reconstruídos, com a finalidade de recompor o núcleo principal da quinta com suas “salas” intramuros.

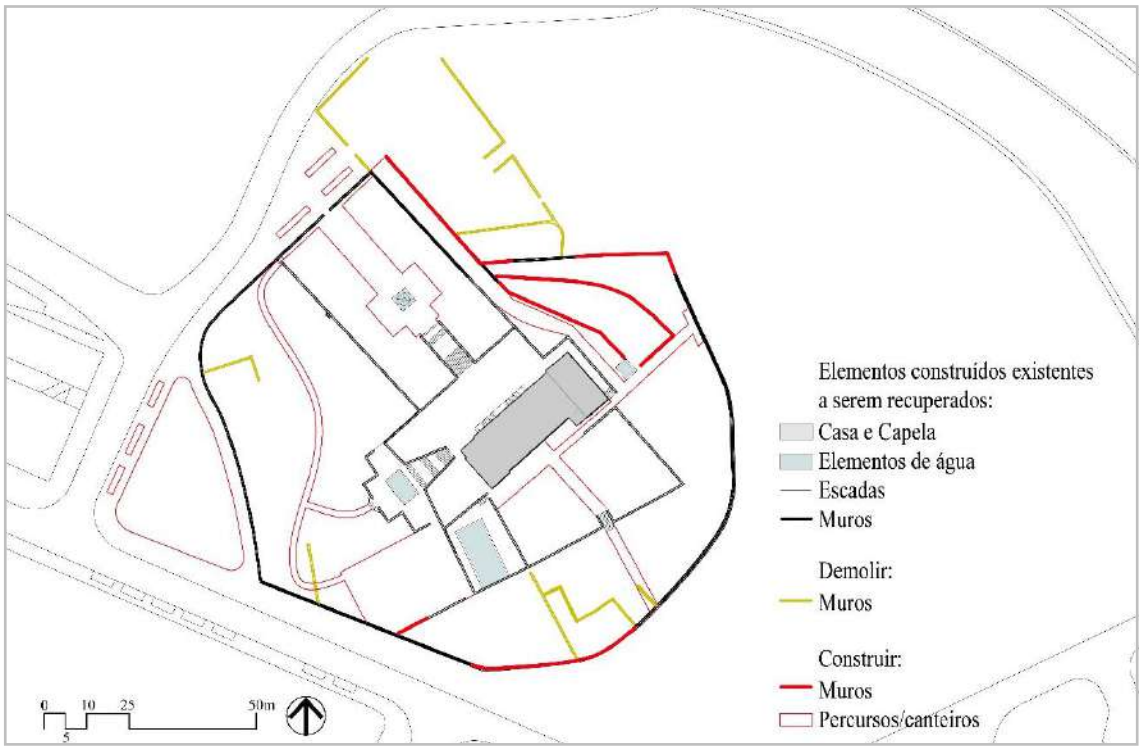


Figura 73: Alterações propostas (Fonte: Autora).

O plano geral da proposta de recuperação do jardim histórico (figura 74) privilegia a função de recreio da quinta e tem como objetivo reaver o seu traçado histórico e introduzir maior riqueza ao nível das coleções de vegetação, como no antigo viveiro, tendo o seu desenho minimamente modificado para a criação de percursos que possibilitem a apreciação do jardim, de seus cheiros e de suas texturas, além de percursos que permitam a conexão com o projeto proposto pela CMP para o Parque das Antas.

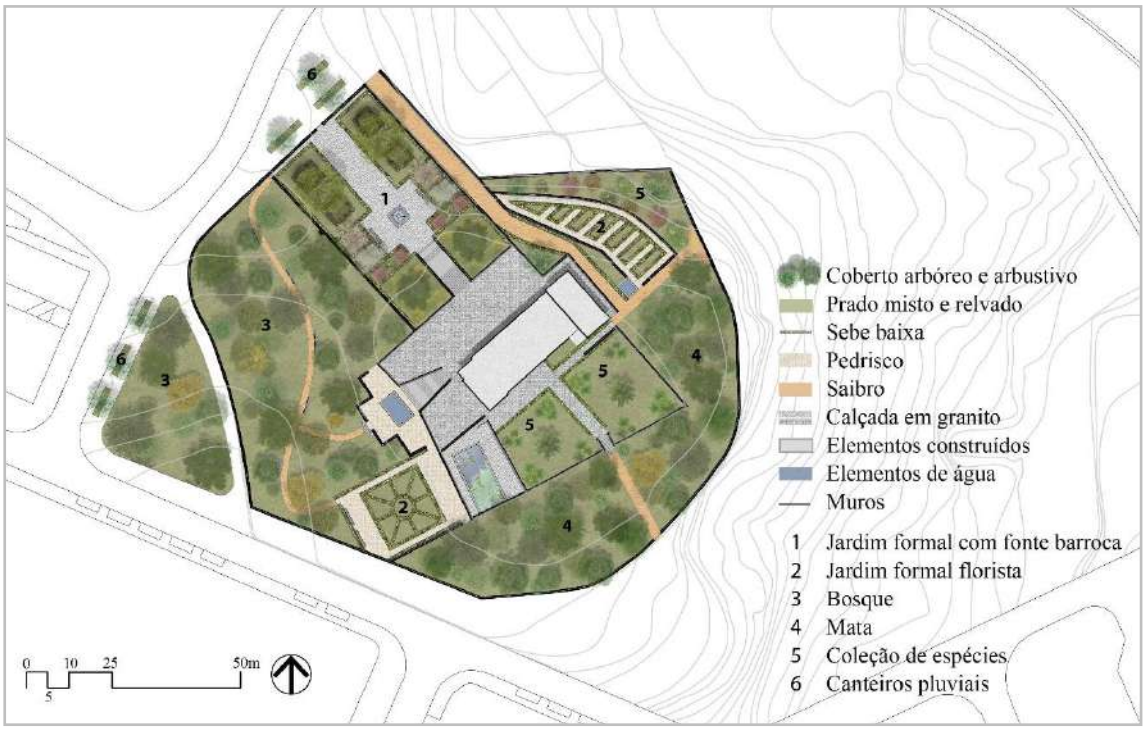


Figura 74: Plano geral da proposta de recuperação do jardim histórico (Fonte: Autora).

A proposta **contempla diferentes tipologias** - o jardim formal de entrada com a fonte barroca, os jardins floristas, o bosque, a mata, os sítios de coleção de espécies, o mirante com vista para o Parque das Antas, o tanque com espécies aquáticas e o espelho de água – que exploram diferentes elementos como a luz, a sombra, a tranquilidade, o exótico e o prazer. Na figura 75 estão representados esses espaços.

Os **elementos de água** mantêm o interesse de quem percorre o jardim, embelezando-o e tornando-o mais apelativo, os diferentes recantos remetem à sensação de descoberta, enquanto os espaços lúdicos promovem a atividade, mantendo o jardim atrativo durante todo o ano. Todos esses pormenores fazem o usuário sentir-se dentro de um quadro ao percorrer o jardim, que nunca deixa de surpreender, que muda, constantemente, de aspeto consoante a hora do dia.

O **miradouro proposto**, à cota a que está, permite que os visitantes tenham uma grande amplitude visual do Parque das Antas, possibilitando a aproximação otimizada e segura dos seres humanos com os ecossistemas vivos.



Figura 75: Plano geral da proposta com representação das unidades compositivas do espaço (Fonte: Autora).

Referente aos **materiais e mobiliário utilizado**, a proposta designa o uso de materiais locais, como o piso em granito e em saibro natural, permitindo maior unidade com o estudo apresentado pela CMP para o Parque das Antas, que prevê a maior parte dos percursos com este material. A fim de aumentar a permeabilidade do solo e de facilitar a manutenção, nas zonas do jardim florista e do espelho de água, foi proposto o uso de pedrisco em granito amarelo claro (figura 76).

Para suporte das zonas de recreio e de estadia foram propostos bancos e postes de luz em diferentes trechos. O mobiliário foi pensado com o intuito de respeitar a história e o caráter do lugar e possui design contemporâneo com o objetivo de destacar o período da intervenção. Os bancos foram dispostos no jardim formal do acesso, que configura um praça de chegada, de boas-vindas à comunidade local e aos visitantes. Também foram posicionados bancos em locais estratégicos, como no percurso do bosque, que dispõe de um espaço fresco e húmido nas épocas de calor. Pelo facto dos jardins estarem confinados, a iluminação é fundamental para garantir o bem-estar e a segurança dos usuários, principalmente nas zonas mais escuras do bosque, por isso foi indicado um poste de luz de duas alturas, que permita a iluminação do percurso e, ao mesmo tempo, de uma parcela do jardim.

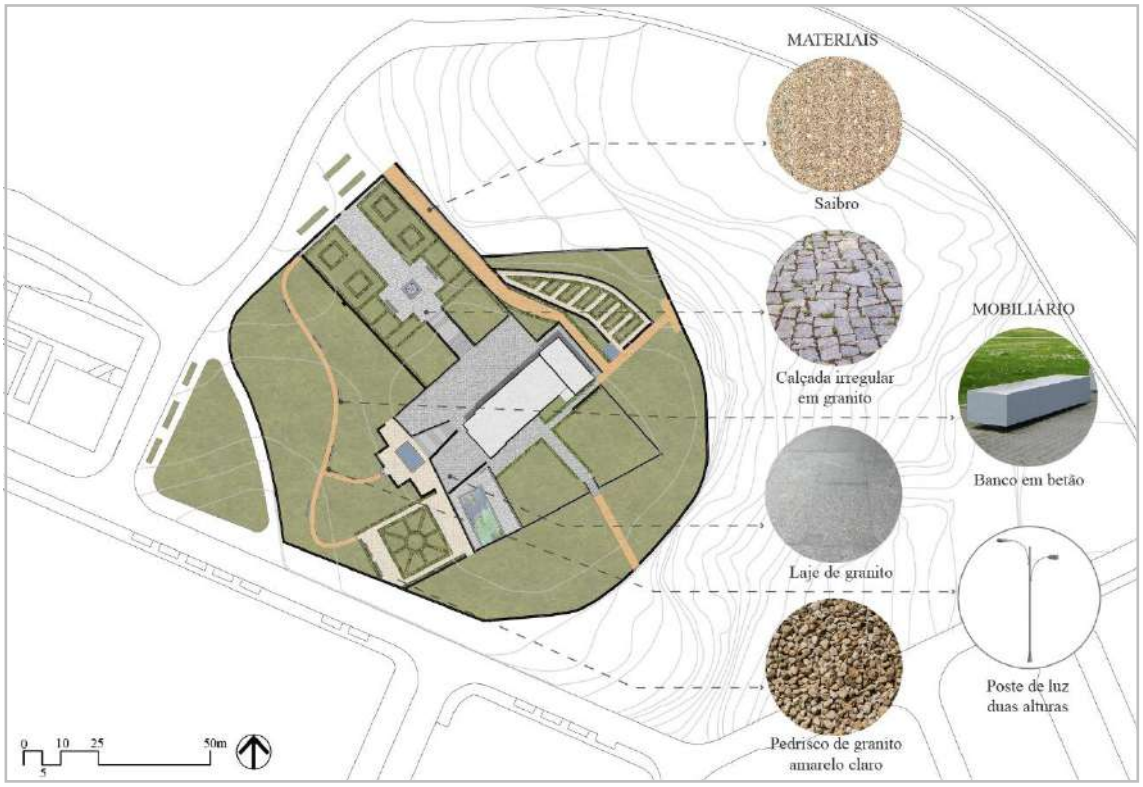


Figura 76: Plano de elementos construídos (Fonte: Autora).

Na figura 77 está representado o **plano do estrato arbóreo e arbustivo**. Como referido nas estratégias de intervenção, a proposta em questão recria as bordaduras e sebes de buxo 1950, que delimitam o jardim florista e os percursos, articulando o desenho do jardim formal com os demais elementos construídos, o que permite a criação de distintos recantos que convidam ao passeio, ao repouso e à apreciação da paisagem envolvente. Optou-se por não utilizar o buxo, *Buxus sempervirens*, em razão do elevado índice de ataques por fungo e traça na região do Porto e como alternativa propôs-se o uso da espécie *Ilex crenata*, comumente utilizada para sebes baixas.

A zona do jardim formal, que abraça a fonte barroca, é o sítio com maior número de registros fotográficos, permitindo a identificação de algumas espécies arbóreas, além de informar questões de composição, já que as espécies se repetem em ambos os lados da fonte, em simetria. Portanto, nesse sítio a vegetação existente em conformidade com os registros fotográficos foi mantida. Para além disso, no canteiro junto ao acesso foi proposto a *Platannus hispanica* e nos demais canteiros espécies ornamentais como as magnólias, as azáleas e a *Kerria japonica*.

Para a zona do bosque estão previstas espécies autóctones como: *Castanea sativa, Corylus avellana, Crataegus monogyna, Erica arbórea, Frangula alnus, Fraxinus angustifolia, Ilex aquifolium, Quercus robur, Quercus suber, Sorbus latifolia, Sambucus*

nigra, Taxus baccata, Viburnum lantana. O estrato arbóreo e arbustivo sugerido tem como intuito conceber um bosque com árvores predominantemente de folhas caducas, pontuado por maciços arbustivos.

Para o sítio a sul e a sudeste foi proposto uma mata de espécies autóctones, com predomínio de sobreiros, pois nesta zona já existem alguns exemplares de *Quercus suber,* conforme indica a figura 77, além do facto da zona envolvente abrigar um povoamento dessa espécie, relatado no item 2.4.1 deste estudo. Também é proposto, juntamente com o sobreiro, vários exemplares de pinheiro-manso, de cipreste (*Cupressus sempervirens L.)*, todos com grande valor ornamental. É esta também a zona do jardim histórico mais vulnerável ao ruído da VCI, justificando o plantio de grandes espécies arbóreas, de folhas persistentes, contribuindo para a atenuação sonora.



Figura 77: Plano de elementos vivos - estrato arbóreo e arbustivo (Fonte: Autora).

A zona voltada à coleção de espécies busca representar a grande diversidade do movimento hortícola de Oitocentos, que marcou a história dessa propriedade. As coleções costumam representar diferentes temáticas e conter as mais variadas espécies exóticas pelo que, no jardim localizado junto à fachada de fundos do edifício, que fica no ponto mais alto do terreno e com privilegiada exposição solar, foi proposto um jardim com a temática dos trópicos, com palmeiras e estrelícias que lembram um

cenário tropical, enquanto que o jardim de coleção, localizado a norte e a nordeste do edifício, inclui arbustos floridos, como as azáleas, muito cultivadas no Viveiro das Antas.

Para a zona associada a urbanização, aponta-se o plantio de espécies autóctones, como a *Celtis australis*, muito utilizada para arruamentos por causa da sua tolerância à poluição.

Acerca da **vegetação subarbustiva e herbácea** (figura 79), buscou-se inspiração a partir das fotografias disponíveis e das referências das espécies cultivadas por Jacintho de Mattos, nomeadamente a partir dos seus catálogos. O cultivo de rosas também é bastante referido, inclusive há uma referência fotográfica (figura 78) cedida por um dos membros da família, Miguel Coelho de Souza, da época do Viveiro das Antas.



Figura 78: Cultivo de rosas no Viveiro das Antas [Fonte: *(Souza, n.d.)*]

Portanto, para o jardim florista a sul, indicou-se o plantio de variadas roseiras, com preferência para as espécies cultivadas por Mattos e com perfume intenso, em canteiros delimitados por sebe baixa. Para o jardim florista, a nordeste, também delimitado por sebes, são propostas variadas flores de época (lírio, zinia, ageratum, dahlia, tulipa, petúnia, margarida dobrada, amor-perfeito), de modo a manter o jardim florido em todas as estações.

Para o jardim formal com fonte barroca, foi indicado o plantio de *Agapanthus sp.* a envolver as espécies arbóreas e arbustivas, consoante figura 79.

A proposta também prevê o plantio de *Festuca glauca* e *Lavandula angustifolia* nos canteiros vinculados ao percurso em saibro e para os canteiros pluviais, localizados nas calçadas externas aos muros, aponta-se o uso de espécies herbáceas e subarbustivas autóctones e de fácil manipulação. Também foi referida a utilização do antigo taque/piscina da propriedade para a criação de um jardim com espécies aquáticas com valor ornamental.

A zona de relvado corresponde às zonas de clareira a poente e a sul da casa, enquanto a zona de prado compõe o subcoberto dos bosques e das áreas sombreadas. Para a zona de mata o subcoberto proposto é de espécies de sombra.

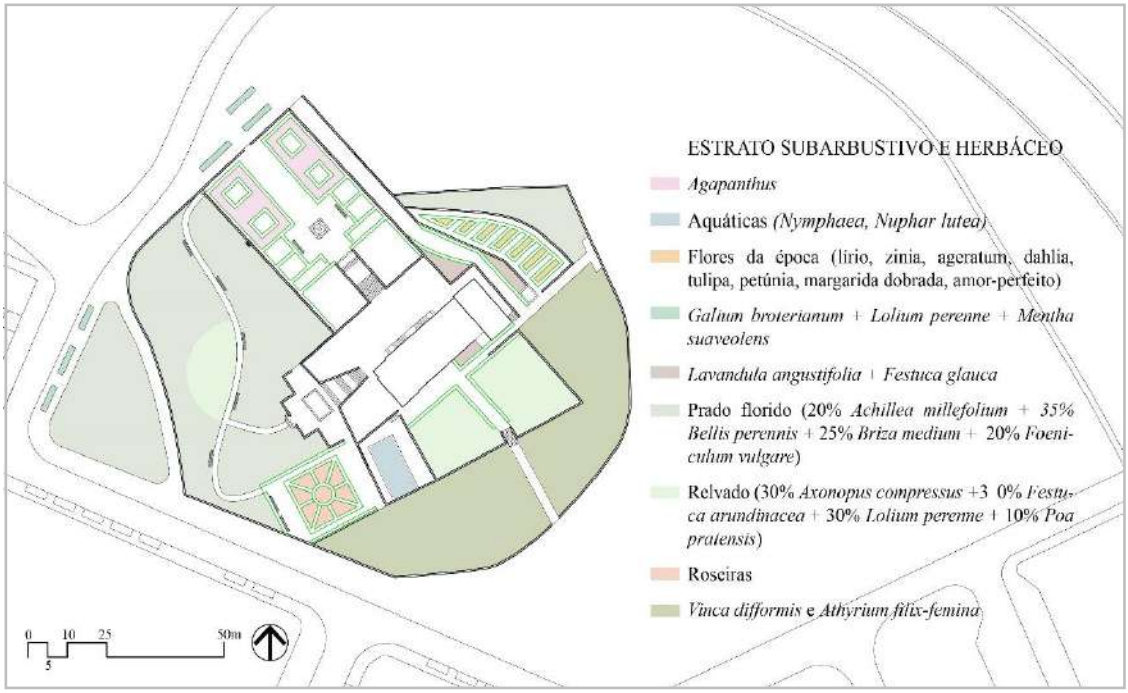


Figura 79: Planta de elementos vivos - estrato subarbustivo e herbáceo (Fonte: Autora).

5.2. Integração da proposta de recuperação do jardim histórico com o Parque das Antas

Na figura 80, foi sobreposta essa proposta de recuperação do jardim histórico da Quinta de Salgueiros com o projeto de arquitetura paisagista do Parque das Antas.



Figura 80: Plano geral da proposta de integração do jardim histórico com o projeto de arquitetura paisagista do Parque das Antas (Fonte: Autora).

A presente proposta manteve as áreas verdes associadas a urbanização proposta pela CMP, como os corredores verdes da Rua da Vigorosa e da Rua da Renascença Portuguesa, e a área de bosque que fica no encontro entre as duas ruas, que na situação existente corresponde a um estacionamento (figura 81).

Como explicado no item 2.5.1 deste estudo, as construções da envolvente, em especial a construção do loteamento da malha 2, irá resultar em um aumento da velocidade do vento, provocado pelo efeito de canalização, a sul e a sudoeste da Quinta de Salgueiros e o posicionamento da vegetação em linhas ou faixas de árvores e arbustos instaladas de forma a alterar o fluxo do vento, e consequentemente do microclima, auxilia no amortecimento desse fenômeno.

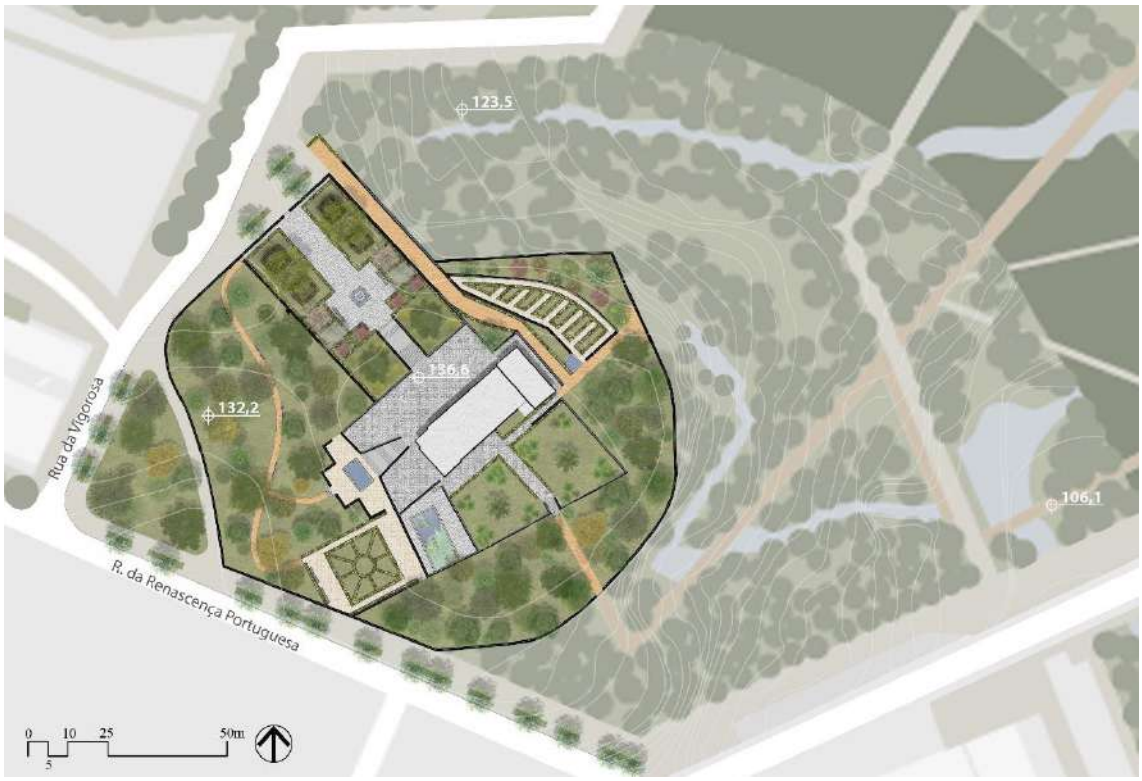


Figura 81: Integração da proposta de recuperação do jardim histórico com o projeto de arquitetura paisagista do Parque das Antas (Fonte: Autora).

Apesar das modificações impostas pela recuperação do carácter do lugar, o estudo proposto teve a preocupação em criar uma transição sensível e harmônica entre o jardim histórico e o novo parque, respeitando os eixos de circulação propostos pela CMP, e posicionando a zona de mata do interior da quinta na borda adjacente ao parque, com a intenção de manter a unidade do coberto arbóreo e favorecer a sua conexão a partir de um habitat mais rico e diverso, garantindo um equilíbrio ecológico em meio urbano.

6. Considerações finais

Os jardins históricos são lugares de memória que guardam saber acumulado e, ao longo da história da humanidade, têm servido de laboratório para se perceber como gerir os recursos naturais e de que forma podemos ter mais sustentabilidade, quer nos materiais, quer nas técnicas, na gestão otimizada da água e na utilização seletiva de espécies vegetais autóctones e exóticas.

Assim, e como acontece com tantos outros jardins históricos, a Quinta de Salgueiros já foi bastante modificada pelo tempo e enfrenta sérios problemas de conservação e de

manutenção. Nesse sentido, a produção de conhecimento é fundamental para permitir uma futura recuperação e perpetuação do seu tecido histórico.

O estudo e a proposta de recuperação para o jardim da Quinta de Salgueiros permitiram realçar a importância desse espaço verde urbano no quotidiano e reconhecer o valor e o caráter do local a fim de privilegiar uma cultura paisagista que reconhece os jardins como um bem fundamental para contar a história da paisagem onde vivemos. O processo de projeto desenvolvido teve, principalmente, presente o factor sustentabilidade e o valor patrimonial do local. Assim, respondendo às três dimensões – ambiental, social e econômica – a proposta apresentada visa renovar a função social desse espaço, criando oportunidades de recreio e de vivência para a comunidade local; a utilização de materiais duráveis e reutilizados ou obtidos localmente; e a correta utilização e gestão dos recursos naturais presentes.

A intenção de recordar o jardineiro-paisagista Jacintho de Mattos é conseguida através da interpretação do seu trabalho, com um jardim marcante na paisagem, com abundantes espécies ornamentais que vão ao encontro da variedade hortícola de Oitocentos.

No tocante à integração do jardim histórico com o parque público previsto pela Câmara Municipal, a proposta desenvolvida privilegia as características marcantes do jardim histórico e busca o equilíbrio entre unidade e diversidade a fim de atingir um conjunto harmonioso.

Anexos

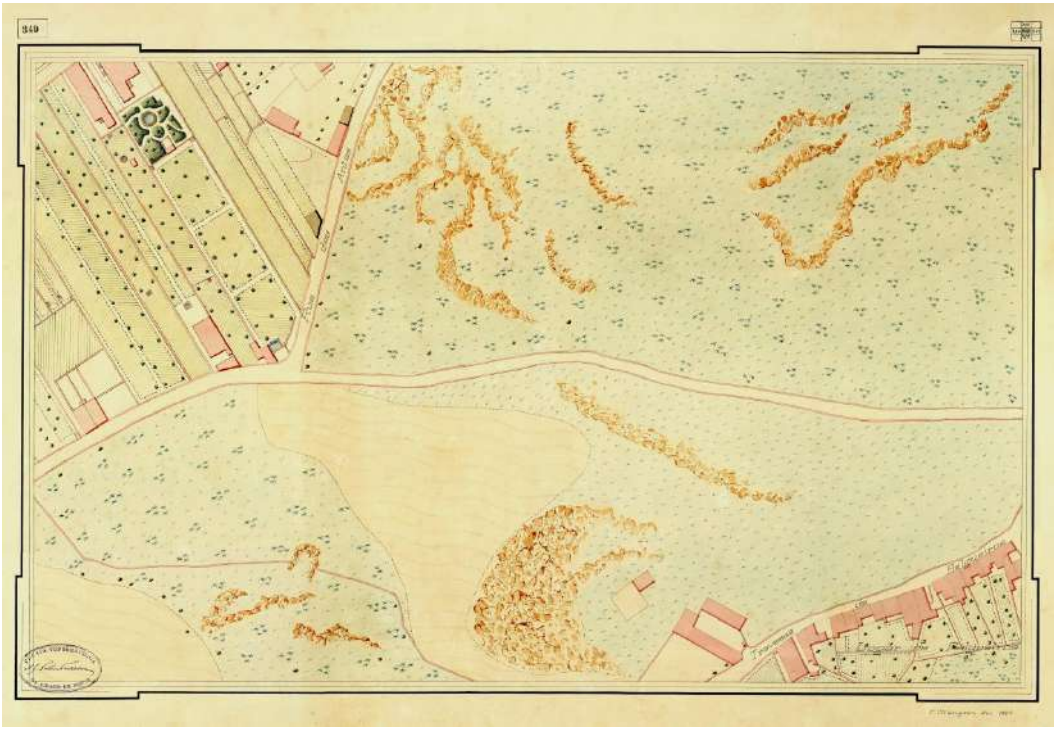
ANEXO 1: Planta da cidade do Porto e arredores. (Beauvoisin, 1832)



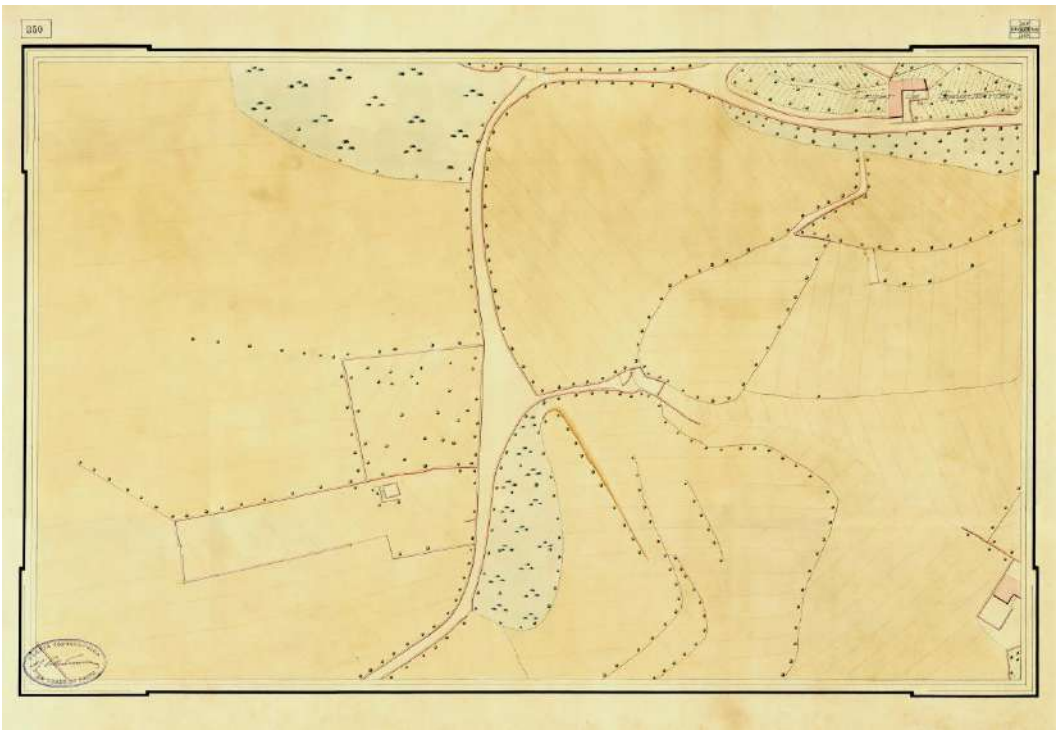
ANEXO 2: Carta geral das linhas do exército liberal e absolutista, no cerco do Porto [Fonte: (Moreira, 1834b)].



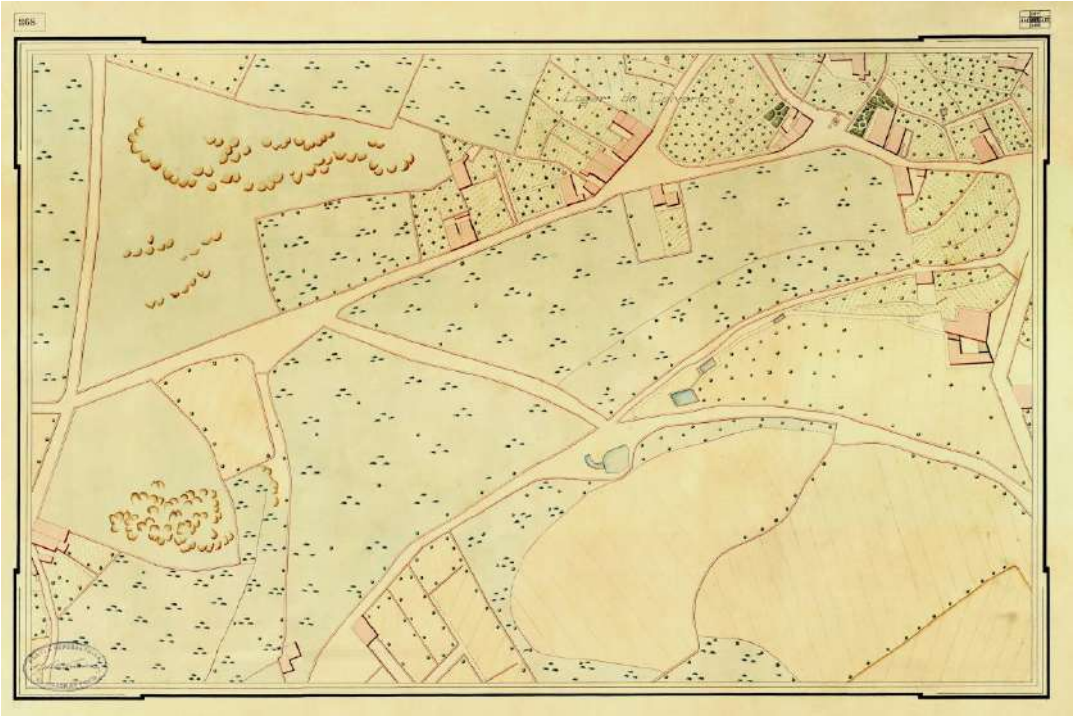
ANEXO 3: Planta topográfica da cidade do Porto, à escala 1:500, quadrícula 349 [Fonte: (Ferreira, 1892b)]



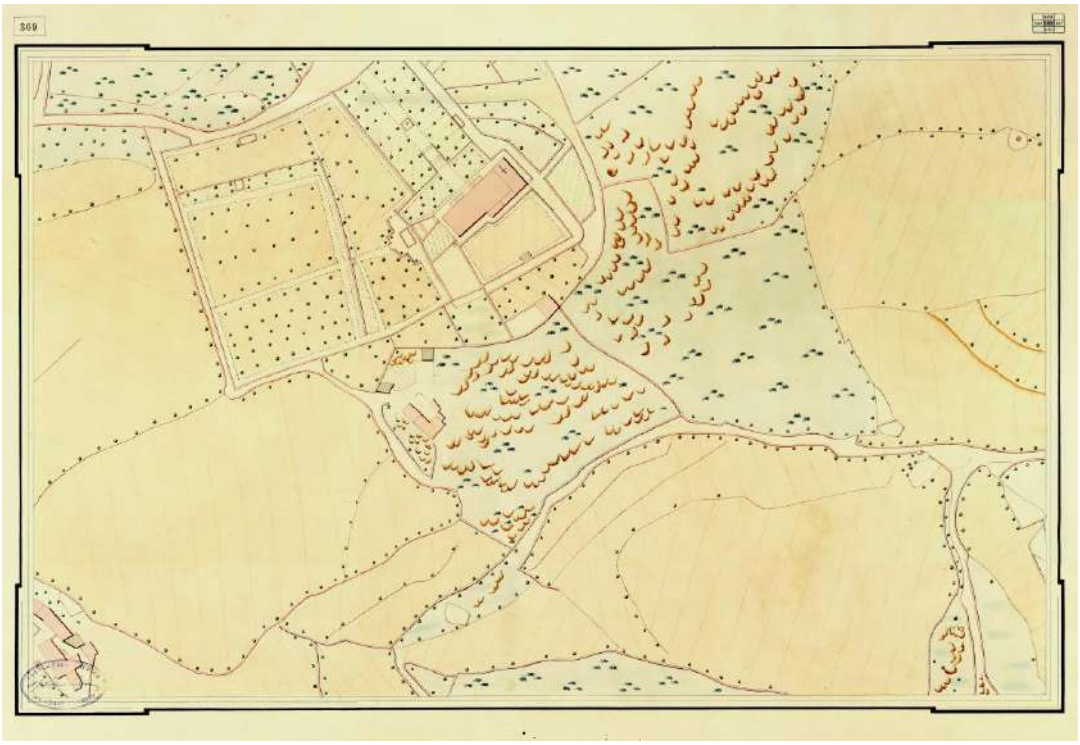
ANEXO 4: Planta topográfica da cidade do Porto, à escala 1:500, quadrícula 350 [Fonte: (Ferreira, 1892c)].



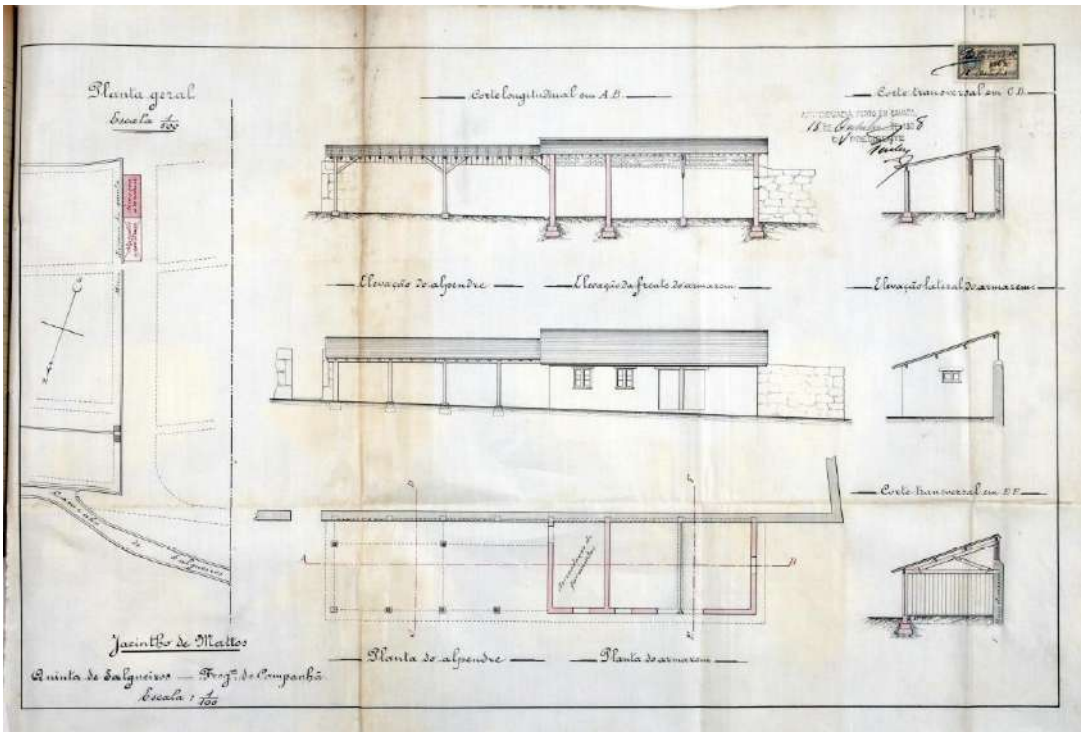
ANEXO 5: Planta topográfica da cidade do Porto, à escala 1:500, quadrícula 368 [Fonte: (Ferreira, 1892d)].



ANEXO 6: Planta topográfica da cidade do Porto, à escala 1:500, quadrícula 369 [Fonte: (Ferreira, 1892d)].



ANEXO 7: Desenhos de Jacintho de Mattos retirados da Licença de obra n.º 970 [Fonte: (CMP, 1908)]



ANEXO 8: Gunnera scabra fotografada nos viveiros de Jacintho de Mattos [Fonte: (Mattos, 1910)]



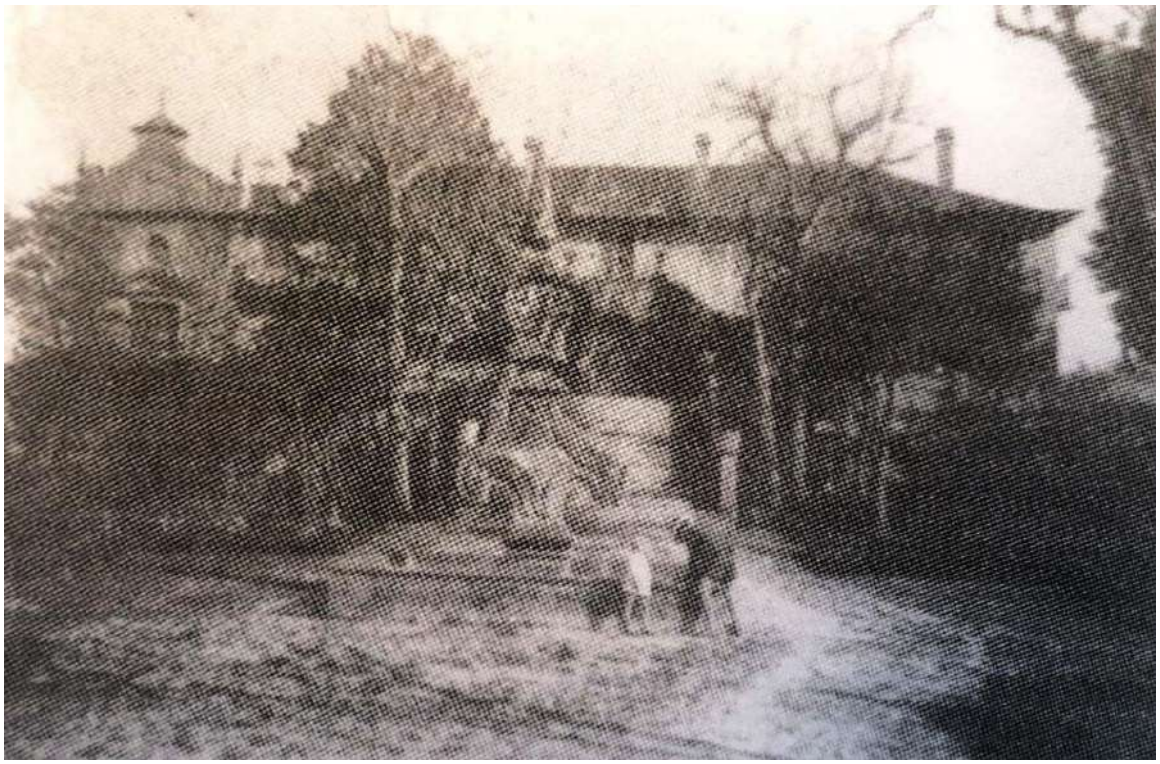
ANEXO 9: Cartoimagem do Porto 1940-2000 [Fonte: (CMP, n.d.)].



ANEXO 10: Vista aérea do Estádio das Antas e da Quinta de Salgueiros [Fonte: (CPF, 1955)]



ANEXO 11: Fotografia antiga da Quinta de Salgueiros [Fonte: (Afonso, 2005)]



Bibliografia

Afonso, J. F. (2005). O Porto de Pedro Teixeira. *O Tripeiro*, 101–104.

Almeida, C. A. F. de. (1978). *A Arquitectura românica de Entre-Douro-e-Minho*. Universidade do Porto.

Andresen, T.; Marques, T. P. (2001). *Jardins Históricos do Porto*. Lisboa: Inapa.

Araújo, I. A. de. (1962). *Arte Paisagista e Arte dos Jardins em Portugal*. Lisboa: Direcção Geral dos Serviços de Urbanização.

Araújo, I. A. de. (1974). *Quintas de recreio: breve introdução ao seu estudo, com especial consideração das que em Portugal foram ordenadas durante o século XVIII* (Vol. 27, F). Congresso Internacional de Estudos em Homenagem a André Soares, Sep. Bracara Augusta.

Barreiros, B. (1940). *Planta topográfica do Porto*. GEO PDM. https://geopdm.cm-porto.pt/pocqs

Barros, A., Gonçalves, D., Grogg, L., & Rosa, T. (2021). *Quinta e Casa de Salgueiros, A descoberta e interpretação do passado.* Universidade do Porto.

Beauvoisin, C. (1832). *Planta da cidade do Porto e arredores*.

Bilhete Postal de Jacintho de Mattos. (n.d.). Fórum Cidadania Porto. Retrieved January 28, 2021, from http://cidadaniaprt.blogspot.com/2017/11/quinta-de-salgueiros-projecto-global-de.html

Cabral, F, C.; Telles, Gonçalo Ribeiro (1999). *A Árvore em Portugal*. Lisboa: Assírio & Alvim.

Capela, J. V., Matos, H., & Borralheiro, R. (2009). *As Freguesias Do Distrito Do Porto Nas Memórias De 1758*. Braga.

Carita, H., Cardoso, A. H., & Cardoso, M. E. (1987). *Tratado da Grandeza dos Jardins em Portugal ou da Originalidade e Desaires Desta Arte* (Circulo do).

CMP. (n.d.). Cartoimagem do Porto 1940-2000. In *GEO PDM*. Retrieved April 17, 2021, from https://geopdm.cm-porto.pt/pocqs

CMP. (1873). *Planta topográfica das aldeias de Contumil e Salgueiros*. Arquivo Histórico Do Porto D-CMP/3(250). http://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/23748/?q=quinta+dos+salgueiros

CMP. (1908). *Licença de obra n.º 970*. Arquivo Histórico Do Porto Identificador 76363. http://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/76363/?

CMP. (1916). *Projecto de alteração da casa - Licença de obra n.º: 870/1916*. Arquivo Municipal Do Porto Identificador 84918. http://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/84918/?q=870%2F1916

CMP. (1979a). *Cartoimagem do Porto*. GEO PDM. https://geopdm.cm-porto.pt/pocqs

CMP. (1979b). *Fotografia Aérea*. GEO PDM. https://geopdm.cm-porto.pt/pocqs

CMP. (1992). *Fotografia Aérea*. GEO PDM. https://geopdm.cm-porto.pt/pocqs

CMP. (2014). *Planta de Implantação - Plano de Pormenor das Antas*. DRE - Aviso n.º 11535/2014. https://dre.pt/home/-/dre/58361831/details/maximized

CMP. (2020a). *Plano Diretor Municipal Estudos Urbanísticos Municipais*.

CMP. (2020b). *Planta de Ordenamento - Carta de Estrutura Ecológica Municipal*. PLano Diretor Municipal. https://pdm.cm-porto.pt/documentacao/

CMP. (2020c). *Revisão do Plano Diretor Municipal do Porto - Discussão Pública*.

Coelho, S. V. (2018). Sistemas Defensivos da Cidade do Porto 1809-1833. In *Colóquio Património e Arqueologia*.

Construção do Estádio das Antas. (1950). Blogue Monumentos Desaparecidos. http://monumentosdesaparecidos.blogspot.com/2009/10/

CPF. (1955). *Vista aérea do Estádio das Antas e da Quinta dos Salgueiros*. Centro Português de Fotografia, Código de Referência PT/CPF/TAV/VA/0047/000117. https://digitarq.cpf.arquivos.pt/details?id=9928

Dean & Munday Lithographer. (1833). *Plano da Cidade e Arredores do Porto*. Arquivo Histórico Do Porto, Identificador 611057.

Direcção Geral do Planeamento Urbanístico. (1978). *Planta Topográfica na escala*

1:5000, folha 122-2-3. Gisa Web. http://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/638863/?

Estádio das Antas finalizado. (n.d.). Blogue Monumentos Desaparecidos. Retrieved May 3, 2021, from http://monumentosdesaparecidos.blogspot.com/2009/10/

Fado Land Investment, Sociedade Unipessoal, L. (2019). *Estudo de Impacte Ambiental do Loteamento da Malha 2 do Plano de Pormenor das Antas: Vol. II*.

Ferreira, A. G. T. (1892a). *Folha 3 da planta da cidade do Porto, à escala 1:5000*. Arquivo Municipal Do Porto, Identificador 714712. http://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/714712/?q=lugar+de+salgueiros

Ferreira, A. G. T. (1892b). *Planta topográfica da cidade do Porto, à escala 1:500, quadrícula 349*. Arquivo Municipal Do Porto, Identificador 519760. http://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/519760/?q=quadrícula+349

Ferreira, A. G. T. (1892c). *Planta topográfica da cidade do Porto, à escala 1:500, quadrícula 350*. Arquivo Municipal Do Porto, Identificador 519762. http://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/519762/?q=quadrícula+350

Ferreira, A. G. T. (1892d). *Planta topográfica da cidade do Porto, à escala 1:500, quadrícula 368*. Arquivo Municipal Do Porto, Identificador 519798. http://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/519798/?q=quadricula+368

Gonçalves, J. (2020). *Quinta de Salgueiros (des)espera por urgente intervenção de requalificação após décadas de abandono*. Jornal ETC e TAL. https://etcetaljornal.pt/j/2020/01/quinta-de-salgueiros-des-espera-por-urgente-intervencao-de-requalificacao-e-salvaguarda-do-seu-patrimonio-arquitetonico-e-natural-apos-decadas-de-abandono/

Google Earth Pro. (2003).

Google Earth Pro. (2021).

Grupo de facebook: SOS Quinta de Salgueiros - Antas. (n.d.). Retrieved August 23,

2021, from https://www.facebook.com/SOSQuintaDeSalgueiros/?ref=page_internal

Guimarães, F. I. V. M. (2018). Duas quintas : Cepeda e Salgueiros : viagem pela história das quintas mais emblemáticas da zona de Campanhã. *O Tripeiro*, *s.7 a.37*, 24–26.

Henriques, F. M. A. (1994). Algumas reflexões sobre a conservação do património histórico edificado em Portugal. *2º ENCORE, Encontro Sobre Conservação e Reabilitação de Edifícios. Vol. I*.

ICOMOS-IFLA. (1981). *Carta de Florença Sobre a Salvaguarda de Jardins Históricos*.

Jellicoe, G.; Jellicoe, S. (1995). *The Landscape of man: shaping the environment from prehistory to the present day.* Londres: Thames and Hudson.

Juliani, L. (1996). *Gestão Arqueológica em Metrópoles: uma proposta para São Paulo.* Universidade de São Paulo.

Junior, J. B. (1909). Contribuição para a hygiene do Porto - Anályse sanitária do seu abastacimento em água potável. *Escola Médico-Cirúrgica Do Porto*.

Junta de Freguesia de Campanhã. (2015). *História de Campanhã*. https://www.campanha.net/index.php/historia

Marques, T. D. P. (2009). *Dos jardineiros paisagistas e horticultores do Porto de Oitocentos ao modernismo na arquitectura paisagista em Portugal*.

Mattos, J. de. (1910). *Catálogo Geral de Plantas e Sementes, nº 28.*

Meireles, A. J. N. de. (1840). *O Cerco do Porto em 1832 para 1833*. Typografhia de Faria & Silva.

Meireles, M. F., & Rodrigues, A. B. V. (1991). *Campanhã Estudos Monográficos*. Junta de Freguesia de Campanhã, Câmara Municipal do Porto.

Moreira, C. E. (1834a). *Álbum de litografias relativas às fortificações militares do Cerco do Porto, incluindo: Carta topográfica das linhas do Porto*. Arquivo Municipal Do Porto, Identificador 371658. http://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/371658/

Moreira, C. E. (1834b). *Carta geral das linhas do exército liberal e absolutista, no cerco do Porto*.

Owens, S. (1992). Energy, Environmental Sustaintability and Land-use Planning. *In M. Breheny (Ed.), Sustainable Development and Urban Form (79-105)*.

Planta com a delimitação do Viveiros das Antas de Jacintho de Mattos. (n.d.). Pedido de Reabilitação e Classificação Da Quinta Dos Salgueiros, Antas, Concelho Do Porto (Processo Nº 86/3-38). Retrieved January 28, 2021, from https://issuu.com/miguela.rodrigues/docs/quinta-de-salgueiros-porto

Ramalho, F. de M., Ramalho, A. J. de M., & Sousa, M. J. de M. R. A. de. (2000). *Pela Salvaguarda, Classificação e Reabilitação da Quinta de Salgueiros às Antas (Porto) enquanto Espaço Cultural e de Lazer*. Petição Pública. https://peticaopublica.com/pview.aspx?pi=PT86412&fbclid=IwAR1oVfxbnHGc3_LLf8ICAXnatgMQcsk98FWvfAY3A0dqadkgKlUFJidPbNQ

Ramalho, J. da C. (1931). *Carta de João da C. Ramalho - Viveiro das Antas para Joaquim*. Arquivos Serralves, Cota Descritiva: PT/FS/CAC/L/A/1/1/. http://arquivos.serralves.pt/details?id=52435

Rego, T. (1950). *Destaque para o jardim e para as fachadas da casa e da capela*. Blogue Monumentos Desaparecidos. http://monumentosdesaparecidos.blogspot.com/search?q=salgueiros

Rego, T. (1961). *Aspecto geral do jardim e da casa da Quinta de Salgueiros às Antas, com o n.º 341, na rua da Vigorosa. Construção do século XVIII.* Arquivo Municipal Do Porto, Identificador 338153. http://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/338153/?

Silva, S., & Carvalho, P. (2014). O turismo de jardins em Portugal: Realidade ou utopia? Uma análise aos tours de jardins no país. *Revista Turismo & Desenvolvimento*, 21–22.

SIPA. *"Quinta dos Salgueiros / Quinta dos Ingleses"* [Internet]. Lisboa: Direção-Geral do Património Cultural (DGPC). [Cons. 2021] Disponível em: http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=5444

Sousa, M. J. de M. R. A. de;, Ramalho, F. M., & Ramalho, A. J. de M. (2000). *Pedido de Reabilitação e Classificação Da Quinta Dos Salgueiros, Antas, Concelho Do Porto (Processo No 86/3-38)*. https://issuu.com/miguela.rodrigues/docs/quinta-de-salgueiros-porto

Souza, M. C. (n.d.). *Cultivo de rosas no Viveiro das Antas*.

SPLAL. (1939). *Fotografia aérea da cidade do Porto fiada 24A, n.º 574*. Arquivo Municipal Do Porto, Identificador 589703. http://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/589703/?q=574

The Australia ICOMOS Charter for the Conservation of Places of Cultural Significance. (1981). (The Burra Charter) (Australia ICOMOS), updated in 2013.

The Nara Document on Authenticity (1994).